

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO
E
GEOGRAPHICO DE SERGIPE

Fundado em 1912, reconhecido como de utilidade publica pela lei estadual n.º 694, de 9 de Novembro de 1915, considerado de utilidade continental pela Resolução n.º 58 do Congresso Americano de Bibliographia e Historia de Buenos-Ayres, em 1916, e reconhecido como de utilidade publica pelo Decreto federal n.º 14.074, de 19 de Fevereiro de 1920.

ANNO V

VOL. V

REDACTORES

Desembargador Liberio de Souza Monteiro, Dr. Alvaro
Fontes da Silva e Dr. Antonio Baptista Bittencourt.

Typ. Commercial - Aracajá
1920

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO

E

GEOGRAPHICO DE SERGIPE

Fundado em 1912, reconhecido como de utilidade publica pela lei estadual n.º 694, de 9 de Novembro de 1915, considerado de utilidade continental pela Resolução n.º 58 do Congresso Americano de Bibliographia e Historia de Buenos-Ayres, em 1916, e reconhecido como de utilidade publica pelo Decreto federal n.º 14.074, de 19 de Fevereiro de 1920.

ANNO V

VOL. V

REDACTORES

Desembargador Liberio de Souza Monteiro, Dr. Alvaro
Fontes da Silva e Dr. Antonio Baptista Bittencourt.

Instituto Histórico e Geográfico
de Sergipe. 1920.

UBIQUE PATRIÆ MEMOR

Numero especial

consagrado á commemoração
do 1.º Centenario da Emancipação
política de Sergipe.

« Sergipe, então d'El-Rei, logo o terreno
De que viste a belleza e perspectiva ;
Nem cuido que outro exista mais ameno
Nem donde com mais gôsto a gente viva :
Clima saudavel, céu sempre sereno,
Mitigada na nevoa a calma activa,
Palmas, mangues, mil plantas na espessura,
Não ha depois do céu, mais formosura. »

Frei José de Santa Ritta Durão.

(Poema epico — Caramurú —)



Aracajú, 8 de Julho de 1920.

DIRECTORIA

DO

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

Periodo social de 1919 a 1921

Presidente Honorario — Dr. José Joaquim Pereira Lôbo
Presidente Effectivo — Des.^{or} Manoel Caldas Barretto Netto
1.^o Vice-Presidente — Major Manoel Joaquim Pereira Lôbo
2.^o Vice-Presidente — Almirante Amynthas José Jorge
Orador — Dr. Antonio Manoel de Carvalho Netto
Secretario Geral — Dr. Adolpho Avila Lima
1.^o Secretario — Dr. Luiz José da Costa Filho
2.^o Secretario — Amphilouio Valle
Thesoureiro — Coronel José da Silva Ribeiro.

COMMISSÕES PERMANENTES

REDACÇÃO DA REVISTA

- 1 — Desembargador Liberio de Souza Monteiro
- 2 — Dr. Alvaro Fontes da Silva
- 3 — Dr. Antonio Baptista Bittencourt.

FAZENDA E ORÇAMENTO

- 1 — Desembargador Evangelino de Faro
- 2 — Desembargador Simeão Telles de Menezes Sobral
- 3 — Elias Carmelo.

HISTORIA

- 1 — Dr. Joaquim do Prado Sampaio Leite
- 2 — Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles
- 3 — Prof. Francisco Antonio de Carvalho Lima Junior.

GEOGRAPHIA

- 1 — Desembargador Manoel Armindo C. Guaraná
- 2 — Dr. Gentil Tavares da Motta
- 3 — Academico Florentino Menezes.

MANUSCRIPTOS E AUTOGRAPHOS

- 1 — Desembargador João Maynard
- 2 — Desembargador Antonio Teixeira Fontes
- 3 — Dr. Mario de Menezes.

ADMISSÃO DE SOCIOS

- 1 — Desembargador Lupicino Barros
- 2 — Dr. Nyceu Dantas
- 3 — Prof. Arthur Fortes.



D. João VI

REI DE PORTUGAL, BRASIL E ALCARVES

Signatario do Decreto de 8 de Julho de 1820,
dado e passado no Palacio do Rio de Janeiro.

1820



1920

O Decreto de 8 de Julho de 1820

Conde de Palma do Meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania da Bahia, Amigo : Eu El-Rei vos envio muito saudar como aquelle que amo.

Convindo muito ao bom regimen deste Reino do Brasil, e a prosperidade a que Me proponho Eleva-lo, que a Capitania de Sergipe d'El-Rei tenha hum Governo independente do dessa Capitania ;

Hei por bem por Decreto da data desta, izenta-la absolutamente da sugeição em que até agora tem estado desse Governo, Declarando-a independente totalmente para que os Governadôres della a governem na forma praticada nas mais Capitancias independentes, communicando-se directamente com as secretarias de Estado competentes e podendo conceder sesmarias na forma das Minhas Reaes Ordens.

O que Me pareceu participar-vos para que assim o tenhais entendido.

Escrevo no Palacio do Rio de Janeiro em oito de Julho de mil oitocentos e vinte.

Rey.



Homenagem

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SERGIPE

aos pró-homens que com os seus gigantescos esforços politicos e intellectuaes conquistaram, ha cem annos passados, a emancipação ou a independencia politica da Capitania de Sergipe d'El-Rey.

Que a memoria das suas preciosas cinzas nunca se aparte do pensamento e da gratidão dos sergipanos, na presente e nas posteras gerações.

Vultos Historicos

que ha um seculo tomaram parte

no movimento politico da

Emancipação de Sergipe.

Capitão Luiz Francisco Freire
Padre Ignacio Antonio Dormundo Roxa
Padre Serafim Alves da Rocha Rocha
Manoel de Deos Machado (Sargento-Mór)
Henrique Luiz de Araujo Maciel (Capitão-Mór)
Capitão João Simões dos Reis
Ignacio Dias de Oliveira (Advogado)
Manoel Vicente de Carvalho e Aranha (Advogado)
Coronel José Rodrigues Dantas e Mello
Brigadeiro José Antonio Neves Horta
João Fernandes Chaves (Sargento-Mór)
Coronel Vicente Luiz de Freitas Barretto
Brigadeiro Manoel Fernandes da Silveira
Padre Francisco Felix Barretto de Menezes
Brigadeiro José de Barros Pimentel
Manoel Ignacio da Silveira
Coronel Sebastião Gaspar de Almeida Bote
Padre Luiz Correa Caldas Lima
Francisco Gonçalves Valença
Padre Antonio José Gonçalves de Figueiredo
Bento Antonio da Conceição Mattos
José Manoel Machado de Araujo
Pedro Christino de Sousa Gama
José Rodrigues Basto
Padre José Francisco de Menezes Sobral
José Pinto de Carvalho
Padre Manoel Antonio Dormundo
Joaquim Martins Fontes (Capitão-Mór).



Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lôbo

Presidente deste Estado, em 1920,
anno do 1.^o Centenario da Emancipação Política de Sergipe.



As commemorações

A proposito do 1.º Centenario da Emancipação
política de Sergipe.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SERGIPE

ACTA

Da primeira sessão extraordinaria do anno de 1919.

Aos nove dias do mês de Fevereiro de mil novecentos e dezenove (1919), ás 18 horas, na séde do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, á rua de Maroim, desta cidade de Aracajú, presentes o exm. sr. coronel dr. José Joaquim Pereira Lôbo, Presidente do Estado e Presidente honorario do Instituto; exm. d. José Thomaz Gomes da Silva, bispo de Aracajú e representante do Governador do Estado de Matto Grosso; capitão de corveta Oscar Lins de Azevedo, capitão dos Portos deste Estado e representante do sr. almirante Ministro da Marinha; a maioria dos socios, muitas auctoridades civis e militares, representantes da imprensa e crescido numero de senhoras e senhoritas, foi pelo exm. sr. desembargador Manoel Caldas Barretto Netto, presidente effectivo do Instituto, aberta a sessão, tendo em seguida s. ex. proferido algumas palavras sobre o objectivo d'aquella reunião e declarado que se congratulava com todos os seus illustres consocios pela presença do exm. sr. coronel dr. Pereira Lôbo, Presidente do Estado, a quem, em obediencia ao disposto no artigo 7º dos Estatutos, ia passar a cadeira presidencial do Instituto Historico, do qual é s. ex. presidente honorario, tomando assim posse do seu respectivo cargo.

Com assento na cadeira presidencial do Instituto, s. ex. o sr. dr. Pereira Lôbo pronunciou substancioso discurso, a respeito da sua posse, da solennidade e fins da sessão, sendo as ultimas palavras de s. ex. abafadas por uma estrondosa salva de palmas.

Em seguida mandou s. ex. ler a acta da sessão anterior, que posta em discussão, foi unanimemente approvada.

Passando-se á leitura do expediente, foram lidos varios officios e telegrammas transmittidos ao Instituto, inclusive o do exm. sr. d. José, digno bispo desta Diocese, o qual vae na integra :

« Exm. sr. desembargador Manoel Caldas Barretto Netto, d. d. Presidente do Instituto Historico e Geographico de Sergipe.

Com o maior desvanecimento registro o recebimento do honroso officio de v. ex. de 28 do espirante mês, communicando-me a designação de representar o glorioso Estado de Matto Grosso por occasião da conferencia que o 1º secretario do nosso Instituto, dr. Costa Filho, realizará a 9 de Fevereiro proximo, sobre o Barão de Melgaço, o egregio geographo e patriota Augusto Leverger.

Nimiamente penhorado pela summa gentileza de v. ex., confesso toda a minha gratidão pela subida deferencia da representação do referido Estado, deferencia tanto maior por quanto actualmente tem a felicidade de dirigir-lhe o timão de seu Governo um dos mais illustres prelados do Episcopado Catholico.

Deus guarde a v. ex.^a

† *José Thomaz Gomes da Silva*, bispo de Aracajú ».

Depois, passando-se á ordem do dia, pediu a palavra s. ex. o sr. desembargador Caldas Barretto e disse que:—« aproveitando a solennidade daquella reunião, dignamente presidida pelo primeiro magistrado do Estado, e se approximando a data mais grandiosa da nossa historia patria, o 1º centenario da emancipação politica de Sergipe, a 8 de Julho de 1920, assistia-lhe o dever de levar ao conhecimento dos seus prezados consocios que o Instituto Historico e Geographico de Sergipe, em harmonia de vistas com o Governo do Estado, commemorará a passagem dessa memoravel data.

Para o que, resolvera s. ex., desde já, designar a commissão seguinte composta de socios do Instituto, afim de se desempenhar desse patriotico encargo: Eis a commissão executiva das festas do 1º Centenario da Emancipação politica de Sergipe em 8 de Julho de 1920 :

Coronel dr. José Joaquim Pereira Lôbo, presidente; dr. Alvaro Fontes da Silva, secretario geral; coronel José da Silva Ribeiro, thesoureiro; d. José Thomaz Gomes da Silva, dr. Deodato da Silva Maia, desembargador Evangelino de Faro, desem-

bargador Antonio Teixeira Fontes, major Manoel Joaquim Pereira Lôbo; dr. Antonio Baptista Bittencourt, dr. Gentil Tavares da Motta e dr. Luiz José da Costa Filho.

Em seguida, o dr. Costa Filho uzando da palavra acclamou o nome do sr. desembargador Caldas Barretto, para vice-presidente da mesma commissão, o que foi unanimemente approvado.

Depois, dada a palavra ao conferencista, assomou a tribuna do Instituto o dr. Costa Filho, que durante quarenta minutos dissertou brilhantemente sobre a gloriosa vida do grande patriota, historiador e geographo, Augusto Leverger, barão de Melgaço, sendo vivamente applaudido ao terminar a sua bellissima dissertação.

Por ultimo, discursou com muita eloquencia o sr. capitão de Corveta Oscar Lins de Azevedo, representante do sr. almirante Ministro da Marinha, sendo muito applaudido pelo seu profundo e bello discurso, de congratulações e agradecimentos ao Instituto pela patriotica ideia de homenagear Leverger.

Ao encerrar a sessão s. ex. o sr. coronel Pereira Lôbo agradeceu o comparecimento de tão distincto audictorio.

Por determinação do sr. capitão tenente Marcellino José Jorge Filho, brioso e digno commandante da Escola de Aprendizes Marinheiros deste Estado, achava-se presente a sessão, para ouvir a conferencia sobre o barão de Melgaço, uma companhia de aprendizes da mesma Escola, representando tambem a Marinha Nacional.

E, para constar, eu Amphiloquio Valle, segundo secretario interino, lavrei e assigno a presente acta.

AMPHILOQUIO VALLE

2º secretario interino.

Acta da 1.^a reunião da Commissão Executiva do Centenario da Emancipação Politica de Sergipe:

Aos dezesseis dias do mez de Abril de mil novecentos dezenove, nesta cidade de Aracajú, Capital do Estado de Sergipe, no salão nobre do Palacio da Presidencia, presentes os Senhores: Exm.^o Sr. Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lôbo, Presidente do Estado; D. José Thomaz, Bispo desta Diocese; Dr. Alvaro Silva, Secretario Geral do Estado; Desembargador Manoel Caldas Barreto Neto, Presidente do Tribunal da Relação; Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, Juiz Federal; Dr. Antonio Baptista Bittencourt, Intendente Municipal; Dr. Gentil

Tavares da Motta, deputado estadual; Coronel João Neto, deputado estadual; Coronel Sabino Ribeiro, Presidente da Associação Commercial; Major Manoel Joaquim Pereira Lôbo, chefe do Serviço de Recrutamento; Desembargadores Evangelino José de Faro e Antonio Teixeira Fontes; Coronel José da Silva Ribeiro, commerciante; Professor Dr. Luiz José da Costa Filho; Dr. Francisco Monteiro de Almeida, Consultor Juridico do Estado; Professor Francisco de Carvalho Lima Junior; Capitão Jacintho Ribeiro, Conego Floduardo Fontes, Coronel Antonio Gomes da Cunha Junior, Director de Finanças e Dr Adolpho Avila Lima, foi, pelo Exm.^o Sr. Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lôbo, Presidente do Estado e Honorario do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, declarada aberta a sessão.

Com a palavra, o Exm.^o Sr. Desembargador Caldas Barreto, pronunciou o seguinte discurso: Exm.^o Sr. Presidente da Comissão Executiva do 1.^o Centenario da Emancipação politica de Sergipe:—Meus senhores: Aos nove dias do mez de Fevereiro ultimo, em sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, deante de numeroso e selecto audictorio, manifestei, em breve allocução, a idéa de ser solennizada, com toda a magnificencia e esplendor, a passagem do 1.^o Centenario da nossa emancipação politica, que terá logar a 8 de Julho do anno proximo vindouro. Aceita com geraes applausos e proverbial sympathia essa minha indicação, e approvada com manifesto assentimento pelo Exm.^o Sr. Dr. Pereira Lôbo, mui digno Presidente do Estado, que ali se achava presente, dirigindo os trabalhos daquella magna sessão, foi, em seguida, acclamada a comissão executiva encarregada da ingente e nobilissima tarefa de dirigir essa patriotica commemoração, esse feito mais nobilitante da nossa historia, em que serão brilhantemente lembradas, estou certo, as figuras representativas de nossas civicas e gloriosas tradições daquella immorredoura época. Senhores, dar-se-á hoje a primeira reunião para deliberarmos sobre os melhores meios de se celebrar condignamente o anniversario da Emancipação politica de nossa querida Patria, que é Sergipe, facto que occorreu em 8 de Julho do anno de 1820, no reinado do glorioso monarcha D. João VI.

Não devemos, portanto, deixar em silencio, despercebidamente, tão memoravel acontecimento, que constitue a mais bella pagina da nossa vida social e politica. Não devemos desfallecer ante os trabalhos e difficuldades outras que possam surgir para o feliz exito dessa idéa, que não é sómente minha, mas de todos os Sergipanos, que amam ardentemente este abençoado torrão.

Senhores, quem não puder contribuir com o seu escóte intellectual, poderá concorrer com a sua quota pecuniaria. De uma ou de outra fórma cumprirá, por certo, o seu dever de Sergipano. Não devemos, repito, deixar de lembrar o autor da

nossa Emancipação politica, que, como o sabeis perfeitamente, foi D. João VI, cuja vida já foi minuciosa e profundamente estudada por um dos nossos maiores historiadores, Dr. Oliveira Lima, em sua obra de carinho e reconhecimento pelo fundador da nacionalidade Brasileira, trabalho de reabilitação devéras enternecedor sobre aquelle inesquecível soberano. «E' antes um grito de gratidão da raça ao homem que precipitou o advento do Brasil como Nação, e, cujo altivo gesto permittiu que a independencia nos não trouxesse solução de continuidade com a alma heroica dos grandes conquistadores peninsulares, mas nos fizesse venerar as tradições dos nossos maiores portuguezes, como estímulos prodigiosos para uma trajectoria promissora e illustre do planeta que habitamos.»—Nós, senhores, nesse grandioso dia, precisamos erigir em bronze um monumento a Tobias Barreto, o mais insigne dos Sergipanos, que já se foram para as plagas da outra vida, collocando-se no pedestal de sua estatua uma placa commemorativa dos grandes feitos da nossa emancipação politica.

Como bem sabeis, já foram cedidas ao Instituto Historico os venerandos ossos do immortal Sergipano, os quaes se acham depositados no Cemiterio de Santo Amaro, na cidade do Recife.

Após esse acto de reconhecida justiça e alto civismo, devemos distribuir medalhas de bronze, como lembrança das festas do 1º Centenario da Emancipação politica de Sergipe, á semelhança do que se pratica em todas as solennidades dessa especie. Necessitamos tambem da collaboração de todos os intellectuaes Sergipanos, residentes dentro e fóra do Estado, para escreverem memorias sobre o magno assumpto, as quaes serão publicadas em numero especial da Revista do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, sendo para isso remettidas ao Sr. Dr. Secretario Geral da Comissão Executiva, até o mez de Fevereiro do anno vindouro.

Finalmente, faz-se mister, sem perda de tempo, que nessa maior data Sergipana, já tenhamos a nossa carta Geographica, sendo escoimada de todos os erros, afim de ser distribuida pelos Estados da Federação, pelas escolas publicas e particulares, pelos Institutos Historicos e pelas bibliothecas publicas do nosso Paiz, prestando d'est'arte V. Ex.ª, Sr. Presidente, inestimaveis serviços á terra que lhe serviu de berço geralmente tão pouco conhecida. Esta idéa, meus Senhores, por varias vezes tem sido aventada no Instituto, pelo illustre Dr. Costa Filho. São essas, em fechada synthese, as indicações que de momento tenho a subida honra de apresentar a V. Ex.ª para serem submittidas á discussão e approvação dos illustrados membros da Comissão Executiva do 1º Centenario da nossa Emancipação politica. Este discurso foi muito applaudido.

Em seguida pediu a palavra o Dr. Costa Filho, que em bello discurso fez a exposição da proposta offerecida á Commissão Executiva do 1º Centenario da Emancipação politica de Sergipe, começando assim a sua oração:— « Tenho uma proposta a offerer ao criterio e ao pratico entendimento da vossa discussão e do vosso entendimento. Para maior realce e mais proveito da festiva commemoração com que projectamos, em hora tão feliz, marcar a data do 1º Centenario da nossa Independencia Politica, eu desejaria que a vossa elevada cultura e o vosso ponderado patriotismo homologassem, saccionassem, approvassem, a idéa aqui presente na pessoa humilde que vos fala, de ser levantada a carta geographica de Sergipe, fiel, exacta, perfeita e real

Não a possuímos ainda, e lamentavel se me afigura a mim, que cem annos de livre evoluir e autonomo desenvolvimento intellectual, scientifico e social, poucos fossem para a projecção do retrato geophysico deste estremecido e doce torrão natal, céspe de lyrica dos nossos paes, verdejante leira dos nossos avós e dos nossos sonhos, por sobre cujos glaucos cannaviaes ondeantes, frufualha a revoada das nossas esperanças, dos nossos amores, dos nossos affectos e das nossas crenças.

Está errada a carta geographica que de Sergipe melhor possuímos, e que vem a ser aquella tão conhecida de todos nós, obra e trabalho do preclaro e sabio Senhor Barão Homem de Mello de saudosa e immortal memoria. Elle mesmo em pessoa confessou tal aqui, quando tivemos a honra de sua visita, no Instituto Historico e Geographico de Sergipe.»

No tocante, pois, a Geomorphia deste Estado, andamos á cabra cega nas nossas escolas, na nossa administração, nos nossos livros, nos nossos gabinetes.

Tempo é de corrigirmos, de emendarmos a mão, de pôr cobro e paradeiro a um erro de cem annos a fio. Si a illustrada Commissão achar que é razoavel a minha proposta, e deliberar executal-a, encontrará bastante material de achegas e subsidios para a sua breve realização.

Depois de reunir todos os dados, esboços, desenhos, planos e *croquis* do nosso systema hydrologico, muitos dos quaes lhe poderão ser ministrados pelo precioso archivo do nosso « Instituto Historico e Geographico », esforçar-se-á para que o Governo Estadual, á frente do qual se acha um homem intelligente, honrado e trabalhador, profissional na materia porque é engenheiro, nomeia uma commissão geographica temporaria composta de pessoal idoneo como professores de Geographia e engenheiros, que durante cinco ou seis mezes no maximo, de acurados trabalhos de gabinete e de campo, tenha determinadas nossas coordenadas geographicas; precise o mathematico conhecimento das altitudes, latitudes e longitudes de todas as zonas do Estado; faça o traçado criterioso do nosso mecanismo hydrologico,

pela exploração de todo elle, e tambem o possivel estudo das nossas camadas geologicas, comprehendendo as indispensaveis excursões pelos dominios da paleontographia.

Isto feito, a estatistica official rematará tão importante obra fornecendo-lhe o valioso contingente de informações precisas a respeito da nossa producção agricola, da nossa importação e exportação commerciaes, dos nossos meios de transporte, das nossas condições climatologicas e hygienicas, da densidade da nossa população e do nosso progresso literario, intellectual e politico. Não é que eu queira, senhores, ser o vosso trugimão aqui, no recinto desta sala e neste nucleo de homens illustres e de boa vontade, desejosos de homenagear os homens e os factos que se relacionam com o mais avançado dos nossos passos na clareira da Historia:—o passo herculos da Independencia.

Não. Para tanto, claudica e fallece o meu arrojo.» Proseguindo, disse o Dr. Costa Filho :

« Si perante vós, dignissimos companheiros de Commissão, eu assim enuncio o meu modo de vêr e entender, relativamente ao gráu lamentavel e lastimoso da nossa cartographia, é porque de outra maneira não poderia se exprimir quem, *ex-cathedra*, sabe, sente e vê todos os dias a urgente necessidade que nos asoberba, de uma carta geographica de Sergipe.

A nossa fauna, a nossa flóra, o nosso clima, a nossa hydrographia, a nossa geographia economica, medica, politica, historica, andam por ahí fóra atamancadas, falhas, inexactas, injuriadas, calumniadas, burladas e pelo avêssio. Região, zona, provincia, paiz, Nação, Estado sem cartographia pode dizer-se que não existem no conceito internacional e na ordem scientifica da cultura humana.

E' pela carta geographica de um paiz, que se orientam a seu respeito a intelligencia e a actividade dos povos.

A emigração os capitaes, o credito, o trabalho, o espirito estrangeiro, emfim, vão na cartographia das outras gentes estudar-lhes as fontes de riqueza em que possam empregar energias, dinheiro e tempo. Somente por intermedio dessa maravilhosa e utilissima miniatura geographica, é que os homens de uma das extremidades do planeta conhecem a vida, a luta, as condições mesologicas e geophysicas da extremidade opposta. Penso, senhores, que três foram outr'ora os óbices que empecêram a marcha triumphal da civilisação sobre o facies topographico de Sergipe: ausencia do silvo da locomotiva, falta de carta geographica e barra fechada. O primeiro foi vencido e já hoje nos alvoroca os ouvidos com as harmonias de sua nota alacre,—o trem de ferro; mas, os outros dois, permanecem. Commemoremos o 1.º Centenario da nossa Emancipação, vencendo o segundo, senhores. Neste particular da influencia exercida pela cartographia no que diz respeito ao progresso economico e in-

tellectual dos nossos departamentos politico-administrativos, ha o exemplo brilhante e eloquente do grande, feliz e poderoso Estado de S. Paulo, que durante mais de trinta annos, já, vem mantendo no funcionamento do seu serviço publico uma Commissão Geologica e Geographica, á testa da qual têm trabalhado summidades gloriosas da nossa engenharia, como Orville Derby e Theodoro Sampaio. Accidente, phenomeno geographico, ali, nenhum existe, que não seja conhecido da população escolar, do emigrante estrangeiro, do colono proprietario e do fazendeiro deligente. Elles conhecem palmo a palmo o sólo da terra em que se movimentam e vivem.

É quando um dia, o Governo Federal tiver de levantar, com a exactidão algebrica, que a sciencia da estrategia reclama, o mappa da nossa Geographia Militar, ainda infelizmente por se escrever entre nós, certo será S. Paulo, que fornecerá o mais valioso e abundante concurso para aquelle importante serviço. Imitemos S. Paulo, senhores. Este discurso do Dr. Costa Filho recebeu applausos geraes. O Sr. Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda pediu a palavra para justificar a confecção de um album agricola, industrial, politico, literario e economico do Estado.

O Sr. Coronel Sabino Ribeiro optou por uma exposição dos nossos productos industriaes.

O Dr. Alvaro Silva propoz que se confeccionasse a bandeira official de Sergipe. Discutidas e approvadas as propostas, S. Revm.^o D. José Thomaz Gomes da Silva tomando a palavra, hypothecou á Commissão todos os seus prestimos e serviços e o seu apoio franco e decidido.

Com a palavra o Exm.^o Sr. Coronel Pereira Lôbo justificou a razão de seu pensar relativamente á data em que devem ser celebradas as festas do Centenario—24 de Outubro, em lugar de 8 de Julho de 1920. Como resultado dessa reunião ficou approvado o seguinte: a) Erigir-se, em 24 de Outubro do proximo anno, nesta cidade a estatua do Dr. Tobias Barriêto; b) Cunharem-se medalhas de bronze commemorativas do 1.^o Centenario; c) Publicar-se um numero especial da Revista do Instituto; d) Publicar-se o Album illustrado de Sergipe; e) Fazer-se uma grande exposição industrial dos nossos productos; f) Confeccionar-se a bandeira do Estado; g) Augmentar-se a referida Commissão Executiva que assim ficou constituida: Presidente, Dr. José Joaquim Pereira Lôbo; vice-presidente, Desembargador Manoel Caldas Barreto Neto; Secretario Geral, Dr. Alvaro Silva; Thesoureiro, Coronel Sabino Ribeiro; D. José Thomaz, Dr. Wenceslau de Oliveira Guimarães, Desembargadores Evangelino de Faro e Antonio Teixeira Fontes; Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, Dr. Deodato Maia, Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles, Major Manoel Joaquim Pereira Lôbo, Dr. Antonio Baptista Bittencourt, Dr. Adolpho Avila Lima, Dr.

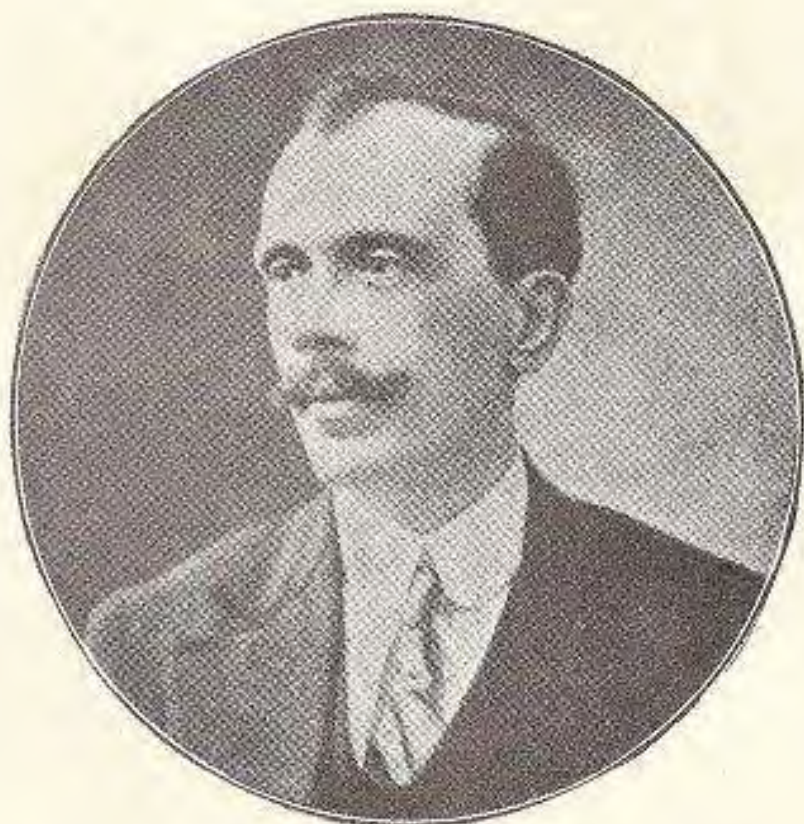
Luiz José da Costa Filho e Dr. Gentil Tavares da Motta. E como nada mais houvesse a tratar, lavrou-se a presente acta aos dezeses dias do mez de Abril de mil novecentos e dezenove, a qual vae em seguida por todos assignada.—José Joaquim Pereira Lôbo—Presidente. Manoel Caldas Barretto Netto. Antonio Teixeira Fontes. Evangelino de Faro. Nobre de Lacerda. Manoel Joaquim Pereira Lôbo. Oscar Alberto Lins de Azevedo. Antonio Baptista Bittencourt. Gentil Tavares da Motta. Por procu-
ração do Coronel Gil Antonio Dias de Almeida. Capitão Jacintho Dias Ribeiro. Costa Filho. José da Silva Ribeiro. Alvaro Fontes da Silva, Secretario Geral. Francisco Monteiro d'Almeida. Sabino José Ribeiro. João Epiphanio Lima Netto. Francisco A. de Carvalho Lima Junior. Adolpho Avila Lima. Antonio Gomes da Cunha Junior. Mario Sylvio Bastos.

Secretaria Geral da Commissão Executiva do Primeiro Centenario da Independencia de Sergipe, em 16 de Abril de 1919.

O Secretario Geral da Commissão,

Alvaro Fontes da Silva.





Desembargador Manoel Caldas Barretto Netto

Presidente do Tribunal da Relação e do Instituto Historico e
Geographico de Sergipe.

— 1920 —



**Discurso pronunciado na sessão magna
do Instituto Historico, em
8 de Julho de 1920, pelo Desembarga-
dor Manoel Caldas Barretto Netto,
Presidente do mesmo Instituto.**

Senr. representante do Exm.^o Senr. Presidente da Republica :

Senr. representante do Exm.^o Senr. Presidente do Estado :

Senr. representante do Exm.^o Senr. Ministro da Justiça :

Senr. representante do Exm.^o Senr. Senador Oliveira Valladão :

Senr. representante do Exm.^o Senr. Bispo de Aracajú :

Exm.^{as} Senhoras :

Illustres consocios :

Uma das mais assignaladas, se não a epocha mais proficua da monarchia lusitana é, á luz da historia, a da permanencia do Principe Regente, D. João VI, no Brasil, muito principalmente para nós os brasileiros.

D. João VI, João Maria José Francisco Xavier de Paula Luiz Antonio Domingos Raphael, era filho do infante D. Pedro e D. Maria.

Subiu ao throno em 10 de Março de 1792, em substituição da rainha sua mãe, que manifestara symptomas de alienação mental.

«Portugal atravessava então uma phase muitissimo critica e politicamente insustentavel.

O Principe Regente ignorava que o seu Reino já estivesse em vespersas de ser partilhado entre a França e a Hespanha.

Entanto, jamais poderia pensar em resistir á invasão despo-tica de Napoleão Bonaparte, que avassalava a Europa.

A propria Inglaterra, sua alliada, tambem não se achava ap-parelhada para enfrentar o exercito de Junot.

D'ahi a insistencia com que o Gabinete Britannico aconse-lhava ao Principe a sua retirada para o Brasil, afim de livrar a Casa de Bragança das garras do terrivel e invencivel Córso. »

Ante a imminente invasão de Portugal pelas tropas francezas, eis senão quando ás 9 horas da manhã de 27 de Novembro de 1807, resolveu D. João VI transportar-se para bordo com toda a casa Bragança, acompanhado de numerosa comitiva.

E, no dia 30 do mesmo mez, justamente na occasião em que o General Junot entrava em Lisboa, sahia á barra do Tejo a grande esquadra real em demanda do Brasil.

Fortes ventos e abundantes chuvas obrigaram o Principe Regente a aportar á cidade da Bahia, no dia 22 de Janeiro de 1808, já havendo passado em frente áquella cidade grande parte da mesma esquadra, onde seguia a familia real com destino á cidade do Rio de Janeiro, cujo porto demandava a esquadra real na viagem comprehendida.

D. João VI, porém, só chegou ao Rio, no dia 8 de Março de 1808, seguido de numeroso acompanhamento.

Penso, meus senhores, que ninguem poderá negar a fecunda operosidade de que era dotado o nosso homenageado, o grande Monarcha Portuguez, cuja tempera de estadista revelou-a elle na sua administração.

A vinda do Principe Regente para o Brasil não podia deixar de ter resultados beneficos para a Colonia, ainda immersa em grande atrazo e desprovida de elementos indispensaveis a seu desenvolvimento e civilisação.

Não ha duvida e impossivel é contestar o avanço que no caminho da civilisação e do progresso, deu o Brasil, durante o tempo em que nelle residiu a familia real, transferindo para o Rio de Janeiro a séde do governo portuguez.

Então nossa querida Pátria recebeu de D. João VI beneficios com os quaes, ninguem, poucos annos antes, seria capaz de sonhar.

O Rio de Janeiro perdeu o aspecto de uma capital de colonia, para tomar as feições alegres de capital de nação prospera e florescente.

As boas disposições de D. João VI, referentes ao Brasil, a que parecia sinceramente affeiçoado accentuavam-se cada vez mais, e demonstravam-se sobretudo pelo cuidado na escolha de ministros competentes, honestos e trabalhadores, aos quaes confiara a direcção dos negocios.

E é assim que durante o governo do Conde de Linhares, viu-se o Rio de Janeiro dotado de todos os melhoramentos que o serviço publico, o conforto da familia real e o bem estar do povo, estavam a exigir.

Si, para attestarem o patriotismo e a boa vontade do illustre Monarcha, já não houvessem sido por elle criadas na cidade do Rio de Janeiro tantas instituições de reconhecida utilidade, feitas tantas edificações importantes, tornando a vida mais comoda e mais facil. como o Banco do Brasil, o Supremo Tribunal de Justiça, o Tribunal do Commercio, o Desembargo do Paço,

Pelo que vos acabo de narrar, Senhores, sobre o leve dos acontecimentos, comprehendéis quão justa é a homenagem que, neste momento, presta o Instituto Historico e Geographico de Sergipe, á figura memoravel de D. João VI, o grande estadista, a quem nós, os sergipanos, devemos o primeiro reconhecimento de nossa autonomia em demanda do nosso futuro, que se me afigura digno dos nossos mais vividos e scintillantes ideaes.

E por que a melhor glorificação ao rei magnanimo a nós sergipanos pareça o espirito de liberdade consubstanciado no feliz Decreto de 8 de Julho de 1820, não é de mais que eu synthetizando os sentimentos e a alma patriótica do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, na qualidade de seu humilde Presidente, em homenagem á memoria immortal do grande Rei D. João VI, convide a esta brilhante assistencia, para em respeitoso silencio, ouvir, de pé, a leitura do referido Decreto. Eil-o :

Decreto de 8 de Julho de 1820

Conde de Palma do Meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania da Bahia, Amigo: Ey El-Rei vos envio muito saudar como aquelle que amo.

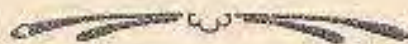
Convindo muito ao bom regimen deste Reino do Brasil, e a prosperidade a que Me proponho Eleva-lo, que a Capitania de Sergipe d'El-Rei tenha hum Governo independente do dessa Capitania;

Hei por bem por Decreto da data desta, izenta-la absolutamente da sugeição em que até agora tem estado desse Governo, Declarando-a independente totalmente para que os Governadores della a governem na forma praticada nas mais Capitánias independentes, communicando-se directamente com as secretarias de Estado competentes e podendo conceder sesmarias na forma das Minhas Reaes Ordens.

O que Me pareceu participar-vos para que assim o tenhais entendido

Escrevo no Palacio do Rio de Janeiro em oito de Julho de mil oitocentos e vinte.

Rey.





ACTA

Da Sessão Magna do dia 8 de Julho de 1920

Aos oito dias de mês de Julho de mil novecentos e vinte (1920), ás 19 horas, na séde do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, á rua de Maroim, desta cidade de Aracajú, sob a presidencia do exm. sr. desembargador Caldas Barretto, foi aberta a sessão, depois de verificado o comparecimento de socios em numero legal, crescido numero de senhoritas, e mais, notadamente, os representantes dos exms. srs. drs. Presidente da Republica, Presidente do Estado, Ministro da Justiça, Bispo de Aracajú, e do Senador Oliveira Valladão, respectivamente assim representados : capitão Raul Gaston Pereira de Andrada, commandante da Guarnição Federal ; dr. Mario Bastos, official de Gabinete da Presidencia do Estado ; dr. Alfredo Pinto Filho, official de Gabinete do Ministro da Justiça ; padre José Augusto, secretario do Bispado, e desembargador Simeão Sobral, presidente da Assembléa Legislativa.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte :

Pelo 2º secretario foi apresentada a relação dos livros, jornaes e revistas recebidos pelo Instituto, no mês de Junho findo, e lida uma carta do nosso eminente consocio dr. Graccho Cardoso, agradecendo, desvanecido, o convite feito pelo presidente do Instituto, em nome do mesmo, para ser o orador official das festas da inauguração do monumento ao dr. Tobias Barretto, em 24 de Outubro proximo.

Foi igualmente lida uma proposta, assignada por muitos socios, indicando os srs. drs. Alfredo Pinto Filho, official de Gabinete do sr. Ministro da Justiça, Borges de Barros, director do Archivo Publico do Estado da Bahia, para socios correspondentes ; e para socio effectivo o sr. João Ceciliano Teixeira de Andrade. Esta proposta foi, consoante a prescripção dos Estatutos, á commissão de admissão de socios para dar o necessario parecer.

Pelo 1º secretario foi requerido que se inserisse na acta da sessão de hoje, um voto de profundo pesar pelo fallecimento do illustre consocio honorario do Instituto dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, Vice-Presidente da Republica. Foram lidos, pelo 1º secretario, telegrammas dos exmos. srs. drs. Epitacio Pessoa, Alfredo Pinto e senador Oliveira Valladão, communicando que se faziam representar na sessão magna do Instituto, a realizar-se no dia 8 do corrente, commemorativa da assignatura do Decreto da Independencia Politica da então Capitania de Sergipe d'El-Rey.

Usando da palavra o sr. presidente em bella allocução, salientou a grandeza politica e juridica do decreto real de 8 de Julho de 1920, tão caro ao povo sergipano, congratulando-se com todos os consocios presentes pela data do 1º Centenario da assignatura do referido Decreto e mais pelas altas presenças dos exmos. srs. drs. Presidentes da Republica e do Estado, Ministro da Justiça, senador Oliveira Valladão e bispo de Aracajú, dignamente representados na sessão, convidando, ao terminar, o tão selecto auditorio para, de pé, ouvir a leitura do real Decreto de 8 de Julho, o que foi feito solennemente.

Obtendo a palavra o consocio sr. dr. Elias Montalvão, salientou que, já tendo em tempo, offerecido ao Instituto uma folhinha do anno de 1820, contemporanea da epoca da Independencia, vinha agora offerecer para o muzeu do Instituto uma medalha de bronze, de dez réis, cunhada em 1820. A esta valiosa offerta agradeceu em bellas palavras o sr. presidente do Instituto.

Com a palavra o 1.º secretario, dr. Costa Filho, leu e apresentou perante a mesa uma petição em que o sr. dr. Carvalho Neto renunciava, irrevogavelmente, o cargo de orador official do Instituto, fazendo sobre a referida petição suasorias considerações, entre ellas a de ter pessoalmente se entendido com o mesmo dr. Carvalho Neto solicitando d'elle a retirada da dita petição, tendo o dr. Carvalho Neto declarado, em face das razões que lhe foram apresentadas, que não retiraria a petição, entretanto, acceitaria a deliberação que a respeito tomasse a directoria do Instituto, quando della tivesse conhecimento.

Submettida pelo sr. presidente á deliberação não só da Directoria mas sim de todos os socios presentes, a petição de renuncia que offerecia o orador official do Instituto, o talentoso confrade dr. Carvalho Neto, foi dita petição rejeitada por unanimidade, não sendo, pois, acceito o pedido de renuncia que na mesma se continha.

Concedida a palavra ao dr. Costa Filho, para proferir a sua annunciada conferencia sobre a notavel figura politica do commendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto, assomou elle a tribuna do Instituto, lendo durante 58 minutos, a sua

substanciosa conferencia, na qual, com a belleza no estylo de falar de que é dotado o 1.º secretario do Instituto, patenteou perante o tão elevado auditorio todos os traços e acções da notavel figura politica e historica daquelle grande sergipano morto, quer na vida privada, quer na politica, onde sempre dominou, quer no seu retiro, no seio da familia, onde falleceu varonilmente.

Ao terminar a sua brilhante conferencia foi o dr. Costa Filho vivamente applaudido por toda a assistencia.

Abrilhou á sessão a banda do Corpo Policial, gentilmente mandada pelo exm. sr. coronel Presidente do Estado.

Foram distribuidos avulsos contendo os retratos de D. João VI e o Decreto Real de 8 de Julho de 1820; do coronel dr. Pereira Lôbo, honrado Presidente do Estado, cem annos depois daquelle Decreto de 1820; e do commendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto, notavel figura politica de Sergipe na Regencia e no 2º Imperio.

E, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Magna Sessão, do que, para constar, eu, Amphiloquio Valle, 2º secretario do Instituto, lavrei a presente acta, que vae assignada.

O 2º Secretario,

AMPHILOQUIO VALLE.

(Do "Diario Officiel" do Estado de Sergipe, de 28 de Julho de 1920.)

Commissão Executiva

DAS

Festas do 1.º Centenario da Emancipação politica de Sergipe.

Presidente — Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lôbo.

Vice-Presidente — Des.^{or} Manoel Caldas Barretto Netto.

Secretario Geral — Dr. Alvaro Fontes da Silva.

Thesoureiro — Coronel José da Silva Ribeiro.

D. José Thomaz Gomes da Silva (Bispo de Aracajú).

Dr. Wenceslau de Oliveira Guimarães.

Desembargador Evangelino José de Faro.

Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda.

Dr. Deodato da Silva Maia.

Desembargador Antonio Teixeira Fontes.

Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles.

Dr. Luiz José da Costa Filho.

Major Manoel Joaquim Pereira Lôbo.

Dr. Antonio Baptista Bittencourt.

Dr. Gentil Tavares da Motta.

Dr. Adolpho Avila Lima.

COMMISSÃO EXECUTIVA
DAS
Festas do 1.º Centenario da Emancipação Política de Sergipe



— (1820 * 1920) —



Synopse historica

A Capitania de Sergipe d'El-Rey foi desligada da dependencia que a subordinava aos Governadores da Bahia, por Decreto de 8 de Julho de 1820, assignado por D. João VI, na Palacio do Rio de Janeiro.

*
**

A primeira Assemblêa Legislativa de Sergipe, que teve a denominações de Conselho de Governo da Provincia, compunha-se de treze membros chamados Conselheiros, e foi creada pela Lei de 27 de Agosto de 1828, sendo eleita no anno de 1829.

Os Conselheiros prestaram juramento, tomaram posse no dia 30 de Novembro de 1829 e reuniram-se em primeira sessão solemne no dia 13 de Dezembro do mesmo anno.

*
**

O Brigadeiro Carlos Cezar Burlamaqui foi o 1.º Governador da Capitania de Sergipe d'El-Rey, após o Decreto que a tornou independente, em 1820, dos Governos da Bahia.

*
**

Durante o primeiro Imperio, Sergipe foi governado por nove Presidentes, sendo o primeiro o Brigadeiro Manoel Fernandes da Silveira, natural da Provincia, o qual fôra nomeado a 25 de Novembro de 1823 e assumira o respectivo exercicio a 5 de Março de 1824, sendo o ultimo o Capitão-mór Manoel de Deus Machado, Conselheiro do Governo, que tomou posse em 4 de Abril de 1831.

*
**

Durante o periodo Regencial, Sergipe foi governado por desenove Presidentes, sendo o primeiro o Padre José Francisco de Menezes Sobral, Conselheiro do Governo, que tomou posse em 4 de Maio de 1831 e o ultimo o Coronel Wenceslau de Oliveira Bello, Militar, nomeado em 24 de Maio de 1839 e tomou posse a 28 de Agosto de 1839.

*
* *

Durante o segundo Imperio, Sergipe foi governado por setenta e nove Presidentes, sendo o primeiro o Coronel João Pedro da Silva Ferreira, Militar, nomeado em 20 de Agosto de 1840, tomou posse a 19 de Outubro de 1840 e o ultimo o Dr. Thomaz Rodrigues da Cruz, (1º Vice-Presidente), nomeado em 7 de Agosto de 1889 e tomou posse a 24 de Outubro de 1889.

Relação dos Presidentes do Estado de Sergipe, desde a proclamação da Republica até o anno do 1º centenario da emancipação politica do mesmo estado.

Governo Provisorio

Junta Governativa composta dos cidadãos; Capitão José de Siqueira Menezes, Engenheiro Militar. Tenente-Coronel Antonio de Siqueira Horta, Agricultor e Major Antonio Diniz Dantas e Mello, Agricultor.

Acclamada e empossada á 17 de Novembro de 1889.

Alterada a Junta em 19 de Novembro de 1889. ficou composta do mesmo Capitão Siqueira Menezes, Coronel Vicente de Oliveira Ribeiro, Agricultor, e do cidadão Balthazar Góes, Professor Publico secundario.

—Doutor Felisbello Firmo de Oliveira Freire. Medico. 1.º Governador, nomeado por Decreto do Governo Provisorio da Republica de 21 de Novembro de 1889. Posse em 13 de Dezembro de 1889.

—Capitão de Fragata—Augusto Cezar da Silva,—2.º Governador, nomeado por Decreto do Governo Provisorio de 17 de Agosto de 1890, tomou posse no mesmo dia, em virtude de aviso telegraphico.

—Bacharel Lourenço Freire de Mesquita Dantas.—2º Vice-Governador. Nomeado pelo Governo Provisorio da Republica. Posse a 4 de Novembro de 1890.

Tenente-Coronel Antonio de Siqueira Horta. Agricultor. 1º Vice-Governador. Nomeado por Decreto do Governo Provisorio da Republica. Posse em 25 de Dezembro de 1890.

Tenente-Coronel Luiz Mendes de Moraes. Engenheiro Militar. 3º Governador. Nomeado por Decreto do Governo Provi-

sorio da Republica, de 6 de Dezembro de 1890. Posse em 26 de Janeiro de 1891.

Coronel Vicente Luiz Oliveira Ribeiro, Agricultor. 1º Vice-Governador. Nomeado por Decreto do Presidente da Republica, em 28 de Maio de 1891.

Coronel Vicente Luiz de Oliveira Ribeiro. Eleito pela primeira Assembléa Estadual, em 11 de Junho de 1891, estando presentes apenas doze deputados. Posse no mesmo dia. Faltando o apoio da força federal, abandonou o Governo, em 24 de Novembro do mesmo anno.

Major D. Joaquim Balthazar da Silva. Commandante da Guarnição Federal. Assumiu o Governo em 24 de Novembro de 1891.

Junta Governativa composta dos cidadãos Bacharel Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel, Agricultor, Alferes do Exercito Marcelino José Jorge e Dr. Olintho Rodrigues Dantas. Medico. Acclamada e empossada em 27 de Novembro de 1891.

Governo Constitucional

Capitão José Calazans. Bacharel em Mathematicas. Engenheiro Militar. 1º Presidente. Eleito pela Assembléa Constituinte Estadual, em 18 de Maio de 1892. Posse no mesmo dia. Bacharel João Baptista da Costa Carvalho. Magistrado.

—Na qualidade de Presidente do Tribunal da Relação, do Estado, assumiu em 9 de Maio de 1894 a administração do Estado, em virtude do preceito constitucional, por ter entrado em gozo de licença o Presidente Capitão José Calazans.

—Capitão José Calazans reassumiu a administração do Estado em 19 de Junho de 1894 renunciando o resto da licença de que gosava. Foi deposto em 11 de Setembro de 1894. (D'essa deposição originou-se o conhecido—CASO DE SERGIPE—dualidade de Poderes Executivo e Legislativo).

—Dr. João Vieira Leite. Medico. Na qualidade de Presidente da Assembléa Legislativa assumiu o Governo do Estado, em 11 de Setembro de 1891.

—Coronel Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão. Militar. 2º Presidente. Eleito em 30 de Julho de 1894. Posse a 24 de Outubro do mesmo anno.

—Dr. Gonçalo de Faro Rollemberg. Medico. Vice-Presidente. Assumiu, em 11 de Dezembro de 1894, a administração do Estado, por ter entrado no gozo de licença o respectivo Presidente-Coronel Valladão.

—Coronel Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão reasumiu o exercício em 16 de Fevereiro de 1895.

—Padre Antonio Leonardo da Silveira Dantas. Na qualidade de Presidente da Assembléa Legislativa, assumiu em 14 de Março de 1896 o governo do Estado, que foi entregue pelo Coronel Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão, que seguiu para a Capital Federal em gozo de licença.

—Coronel Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão, reasumiu o governo do Estado, na cidade da Estancia, em 11 de Junho de 1896. Reununciou o cargo em 27 de Julho do mesmo anno.

—Padre Antonio Leonardo da Silveira Dantas. Na qualidade de Presidente da Assembléa Legislativa, assumiu em 27 de Julho de 1896 o governo do Estado, que lhe foi entregue pelo Coronel Oliveira Valladão, por haver na mesma data renunciado o cargo de Presidente. Deposto o Padre Dantas em 4 de Setembro d'aquelle anno, foi reposto no dia seguinte por ordem do Governo Federal.

—Bacharel Martinho Cezar da Silveira Garcêz. 3.º Presidente. Eleito em 30 de Julho de 1896. Posse a 24 de Outubro do mesmo anno.

—Capitão José Joaquim Pereira Lôbo. Bacharel em Mathematicas, Engenheiro Militar. Vice-Presidente. Assumiu em 11 de Outubro de 1897 o governo do Estado, que lhe foi entregue pelo Presidente Dr. Martinho Garcêz, por haver entrado no gozo de licença.

—Bacharel Martinho Cezar da Silveira Garcêz. Presidente. Reassumiu o respectivo cargo em 20 de Março de 1898.

—Dr. Daniel Campos. Medico. Na qualidade de Presidente da Assembléa Legislativa, assumiu em 8 de Julho de 1898 a administração do Estado, que lhe foi entregue pelo Presidente Dr. Martinho Garcêz, que entrou naquelle mesmo dia em gozo de licença.

—Coronel Apulchro Motta, fazendeiro. Na qualidade de Presidente da Assembléa Legislativa, assumiu em 14 de Agosto de 1899 a administração do Estado, por lh'a haver transmittido o Presidente Dr. Martinho Garcêz.

—Monsehor Olympio de Souza Campos. 4.º Presidente. Eleito em 30 de Julho de 1899. Posse a 24 de Outubro do mesmo anno.

—Josino Menezes. Pharmaceutico. 5.º Presidente. Eleito em 30 de Julho de 1902. Posse a 24 de Outubro do mesmo anno.

—Desembargador Guilherme de Souza Campos. 6.º Presidente. Eleito em 30 de Julho de 1905. Posse a 24 de Outubro do mesmo anno. Deposto em 10 de Agosto de 1906.

—Desembargador João Maria Loureiro Tavares. Na qua-

lidade de Presidente interino do Tribunal da Relação, assumiu, em 10 de Agosto de 1906, a administração do Estado, nesse periodo revolucionario.

—Pharmaceutico Serapião de Aguiar Mello, no mesmo periodo revolucionario, na qualidade de Presidente da Assembléa Legislativa, assumiu o governo do Estado, por algumas horas, até que, por ordem do Governo Federal, foi repostado o Presidente do Estado, Desembargador Guilherme de Souza Campos, no dia 28 de Agosto de 1906.

—Dr. José Rodrigues da Costa Doria. 7.º Presidente. Eleito em 30 de Julho de 1908. Posse a 24 de Outubro do mesmo anno.

—Dr. Manoel Baptista Itajahy. Vice-Presidente do Estado. Assumiu em 10 de Julho de 1909 a administração do Estado, que lhe foi entregue pelo respectivo Presidente Dr. José Rodrigues da Costa Doria, que entrou naquella dia, em gozo de licença.

—Dr. José Rodrigues da Costa Doria. Presidente. Reassumiu o exercicio em 13 de Novembro de 1909, renunciando o resto da licença de que gosava.

—General Dr. José de Siqueira Menezes. 8.º Presidente. Eleito em 30 de Julho de 1911. Posse a 24 de Outubro do mesmo anno.

—Coronel Pedro Freire de Carvalho. Vice-Presidente do Estado. Assumiu em 29 de Julho de 1914 a administração do Estado, por lhe haver entregue o General Siqueira que, naquella data, renunciara o respectivo cargo.

—General Manuel P. de Oliveira Valladão. 9.º Presidente. Eleito em 30 de Julho de 1914. Posse a 24 de Outubro do mesmo anno.

—Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lôbo. 10.º Presidente do Estado. Eleito em Abril de 1918. Posse a 24 de Outubro do mesmo anno.

*
**

No anno de 1855 a Capital da Provincia de Sergipe, que sempre fôra a cidade de S. Christovão, foi transferida para o "*Sítio Aracajú*", por força da Lei de 17 de Março do mesmo anno, sancionada pelo então Presidente da Provincia — DR. IGNACIO JOAQUIM BARBOSA —, cujas cinzas mortuarias repousam no suppedaneo do Monumento de granito e bronze, erigido nesta cidade, por iniciativa do *Instituto Historico e Geographico de Sergipe*, no dia 17 de Março de 1917.

Tribunal da Relação

Em virtude do Decreto n. 40 de 20 de Dezembro de 1892, assignado pelo Dr. José Calasans, Presidente do Estado, foi organizado o Tribunal da Relação de Sergipe, o qual ficou assim composto :

1º — Desembargador João Baptista da Costa Carvalho.—
Presidente.

2º — Desembargador Gustavo Gabriel Coelho Sampaio.

3º — Desembargador Guilherme de Souza Campos.

4º — Desembargador José Sotero Vieira de Mello.

5º — Desembargador Francisco Alves da Silveira Britto.—
Procurador Geral do Estado.

No dia 29 do mesmo mez e anno, fôra solennemente installado o Tribunal da Relação de Sergipe, no palacete da Assembléa Legislativa do Estado, onde celebrou suas primeiras sessões.

Actualmente o Tribunal se compõe dos seguintes magistrados :

1º — Desembargador Liberio de Souza Monteiro.

2º — Desembargador Manoel Caldas Barretto Netto. —
Presidente, eleito pela nona vez.

3º — Desembargador João Maynard.

4º — Desembargador Evangelino de Faro.

5º — Desembargador Lupicino Barros.

Procurador Geral do Estado — Dr. Armando Mesquita.

Sub-Procurador — Dr. Octavio Cardoso.

(N. R.)



Dr. Alvaro Fontes da Silva

Secretario Geral da Commissão Executiva do Centenario
da Emancipação Polittica de Sergipe.

de continuidade no brilho e na robustez da VIS intellectual sergipana.

Entre os gloriosos e preclaros vultos que em 1820, na cidade de São Christovam se agitavam varonilmente, trabalhando como uns gigantes n'um scenario colonial, pela conquista do DECRETO cuja assignatura hoje commemoramos, sobresaem e se destacam intellectuaes de bôa craveira, taes como os DORMUNDO, um, notavel tribuno sacro, e outro, latinista famôso; MANOEL VICENTE DE CARVALHO ARANHA, que ainda actualmente tem descendentes intellectuaes; IGNACIO DIAS DE OLIVEIRA, FERNANDES DA SILVEIRA e BARROS PIMENTEL.

Foram elles intellectuaes da politica militante e asperrima de então, politica de ferro e de fôgo, manejada por pulsos masculos de bronze, dentro de um ambiente estoico, dramatico e perigôso.

Ao lado do antigo engenho de fabricar assucar bruto, engenhoca de tracção animal, que o nêgro escravo movimentava e construia, floresceu na Capitania d'El-Rey a intelligencia politica do branco senhor, com fóros de fidalgo artificial, e pronunciadâ intuição philosophica.

Em Sergipe, a politica militante foi sempre inspirada pela bossa da philosophia, ingenita na cabeça brachcephalica do sergipano.

A politica desta gleba tem obedecido ás orientações philosophicas do espirito de seus dirigentes. E no decurso longo de um seculo, ella tem sido sempre pessoal, tomando sempre, nos momentos dados, a feição caracteristica da alma de seus dominadores temporarios.

Capitães-Móres, Governadôres, Presidentes, que tenham sido sergipanos, todos tiveram até hoje a virtude de dar um cunho pessoal aos periodos administrativos em que dominaram.

Nesse particular, Sergipe parece repetir, dados os devidos pontos diferenciaes através do tempo e do espaço, o antigo Estado Romano, na epoca victoriosa dos Cesares.

Entretanto, não supponha o leitôr que sobre estas pautas *currente calamo* medite, que o espirito sergipano, a alma sergipana, o homem sergipano, sejam inclinados á pratica do *systema autocratico*, do «quero porque quero e mando porque mando.»

Não. As inclinações e praticas do senso politico sergipano sempre foram, historicamente, e são na actualidade, genuinamente democraticas.

E nisso é que está o contraste.

A explicação racional do surpreendente phenomeno, tão verdadeiro quanto curiôso, contrario mesmo ás decantadas *leis* da psychologia humana, encontrará o observadôr experimental e o estudioso da nossa ainda desalinhada Historia, na vocação do espirito sergipano para o entendimento do Direito.

Parece haver no cerebro sergipano, muito desenvolvida a bossa

jurídica, assim como a *bossa religiosa* é a faculdade mestra do cerebro judeu, e a da musica existe, na ardente cabeça do napolitano.

A pratica politica em Sergipe, no curso de um seculo, 1820-1920, tem exprimido e revelado com eloquente feição a marcha evolucional do nosso pensamento, quer realisada por um Barros Pimentel, um Deos Machado, um Pedro Vieira, um Sebastião Bôto, um Barão da Estancia, um Bento Pereira, um Barão de Marçim, um José de Faro, um Olympio Campos, um Leonardo Dantas, um Fausto Cardoso, para só falar nos mortos.

Foi sempre, no espaço de cem annos hoje completos, a pratica politica em Sergipe, o trilho sobre o qual marchou a representação philosophica do pensamento sergipano, muita vez tornado mais rigoroso e mais bello nos embates, nas borrascas, na paixão e no calor dessa escabrosa pratica.

Continuará sendo?

O processo é devéras esquisito, mas, dentro de tão interessante *systema de norma agendi* no campo espinhoso e accidentado da politica militante, é que a familia sergipana tem triumphado em todos os aspectos da actividade social. — Pois que, essa politica pessoal, trilhando á risca dentro da bitola de tendencias philosophicas conscientes ou intuitivas, não tem servido de entrave ao desenvolvimento da nossa riqueza, nem da nossa instrucção.

Hoje o attestam as usinas numerosas e as numerosas escolas, as bibliothecas, as associações scientificas, os institutos de ensino secundario, os tribunaes e os quartéis.

Onde, ha cem annos, gemia a almanjarra ao melancolico som das toadas dolentes do magro escravo semi-nú, silva hoje a sereia estridula da usina de grande capacidade productora, illuminada de focos electricos; por onde, ha um seculo, trotava o murzelo ajaesado de prata e ouro nativos e cavalgado pelos fidalgotes da epoca, na espessura das invias mattas de travessia perigosa, correm agora a possante e alacre locomotiva, o vertiginoso automovel e os *trolleys* rapidos. A sanzala de então foi substituida pela escola moderna, risonha e harmoniosa.

Tudo são consequencias da nossa pratica politica, da qual resulta o presente bem estar.

Trabalhemos, pois, com o cerebro e com a vontade, com a penna e com o arado, pela hegemonia do espirito sergipano, nos moldes da sua tradicional Politica de um seculo.

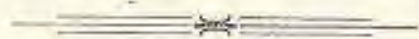
COSTA FILHO.

Aracajú, aos 8 de Julho de 1920.



General Pedro Labatut

Antigo official francez dos exercitos de Napoleão I



General das guerras da Independencia do Brasil

1822 — 1823



O General Pedro Labatut muito concorreu para a consolidação da Emancipação politica de Sergipe, nomeando Governador da Capitania o Tenente-Coronel de Artilheria e Bacharel em Mathematicas José Eloy Pessôa.





BIOGRAPHIA

ALFONSO DE ALBUQUERQUE

Brigadeiro José Pereira Filgueiras

Typo original do homem forte, com a compleição do Hercules da mythologia pagã, personificando a força e a coragem, tantas vezes exhibidas em estupendos lances de valor, ainda hoje memorados na narração das lendas sertanejas do *Cariri* cearense, o grande patriota sergipano tem o seu nome inscripto nos fastos da historia patria a par dos que mais cooperaram para a formação da nossa nacionalidade.

Nascido em 1758 na antiga villa de S. Amaro das Grotas, á margem esquerda do rio Sergipe, de onde se retirou aos 4 annos de idade para não mais voltar á terra do berço, o futuro vencedor de Fidié foi levado para o centro do Ceará por seu progenitor, José Quesado Filgueiras, o qual, fixando residencia no logar Sant'Anna, proximo a então villa da Barbalha, alli montou um engenho de fabricar assucar.

Decorrido o periodo da sua adolescencia em perfeitas condições de vigor e desenvolvimento physico, que lhe valeram uma robustez de athleta e prodigiosa força muscular, muito cedo veio a exercer enorme ascendencia sobre os sertanejos pela extraordinaria valentia com que subjugava o inimigo nos sangrentos conflictos em que por vezes se viu envolvido.

A fama das suas façanhas estendeu-se por todo o sertão, tomando proporções phantasticas na imaginação do povo, a quem dominava pela fascinação dos feitos assombrosos que praticava, em consequencia dos quaes se lhe rendia a maior admiração, até no respeito supersticioso com que se pronunciava o seu nome a um só tempo temido e venerado.

Na longa serie de actos reveladores da sua pasmosa coragem mencionava-se o de ter elle investido contra um grupo de homens armados, que em diligencia conduzia preso um seu sobrinho, a quem fôra tomar do poder da escolta. « As praças ao avistal-o fizeram fogo, atirando por terra sem vida um irmão do detento. Então Filgueiras, rapido como um tigre, apodera-se da arma que trazia o morto, dispara-a sobre um dos sol-

dados, que cae para não mais se levantar; lança mortos ao chão a coronhadas outros dois e aos sobreviventes que apavorados corriam, buscando salvação na fuga, clamava ainda: «Então! não ha mais quem queira morrer?»

Esse tragico acontecimento que, segundo os chronistas, foi motivado pelo despeito do sargento-mór José Alexandre Correia Arnaud, candidato preterido por Filgueiras na nomeação de capitão-mór do Crato, cuja patente obteve em 1795, «deu logar a mil boatos populares, entre a gente rude, que representavam-n'o como homem singular, dotado de faculdades sobrenaturaes.»

Filgueiras já se tinha tornado bastante conhecido na provincia, quando começou a figurar na scena politica o não menos celebre, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, a quem viu pela primeira vêz em 1817, para de novo encontral-o em 1821, de regresso dos carceres da Bahia. Desde então, identificados pelo mesmo pensamento, aventuraram-se ambos á sorte das armas, correndo sempre juntos os perigos dos diversos movimentos revolucionarios havidos na provincia.

Na historia das luctas travadas nessa epocha de permanente agitação politica, salienta-se como a mais gloriosa da sua vida aquella phase, em que, impulsionado pelo mais nobre sentimento de patriotismo, resolveu abraçar a causa da independencia nacional. Foi no sentido dessa aspiração geral dos brasileiros que elle empossou a 23 de Janeiro de 1823 na capital do Ceará a Junta Governativa, de que foi presidente, substituida a 3 de Março por outra, denominada Junta do Governo Provisorio, da qual deixou de fazer parte para occupar o cargo de commandante das armas.

Por esse tempo foi commissionedo juntamente com Tristão Gonçalves para ir submeter o commandante das armas do Piauhy, major João José da Cunha Fidié, que, dispondo de numerosa força de linha, ameaçava os independentes do Piauhy e Maranhão. A 29 de Março deixou a Fortaleza com destino áquella provincia, recebendo em caminho a noticia de ter sido nomeado, por carta imperial de 16 de Abril, commandante em chefe das forças expedicionarias.

Avisado Fidié da approximação das tropas inimigas, tratou de passar-se do Piauhy para o Maranhão, tomando a direcção de Caxias, onde sem perda de tempo apressou-se em preparar os elementos de resistencia ao seu alcance. Allí foi encontral-o o chefe expedicionario, que, á testa de cerca de seis mil homens, mais ou menos, mal armados e com escassa munição, não vacillou em pôr a praça em apertado cerco, conseguindo fazel-a render-se no dia 1º de Agosto de 1823.

Levada a bom exito a expedição libertadôra, somente nos fins de Outubro seguinte regressou o invicto patriota ao Ceará,

onde o aguardavam com anciedade os independentes, como uma garantia contra a animosidade dos adversarios, de quem receavam toda a sorte de violencias, em consequencia da dissolução da Assembléa Geral Constituinte.

A situação desenhava-se por demais assustadora para os patriotas, e por assim comprehenderem Tristão e Filgueiras, deixaram-se ficar no interior da provincia, onde seria mais facil assumir a attitude, a que fossem impellidos pela gravidade dos acontecimentos.

A noticia do acto impatriotico de Pedro I, considerado como uma provocação ao sentimento nacionalista dos bons brasileiros, repercutiu dolorosamente em todo o paiz, produzindo no espirito publico forte excitação difficillima de ser dominada.

Desse irritante estado de cousas, creado pelo golpe de Estado, originou-se o movimento separatista de 24 de Julho de 1824 em Pernambuco com o desigño politico de proclamar-se a Confederação do Equador, idéa a que os dois chefes cearenses prestaram franco apoio, como um protesto á resolução do Imperante e certos de que contariam com a solidariedade dos revolucionarios pernambucanos contra os planos machinados pelos reaccionarios residentes na provincia.

A demasiada confiança no movimento pernambucano os arrastou ás perigosas incertezas de uma lucta, cujas consequências não podiam ser mais desastrosas para ambos, que pagaram com a vida esse ultimo appello aos meios extremos da revolução para o fim de dirimirem as dissensões da politica regional.

Por sua vêz os anti-nacionalistas da capital, contando com os poderosos recursos do seu partido e animados pelos successos da Côrte, julgaram azado o momento de apoderarem-se do governo, o que facilmente conseguiram, annullando por meio de um concelho consultivo a autoridade da Junta do Governo Provisorio, de ha muito isolada entre os seus temiveis adversarios e sem o apoio material da força armada para fazer-se respeitar.

Filgueiras e Tristão avisados do occorrido dirigiram-se para a capital e apenas alli chegados, a 23 de Fevereiro, os negocios publicos retomaram o primitivo aspecto, recuperando a Junta todo o poder de que a haviam despojado.

Estava o Ceará sob o dominio dos independentes, quando chegou á provincia o seu primeiro presidente, Pedro José da Costa Barros, trazendo o mesmo navio que o conduziu, a nomeação de Filgueiras para commandante das armas, com as honras de brigadeiro pelos bons serviços prestados na expedição de Caxias.

Tão elevada distincção conferida ao chefe rebelde, sem disso ter sciencia o governo geral, veio augmentar o extraordinario prestigio de Filgueiras, revigorando nas fileiras dos patriotas o entusiasmo pela causa commum.

Sob uma densa atmosphera de desconfianças logrou Costa Barros empossar-se no dia 17 de Abril, mas logo a 29, intimado pelos patriotas com Tristão e Filgueiras á frente e a tropa ao mando deste, teve de renunciar a administração, que foi assumida por Tristão. Dando parte desse feito a Manuel de Carvalho Paes de Andrade, assim se exprimiu o novo chefe do governo: «emquanto durar a minha presidencia temporaria, conta V. Ex. que o Ceará não ha de afrouxar um só fusil da grande cadeia que nos entrelaça; pois que de mais a mais temos na frente o intrepido Filgueiras, o idolo do povo e tão firme, como uma rocha.»

Foi tão ephemera a existencia da republica no Ceará, que mal poderam ecoar em Pernambuco os protestos de solidariedade manifestados pelo chefe cearense. «Proclamada a 26 de Agosto na capital, desapareceu a 18 de Outubro de 1824, quando o vice-presidente republicano, José Felix de Azevedo e Sá, intimado por Lord Cockrane, arvorou a bandeira imperial e proclamou o governo do Imperador.

Tristão havia, seis dias antes, passado a presidencia a José Felix, na qualidade de conselheiro do governo, para ir em pessoa bater os imperialistas, que ameaçavam tomar o Aracati, e Filgueiras que desde o principio de Setembro partira com um contingente de dois mil homens em auxilio de Pernambuco, retrocedia a esse tempo do centro da Parahyba para o Icó, ao saber do desbarato soffrido pelas tropas de Manuel de Carvalho.

Victoriosa a contra-revolução, começou a obra sinistra do aniquilamento executado pelos imperialistas cheios de odios e sedentos de vingança. A reacção operou-se tremenda, sendo muito raros os que não foram sacrificados á sanha dos seus fe-rozes inimigos. As vistas do governo restaurado convergiram de preferencia para os dois valorosos chefes, contra os quaes se desencadearam todos os rancores latentes dos vencedores.

Dos varios bandos em armas espalhados pelo centro da provincia, dois seguiram ao encalço de Tristão, que ao ser encontrado tomou resolutamente a offensiva, luctou como um bravo e só depois de abandonado pelos seus sectarios cedeu o campo de acção aos restauradores, que a 31 de Outubro o assassinaram barbaramente proximo ao povoado Santa Rosa, distante de Aracati trinta leguas, ficando o seu corpo, depois de mutilado, exposto á voracidade dos abutres, atado a uma arvore.

Filgueiras que até então havia rechaçado todas as partidas inimigas, que ousaram deter-lhe a marcha, recebeu no Crato a desoladora noticia da morte do infeliz companheiro e conquanto se conservassem fieis as suas tropas e ainda lhe sobrasse bastante força de animo para ferir novos combates, vendo que seria inutil qualquer resistencia, «resolveu com José Martiniano de Alencar dispersar suas tropas e ir se apresentar ao Imperador na Córte.»

«A 4 de Novembro de 1824 deixaram ambos o Crato com direcção ao Exú, donde deviam seguir por Minas para o Rio de Janeiro.» Empreendida a penosa viagem, Filgueiras apenas pôde alcançar São Romão, em Minas, onde no principio do anno de 1825 terminaram obscuramente os seus dias, victimado pelas febres reinantes no lugar; ou, segundo outra versão, acabrunhado pelo choque moral que soffreu, ao ser algemado por ordem do commandante geral daquella villa.

A tradição popular accrescenta ter sido tão profunda a dôr causada por essa humilhação, que desde aquelle momento não mais proferiu uma palavra e do mesmo modo que Montezuma, antigo Rei do Mexico, tambem não mais se alimentou, vindo a succumbir alguns dias depois de tão grande ultraje aos seus brios e á altivez do seu character. Deste ou daquelle modo, não podia ser mais inglorio, nem mais immerecido o tristissimo desfecho da vida do denodado patriota, um dos mais esforçados defensores da independencia do Brasil.

Filgueiras possuía qualidades apreciaveis, que muito o recommendavam no trato social, como nas relações particulares; e diversamente do que escreveu P. Théberge no seu *Esboço historico* sobre a provincia do Ceará, não era destituido de intelligencia, segundo a affirmação de outro escriptor que lhe traçou a biographia.

A exprimir uma verdade o juízo pessimista desse historiadôr e outros chronistas, não ha como explicar as preferencias do governo geral, nomeando-o para elevados cargos e lhe confiando commissões de serias responsabilidades com preterição dos filhos da terra.

Para redarguir áquelles que tão mal desenharam a sua figura historica, satisfaz oppôr o conceito do governador do Ceará, Manoel Ignacio Sampaio, expendido sobre Filgueira na carta reservada ao ministro, Thomaz Antonio de Villanova Portugal, no seguinte trecho: «Este capitão-mór já foi premeado com a mercê do habito da Ordem de Christo, he digno de ultteriores mercês e de grande contemplação».

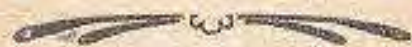
Em phrases mais eloquentes abundou o governador das armas do Maranhão, capitão-mór, Rodrigo Luiz Salgado de Sá e Moscoso, no folheto que á sua custa mandou imprimir em S. Luiz no anno de 1823. Summamente honrosas á memoria de Filgueiras as palavras escriptas na ultima pagina desse folheto, muito merecem que sejam aqui reproduzidas em homenagem ás virtudes guerreiras do inclito brasileiro. Não podiam ser mais dignas, nem mais entusiasticas as seguintes expressões do governador: — Emquanto o buril da historia não grava em brilhantes paginas o nome illustre do herôe dos *Aracatys*, assignando o lugar imminente (*sic*) que o immortal Filgueiras deve occupar ao daquelles que mais trabalharão para quebrar os ferros

que opprimião sua Patria: mando imprimir os *Artigos d'Officio da Junta da Delegação das Provincias do Piauí e Ceará.*» Por elles conhecerá o publico a prudencia, a moderação, e sabedoria com que se comportarão em negocios tão difficeis os homens probos que compunhão aquella respeitavel reunião de brasileiros illustres, brilhando no meio delles como um astro luminoso, o Commandante em Chefe, o Sr. José Pereira Filgueiras.» «A geração presente lhes rende já homenagens pelos bens que desfructamos e os nossos vindouros invejarão a dita que tivemos de ser coévos do Immortal Filgueiras!»

Entre as excelsas qualidades que muito recommendam o historiador no conceito publico, nenhuma o eleva mais, do que o respeito á verdade na apreciação dos factos a transmittir á posteridade. Este o lemma de que jamais se deve afastar uma linha, para não deturpar a grandeza de sua nobre missão e, quando terminada ella, ufanar-se de dizer que encontrou em Juvenal a norma invariavel dos seus actos no pensamento:—
vitam impendere vero.

Armando Guaraná.

1920.





Monsenhor Antonio Fernandes da Silveira
O FUNDADOR DA IMPRENSA SERGIPANA.

==== 1832 ====



O fundadôr da Imprensa Sergipana

O Monsenhor ANTONIO FERNANDES DA SILVEIRA é uma das figuras mais brilhantes e preclaras do passado sergipano. Nella concorrem, para maior gloria do seu relêvo, os talentos intellectuaes e os predicados politicos.

Foi elle quem, no tormentoso periodo nacional da Regencia, fundou na Provincia o primeiro jornal, publicado na Villa Constitucional da Estancia em Setembro de 1832.

Recopilador Sergipano foi o nome com que Monsenhor Silveira baptizou a sua pequena gazeta, cujo formato era o de : 0,25 x 0,15, com quatro paginas e duas columnas.

Tendo feito parte, como Presidente, do « Conselho de Governo da Provincia », com séde na cidade de S. Christovam, então capital de Sergipe, revelou elle no seio daquelle nucleo administrativo, as superiores qualidades do seu energico e ponderado espirito de homem de commando e governo.

Na ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA, em cujas bancadas elle por mais de uma vez representou a Provincia e em cuja tribuna muitas e muitas vezes defendeu os interesses sergipanos, o sympathico e austero perfil do Monsenhor Silveira tomou proporções de tal maneira elevadas, que chegou a ser o mais acatado dentre os seus pares.

Os Regentes e depois o proprio Imperadôr, tiveram um poderoso baluarte no prestigio, na coragem civica e na intelligencia arguta do emerito Deputado sergipano, em cuja nobre e grande alma teve a Patria um templo e Sergipe, particularmente, um sacrario de amôr, dedicação e trabalho fecundos.

Quem compulsar, no pó dos archivos, os ANNAES da Assembléa Geral Legislativa, encontrará na acta da notavel sessão de 23 de Julho de 1840, o nome do fundadôr da Imprensa em Sergipe, entre os dos Deputados que composeram a commissão nomeada especialmente para acompanhar o jovem Imperadôr Pedro II, do Paço Imperial ao do Senado, afim de prestar o juramento constitucional, após a declaração da Maioridade.

Esse facto seria sufficiente para amostra do prestigio que o Deputado sergipano gosava entre os seus collegas de representação nacional.

A personalidade ruidosa e imponente do Monsenhor Fernandes da Silveira enche o cenário politico local da sua época quase todo, deixando somente lugar para o aparecimento e movimentação de outra portentosa e masculina figura, que foi a de Sebastião Gaspar de Almeida Bôto, seu contemporaneo.

Sergipe deve ao fundadôr da sua Imprensa a gratidão de mais um immenso serviço prestado tambem por elle em prôl do augmento da sua representação na Camara dos Deputados, que era de dois representantes ao tempo de Silveira.

Elle bateu-se com galhardia e bons argumentos de ordem estatística e politica pela idéa que aventou, defendeu e vio realisada.

Vulto de elevado destaque pelos seus meritos intellectuaes nas fileiras do PARTIDO LEGALISTA, tambem chamado pejorativamente *rapina*, dominante na Provincia em 1836, foi o Monsenhor Fernandes da Silveira, naturalmente, o *leader*, a cabeça pensante, o inspiradôr intellectual da reacção e defesa do Governo Provincial contra a «Revolução de Santo Amaro», preparada e dirigida com muita habilidade, naquelle anno, pelo Dr. Manoel Joaquim Fernandes de Barros, famoso scienista, depois assassinado covardemente na Bahia, e o Commendadôr Antonio José da Silva Travassos, nosso primeiro historiador politico, luctador de tempera spartana e herculea compleição moral.

O principal motivo daquella celebre Revolução santamarense, na qual um dos braços da imagem do santo padroeiro foi amputado por uma bala, fôra a candidatura do Monsenhor Silveira, e a do seu co-religionario Almeida Bôto, á Deputados Geraes.

Bem se sente, ainda hoje, quando se lhe estua a psychologia politico-social, a profunda e suggestiva influencia exercida pelo robusto e illustre espirito de Silveira sobre a sociedade e a publica administração da sua época convulsionaria e perigosa, época sombria e barulhenta, em que quase naufragou a Nação, salva tão somente pelo pulso sansanico e providencial dos Regentes, com especialidade o de Diogo Antonio Feijó.

Monsenhor Fernandes da Silveira foi, afinal de contas, sem contestação, a maior intelligencia que militou e fulgiu dentro do palco sergipano, nos dramas partidarios da phase regencial.

Que sobre o tumulo onde repousam as frias cinzas do homem notavel, tão combatido e malsinado pelos adversarios que teve, paire e assente agóra, serena e radiante, a Justiça da Historia.

Costa Filho.



A proposito de uma data

Sergipe, como antiga Provincia sob o Imperio e hoje Estado federativo sob o regime republicano, proclamado a 15 de Novembro, celebra a esta hora o 1º centenario de sua independencia.

Como glorificação, seja-nos justo rememorar no momento os principaes acontecimentos de sua historia o extraordinario influxo de sua colonisação devido á corrente exploradora de minas; a invasão hollandeza; as suas lutas pela reconquista, seguidas de um periodo de tão funestas perturbações internas que o levaram a dominação da Bahia, quando amparado por Labatut, proclama de modo incontestavel a sua independencia.

E' de ver, porém, qualquer que tenha sido a sua evolução politica, de character socionomico, que, para bem comprehendel-a, mister se faz o estudo do seu desenvolvimento individual, de character bionomico.

Effectivamente, unidade ethno-psychologica, o povo sergipano apresenta-se-nos portador de um elemento hereditario e de um elemento de adaptação: o primeiro, como força estatica da psychologia collectiva, e que se nunca extingue e se nunca apaga, é o fauctor primarcial que lhe vem do passado, criando e fazendo a alma nacional brasileira aflorar na caudal de tradições, de mythos e legendas; e o segundo, de cuja influencia já não é licito duvidar, é o coefficiente esthetico por excellencia, que abrolha consoante novas necessidades e novos meios e se lhe expande e palpita, de modo admiravel, nas composições poeticas do seu *folk-lore* e em toda a sua vida artistica e intellectual.

Nos *Cantos e Contos populares no Brasil*, Sylvio Roméro que, na qualidade de nosso primeiro historiador litterario, é o nosso melhor *folk-lorista*, dá-nos uma larga recolta de poesias e historias do povo sergipano; e não só no que diz respeito á lyrica, ao conto e á lenda, como no attinente ás advinhações, ás superstições em grosso e a tudo mais no genero popular, pode-se constatar a pujança inconcussa do nosso genio, e dizer que não existe no Brasil terra onde a lyra popular seja mais sonora, « as festas plébeas mais animadas, as modinhas mais maviosas, as danças mais ardentes, os lundús mais chorados ».

Sobretudo a musica e a poesia lyrica, o pasto mais apreciado da esthesia dos sergipanos...

Mas foi só na segunda metade do seculo dezenove, que a poesia sergipana appareceu semi-classista com Gomes de Sousa e percorreu no seu desenvolvimento todas as escolas e todos os estylos da poesia brasileira do ultimo seculo, tornando-se com Tobias Barretto condoreira, com João Ribeiro scientificista e com Sylvio Roméro criticista, os quaes foram, de modo incontestado, os iniciadores do alludido movimento

Tratando da repercussão do pensamento sergipano nas letras patrias, firmei algures haver sido Tobias Barretto quem, na sciencia e literatura germanica, viu um grande veiro a ser explorado, secundado neste particular por Sylvio Roméro, que assignalou dos povos teutonicos sua alta significação ethnographica, sua vasta contribuição para o cultivo geral, suas magnificas qualidades de espirito e sua disciplina critica, dignas de serem apreciadas em seu justo valor e servirem de estimulos a nós outros.

E desta arte estava desde então fundada a chamada escola teuto-sergipana, como approuve a literatos fluminenses denominalla. Della, no entender de Clovis Bevilaqua, derivou o extraordinario movimento philosophico do paiz com a publicação, em 1875, dos *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica* do grande sergipano.

Sylvio Roméro, em 1879, dava a lume *A Philosophia no Brasil*, descarnando a nossa miseria intellectual sob a couraça de um reformador, na phrase incisiva de Phaelante da Camara. E ao influxo das novas ideias, rasgaram-se os horisontes do pensamento nacional.

Tobias fundou a critica religiosa, e Sylvio a critica ethnographica, nesse bello e grandioso monumento que é a « *Historia da Literatura Brasileira* ».

O agnosticismo evolucionista do primeiro teve sua repercussão no *teleo-mechanicismo*, do segundo.

Arthur Orlando escreveu com muita clarividencia que Tobias possuiu o senso da visão e Sylvio o da execução.

O como e o quanto influiram no pensamento nacional contemporaneo depreheende-se da leitura insuspeita d'« *O momento literario* », de João do Rio.

N'« *A literatura sergipana* » affirmára eu, como inconcussa e incontestavel verdade, que o pensamento brasileiro recebera do pensamento sergipano o seu mais decidido influxo, por que d'elle emanou o senso da visão em quasi todos os ramos da nossa actividade mental.

E, de certo, desde a aurora da sua vida social, o genio sergipano se manifestou lyrico e audaz na força pessoal e no character de seus artistas e pensadores. E' o que nol-o attesta a

ua formação e desenvolvimento psychologicos. Lyrico e audaz foi o genio dos nossos trovadores incultos, mas idolatras do bello do amor; foi Tobias Barretto, revolucionando ha trinta annos o pensamento nacional; foi Sylvio Roméro, escrevendo uma *História da Literatura Brasileira*, que é um monumento de critica scientifica alicerçado sobre o sentimento da autonomia intellectual do nosso povo; é João Ribeiro, em suas *Paginas de Esthetica*, ensinando como se deve lêr os classicos, e fazendo explodir na consciencia moderna a consciencia duradora e alongada da raça que se não apaga e que se nunca extingue; foi Felisbello Freire, descobrindo o filão do sentimento democratico da população nacional, em estado latente á espera do momento propicio para transformar-se em força viva do nosso progresso social e politico; foi Gumersindo Bessa, levando para longe o seu ardoroso impulso em favor da futura personalidade juridica da communhão acreana; foi Fausto Cardoso, o iconoclasta, o tribuno fervoroso da democracia; lyrico e audaz temos sido todos nós e sel-o-hemos sempre.

E é deste ponto de vista, — perscrutando o passado e procurando desvendar o futuro, — que nos é justo a nós, os filhos desta terra, saudar com toda effusão d'alma o centenario da independencia de Sergipe, que intemerato segue no momento para o futuro pela larga trajectoria da civilisação nacional.

PRADO SAMPAIO.

Aracajú, 8 de Julho de 1920.





Commendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto

Notavel figura historica da ex-Provincia de Sergipe e grande Chefe do Partido Liberal, sobre quem proferio uma conferencia no Instituto Historico e Geographico deste Estado o Professor Dr. Costa Filho, no dia 8 de Julho de 1920.

Boto

Summula biographica

Nasceu aos 17 de Setembro de 1802 no Município de Santo Amaro.

Aos 19 annos começou a servir ao paiz mantendo da sua algibeira uma Companhia de Guardas Milicianos, que commandou como Tenente durante a guerra da Independencia do Brazil. Foi elogiado pelo General Pedro Labatut.

Fez parte saliente do Conselho do Governo da Provincia em 1834.

Foi Deputado Provincial nas Legislaturas de 1834 a 1842.

• Representou a Provincia de Sergipe na Camara Geral dos Deputados nas legislaturas de 1838 a 1841 e 1843 a 1844.

Esteve na Presidencia da Provincia cinco vezes.

Commandou as forças legaes que poseram termo á celebre *guerra* de Santo Amaro em 1836.

Chefiou por longos annos o Partido Liberal, na Provincia, cuja chefia passou ao Barão da Estancia em 1863.

Falleceu aos 31 de Maio de 1884 no Engenho Poxim, municipio de S. Christovam, em cuja Igreja Matriz está sepultado. Era Commendador da Imperial Ordem de Christo por Decreto de 18 de Julho de 1841.



Dr. Luiz José da Costa Filho

1.º Secretário do "Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe"

Advogado e Professôr



Frei José de Santa Cecilia

Chamou-se a principio José Pacifico de Salles, e nasceu em São Christovão, Provincia de Sergipe, no anno de 1809.

Foram seus pais Manoel Cyriaco de Salles Neúma e d. Maria de São José Salles, engeitada da roda da Misericordia.

Fez seus primeiros estudos na cidade natal, aprendendo o Latim com o insigne latinista Ignacio Antonio Dormundo, notavel pregador.

Ainda no verdor dos annos entrou na vida publica abraçando a carreira do functionalismo publico.

Dotado de intelligencia pouco commum, e de outras qualidades, que o recommendavam ás sympathias geraes, principalmente dos encarregados do poder publico que naquella epocha davam mais apreço do que hoje ao merecimento real, foi sem esforço que obteve collocar-se na Secretaria das Armas de Sergipe, por nomeação do respectivo commandante Ignacio José Vicente da Fonseca, em 16 de Fevereiro de 1826, para o logar de Praticante da mesma repartição, vago pelo accesso a 2.^o Escriptuario, do respectivo serventuario Antonio Gonçalves Dormundo.

Pouco tempo demorou-se no exercicio deste emprego, deixando-o no anno seguinte, para seguir a carreira ecclesiastica, o que fez, entrando para o convento de São Francisco da Bahia, onde professou em 9 de Março de 1827, tomando o nome de Fr. José de Santa Cecilia.

Foi ahí, á sombra do mosteiro illuminado por tantas aguias que illustraram a tribuna sagrada no Brasil desde os tempos coloniaes, que sua intelligencia se patenteou como se havia revelado desde a infancia, assumindo proporções que o tornaram um dos grandes pregadores de sua Ordem.

Levando da terra natal os primeiros conhecimentos transmitidos por excellentes mestres na sua adolescencia, facil lhe foi em pouco tempo assenhorear-se do cabedal scientifico ministrado pelos professores monasticos, de reconhecido saber.

Assim foi que salientou-se logo entre os primeiros, tornando-se mestre entre os seus condiscipulos, altamente considerado pelos seus mestres, que declararam orgulhar-se de tão glorioso discipulo.

Por isto, no Capitulo celebrado em 5 de Dezembro de 1829,

foi incluído no numero dos collegiaes, que deviam frequentar no anno seguinte o curso de Philosophia, em que teve como professor, Fr. Luiz de Santa Theresa, Pregador Imperial.

Em Março de 1832, tendo concluído com brilhantismo raras vezes visto, o curso de Philosophia, começou o de Theologia, tendo ainda como Professor e Director dos estudos, Fr. Luiz de Santa Theresa.

No anno seguinte cursou as aulas de Historia Ecclesiastica, e Theologia Dogmatica, leccionadas por Fr. Luiz da Assumpção.

Completo o curso em 1834, Santa Cecilia foi logo nomeado Passante, isto é, um dos professores para o curso do anno a seguir-se, sendo-lhe designada a cadeira de Theologia Moral pelo Capitulo intermedio de 1 de Junho.

Voltando a Sergipe, saudoso do convívio espiritual na capital bahiana, «patria de sua educação moral e litteraria», como dizia elle, cantou a sua primeira missa (missa nova) em S. Christovão, na igreja do Rosario, no dia 6 de Janeiro de 1835.

Sua passagem pelo convento da Bahia foi uma serie de triumphos, ora na cadeira de professor, ora na musica de que era habil cultor, ora na tribuna sagrada, onde grangeou merecida fama.

Um dos seus maiores triumphos oratorios, que ficou memoravel n'aquella epocha, foi uma festa de 2 de Julho, sendo carregado nos braços do povo e tropa, que o acclamavam delirantes, no descer da tribuna sagrada.

Mestre em todas as materias que ensinava, era especialista em Philosophia, sciencia de sua predilecção, em a qual aprofundou-se notavelmente.

Como musico, foi excellente executor e componista tendo obtido no convento onde professou o renome de primeiro contrapontista e organista no conceito dos competentes.

Como tal, compôz na Bahia muitas musicas sacras—hymnos, jaculatorias, ladainhas, tantunergus, etc.

Por ser amante da musica, foi que escolheu para a vida que adoptara o nome de Santa Cecilia, padroeira da divina arte.

Depois da **missa nova**, voltou á Bahia. Lá adoecendo em 1836, regressou ao ninho natal no começo do anno.

Foi então que venceu a idéa dos Christovenses de festejarem pela vez primeira a data 24 de Outubro, que se diz ser a da chegada da noticia da emancipação de Sergipe da tutela da Bahia.

Havia carencia de um pregador. Nenhum pregador se quiz prestar a fazer o panegirico do dia 24 de Outubro que desde então tornou-se sagrado para os sergipanos, crendo-se geralmente, com as opiniões sem fundamento dos historiadores, ser a data do decreto emancipador.

Então a commissão encarregada dos festejos, composta dos Padres Francisco Bemvindo de Campos, Luiz Correia Caldas

Lima, Manoel da Silva Rosa, Vicente Ferreira Nunes, Francisco José Gomes e Zacharias Marques de Vasconcellos, reuniu-se a 15 de Outubro, e elegeu Santa Cecilia para fazer do pulpito a oração historica na occasião do *Te-Deum*, enviando-lhe um officio convidando-o a aceitar o patriotico encargo.

Santa Cecilia ainda não estava de todo restabelecido; mas como contava dessa vez triumphar da morte e se appellava para o seu *liberalismo, talentos e patriotismo*, e impossibilidade de achar outro pregador, que em tão poucos dias preparasse um panegirico tão importante, respondeu que sim, ainda com sacrificio de sua saúde.

Effectivamente, no dia e momento aprasado, subiu ao pulpito o franciscano, recebido com o mais religioso silencio, presente a mais selecta assistencia da Capital, correspondendo á expectativa publica como outr'ora á sociedade bahiana com o seu verbo fecundo e sua potente imaginação. (2)

Por essa occasião, e para os mesmos festejos, fêz o arranjo, — adoptando um trecho de opera antiga, — do hymno sergipano, cuja lettra, tida como sua durante muitos annos, apparece em uma publicação posthuma, como obra do antigo vate sergipano, Manuel Joaquim de Oliveira Campos.

Transcrevemos aqui alguns topicos do celebre *Sermão* de 24 de Outubro, de um exemplar, talvez o ultimo, que possuímos.

Basta esta ligeira amostra para o leitor julgar a flamma patriotica e por vezes revolucionaria desse franciscano, que foi espiritalmente um emulo de Fr. Caneca, e a quem Sylvio Romêro não consagrou uma palavra no seu estudo sobre os oradores sagrados brasileiros, talvez por desconhecer esta peça.

.....
.....
« No tempo, pois, em que o archote da discordia flammejava no horisonte da Bahia, e os rubros estandartes da guerra se viam levantados entre a Lusitania e o Brasil, sendo parte integrante a Metropole do Imperio, foi quando, Srs., Sergipe de novo feudataria daquella Provincia, viu muito de perto o servilismo, a ingratição, a tyrannia de alguns de seus habitadores: como que ainda vejo, como que ainda me tocam essas imagens de dôr, e de uma indifferença tão execranda! Sim, eu vejo sahirem d'esta Capital, arrancados dos braços de suas Consortes, amigos e parentes, em fim, da doce Patria, os nossos dignos Concidadãos, Montes, Valença e Bernardino, que, carregando pesados ferros, e marchando entre cortadoras espadas, que sergipanos ingratos alçavam,

(2) Essa importante peça oratoria foi dada a estampa em folhetos na "Typographia Patriotica da Villa Constitucional da Estancia", fundada por Monsenhor Silveira, em que foram publicados o "Recopilador Sergipense", em 1833, 1.º jornal de Sergipe.

são conduzidos até Larangeiras, onde, depois de gemerem em tenebrosas masmorras, são remetidos á Bahia, entregues a todas as desgraças, que sempre acompanham tão funestos acontecimentos.

« Ora, como o mundo moral segue a marcha do mundo fisico, como ambos dependem forçosamente da harmonia e estabilidade das suas partes, para existirem; eis porque, quando uma lei mecanica se desliga, todos os corpos tambem padecem, assim como quando um Povo, uma Nação, e mesmo uma Provincia se desmoralisam, se perturbam, todas as outras sentem os effeitos da revolução. Sergipe, pois, ao ponto que a Bahia luctava com a guerra, tambem fluctuava ao choque de discordias mil no tempestuoso Oceano de calamidades; mas, ó Providencia invisivel de um Deos! Assim é que encadeias para o fim que te apraz, os acontecimentos d'este mundo, assim he que a gloria se torna mais sublime e savoriada, quando precede o padecimento, assim he que por entre lagrimas tu dás a beber o riso; eis como, Srs, Sergipe viu renascer sua liberdade d'entre as cinzas da miseria ».

Aqui as suas explosões e protestos contra os filhos da terra que se revoltaram contra a propria mãe patria que os embalara no berço. (3)

Mais além o grito de revolta contra a tyrannia que havia levado ao cadafalso o sublime Caneca, o verbo da democracia atirado a turba, que nunca tinha ouvido de um pulpito o elogio rapido embora, da idéa gloriosa, que succumbiu em 1824 com o martyrio dos heróes da mallograda Confederação do Equador.

Se naquella data estivera no Norte, onde soprava o vento das discordia rubra, tingindo de sangue irmão, campos, aldeias e cidades, assistindo o perigo das liberdades abatidas pelo poder mais forte, esse franciscano magnanimo, capaz de urgentes sacrificios por um ideal civilizador, teria sido tambem um dos martyrisados defendendo a causa sacrosanta da Liberdade.

Ouçamol-o em continuação, trasendo suspensa de seus labios a alma do povo que se sentia grande diante de sua palavra flammejante.

« Quando, pois, o Norte intrepido, ainda que infeliz nos planos de sua heroica liberdade, o Norte que pela federação do Equador tinha visto abrirem-se a seus olhos escuras masmorras, que sepultaram genios livres, cadafalsos, que fumegaram em sangue, e que já ouvia o feliz annuncio da paz, que o Anjo Tutelar do Brazil voando de Provincia em Provincia, dava a beber aos bons patriotas no balsamo de um porvir venturoso, quando a Liberdade enchugando os olhos mostrava o lenço de longe ás Provincias suas confinantes, quando, finalmente, os choques

(3) Pedro Vieira, Guilherme Nabuco e outros.

da politica hiam desaparecendo, e o Brazil quasi inteiro milagrosamente se prendia nos laços da doçura e amisade, foi, Srs., quando Sergipe, minha Patria, ainda lutando braço a braço com as discordias dos seus habitantes, ainda mostrou desavenças, quando as mais Provincias davam exemplos de união: accende o facho da intriga com o Governo e dignos Cidadãos seus; e então se vio, óh dôr! Para que ainda vens ferir corações sensiveis! ».

Lavrava então em Sergipe, e com intensidade, discordias politicas e odios inveterados oriundos da Independencia mal recebida pelos partidarios do Brigadeiro Pedro Vieira.

Exhortando os sergipanos para a União, produziu brilhantes conceitos com extensos periodos de primoroso estylo.

« Revela, porém, conhecer, que o pavilhão da Liberdade jamais pode tremular sobre mal seguras bases, e que jamais a felicidade de um Povo pode fixar-se em corações livres, mas que a desunião os revolta, porque então a liberdade torna-se um fantasma, e a felicidade um nome abstrato, do qual não se collige consequencia alguma positiva ».

Occupando-se incidentemente da politica de então, com os seus manejos indecentes, que passaram á geração actual com mais requintado desvergonhamento; fallando do arbitrio dos governos e prepotencia dos grandes demolidores, em termos energicos, disse saber o abuso da liberdade de imprensa armada em prostibulo na velha Capital (4) com o seu primeiro jornal » (5)

Pasmo de ver o procedimento de alguns, que, por intimidades já por si, ou seus effeitos, e por antipathias mui gratuita manejam dados de uma Typographia (a meu ver) escrava (6) pois que devendo ser nesta cidade o cofre da instrucção publica, se tem tornado um arsenal de intrigas vis e de motejos insultantes, com que se ataca a honra, a modestia, e a reconhecida conducta moral de Sergipanos probos, que de certo não necessitam infileirar-se em torno das bandeiras desses Partidos sempre perigosos, que infelismemente se levantam na Capital de S. Christovão para desta arte serem elevados.

« A virtude, Senhores, recommenda por si mesma, o merecimento se manifesta claro e mais perde a Provincia sem duvida, não chamando á sua representação os cidadãos pacificos, morigerados e instruidos; do que esses liberaes de exaltação, que só

(4) S. Christovão.

(5) Noticiador Sergipense, fundado no mesmo anno, na Typ. Constitucional da Estancia transferida para S. Christovão.

(6) Alusão ao "Noticiador".

tendem a formar a anarchia religiosa e Politica ; ou a esses illusorios, que, quaes cegos do cegos do capricho, do sordido interesse, e ambição por entre as trevas, que elles mesmos preparam para si, e para este Povo, farão para o futuro, (o Céu permittame e enganem os ideaes) cambaleiar e cahir por terra o fraco edificio Publico desta malfadada Provincia, que se tem visto sempre combatida e cruelmente atraçoada.

E' de sua brilhante peroração o seguinte topico em que falla ao auditorio como um verdadeiro Evangelista, fazendo lembrar o celebre sermão do Padre Antonio Vieira.

« Vós, mais afortunados que os Israelitas, não caminhaes por arduos desertos, apenas guiados pelo archote nocturno de uma estrella ; aqui mesmo destructaes benções do Céu e vantagem da mãe Patria. Sois independentes, sois livres ; mas não deixeis cahir das mãos o Prisma da vossa immortal gloria, que então se quebrará. Amai-vos mutuamente, uni-vos Sergipanos ; firmæ vosso character nas bases da União, essa Rainha das virtudes, balsamo dos trabalhos da vida, centro donde partem todas as luzes da politica, corda giradora de todos os sons da armonia social, em fim, mar immenso de todas as venturas, que podem afortunar hum Povo livre, huma Nação, hum Estado.

A parte politica do sermão foi a nota dissonante da mimosa peça oratoria, no conceito da opinião de todos os credos que ouviram-na com religiosa attenção.

Falando sobre a chaga social de então, perante um povo não costumado a ouvir do pulpito tão rudes verdades, não pensava Santa Cecilia que desencadeiaria contra si uma grande tempestade de odios e represalias, como fôra justo suppôr.

Pouco depois o n.º 161 do «Noticiador Sergipense», por elle vergastado, publicava uma insolita correspondencia atacando-o violentamente, chamando-o de ardiloso e virulento, ao mesmo tempo que o accusava de conspirador contra o throno e o altar.

Como complemento do libello accusatorio, seus inimigos representaram contra elle ao Arcebispo Metropolitano, e attentaram contra a sua propria existencia, segundo ficou mais ou menos averiguado, pelo que, acabrunhado e desgostoso, transferiu sua residencia para Larangeiras onde encontrou o melhor acolhimento por parte da população.

Convidado diversas vezes para occupar o lugar de Provincial da Ordem, na Bahia, recusou-se sempre talvez por causa da sua vida livre, incompativel com a posição grave e austera daquelle alto cargo.

Em 1840, porém, nomeado pela Congregação em reunião de

6 de Junho, accitou o cargo de Presidente do Convento de Sao Christovão, continuando no mesmo, por eleição do Capitulo em Dezembro de 1841, reeleito em 5 de Junho de 1843.

No Capitulo de 30 de Novembro do anno seguinte foi eleito guardião do Convento de Penedo, para onde seguiu em Fevereiro de 1845. Occupou lá a sella proxima a que fica annexa, do lado esquerdo á egreja do mesmo Convento, olhando em frente para a egreja Matriz. (7) Em sessão de 4 de Junho de 1846, a Congregação designou-o para leccionar Latim na aula publica do mesmo Convento.

Em Penedo demorou-se até o fim de 1849, pois, nomeado em junho desse anno guardião do Convento de S. Christovão, voltou a Sergipe, onde exerceu o guardionato até Dezembro de 1850.

Por esse tempo sua vida já era bastante desregrada, entregando-se com excesso aos prazeres do amor e de Baccho, e começou aos poucos a avariar-se-lhe a saúde, já sensivelmente alterada, bem que no gôso de suas forças phisicas.

A tribuna sagrada continuava a vê-lo cada vez mais que se lhe offerecia oportunidade, não deixando de cultivar as musas, escrevendo algumas poesias bajulatorias para o «Correio Sergipense», e a arte dar harmonias, compondo musicas sacras entre outras o sublime «Tantum-Ergo», conhecido pelo seu nome.

D'ahi em diante, na decada de 1850, appareceu o padre, depois vigario José Gonçalves Barroso, com pretensões bem entendidas de fazer-lhe competencia na tribuna sagrada, pelo que mimoseavam-se com ditos picantes, ironias acerbias, por não quererem ceder o lugar um ao outro.

Não deixavam, porem, de se mostrar amigos, apesar de rivaes, aproveitando Barroso, moço ainda e fogoso, as licções do mestre.

Entretanto aggravavam-se os seus padecimentos, devido aos seus desregramentos e incontinencia.

A vida monastica não lhe havia modificado os habitos adquiridos na mocidade. Era ainda viril.

Era theologo, porem era mais philosopho para não se deixar vencer pelos seus proprios ensinamentos, a que era obrigado por disciplina e por conveniencia da profissão.

Como pensador, que não pode deixar de ser o Philosopho, ninguem mais do que elle podia julgar as cousas que se prendem á cadeia da vida.

Sabia que havia de morrer (e quem ignora?), mais tinha certeza de não perder-se.

(7) Nesta mesma cella habitaram Fr. José de Santa Eugracia, seu emulo como pregador e philosopho, e Fr. João Jeronymo, outro franciscano notavel.

Soffreria somente a materia.

Pouco se lhe importava fosse mais cêdo, o que talvez fosse peor vindo mais tarde, e entregou-se ao goso material de que participa tambem o espirito.

A virilidade o lançou no pelago. Antes da morte havia de aproveitar a vida, olhando as cousas pelo seu lado verdadeiro.

Foi o que fez o franciscano, sem remorso de consciencia nem receio do purgatorio nem do fogo material do inferno.

Tudo por Venus e por Baccho.

Era o anno de 1859

Bate á porta o mez de Setembro. Accelera-se a terrivel molestia que o teria de victimar, e a sciencia medica declara-se impotente para prolongar-lhe os dias.

No dia 6 agonisava. Manda accender todas as luzes do seu quarto, ás 10 horas do dia, e do proprio leito, de onde não se levantou mais, perante muitos ouvintes que assistiram-no, pregou contrico o seu ultimo e commovente sermão a Maria Santissima.

No dia seguinte fechou as palpebras pela ultima vez, na sua cidade natal, ficando o Padre Barroso com o seu espolio litterario, — os seus sermões e outros trabalhos ineditos, dos quaes não ha mais noticias.

Santa Cecilia era muito versado nos philosophos e poetas da Renascença até os seus contemporaneos.

Foi amigo particular de Mont'Alverne com quem se correspondia, e de Fr. Bastos, cuja vida desregrada seguiu bem com os vãos da intelligencia.

O Bossuet brasileiro, na phrase do poeta das « Visões do Claustro » orgulhava-se de ter sido mestre de Santa Cecilia dizendo deixal-o como substituto na tribuna sagrada.

Nada mais precisava para sagral-o, do que esta phrase de Fr. Bastos, que no seu tempo não foi excedido por nenhum orador sagrado, nem mesmo por Mont'Alverne, pela facilidade da improvisação, e de transformar-se no pulpito como artista.

O « Jornal da Bahia », de 6 de Outubro de 1859, noticiando o passamento de Cecilia, disse: « Era versado nas letras santas e profanas e bom poeta.

Era um dos mais eloquentes oradores da tribuna sagrada que « temos ouvido » nesta provincia. Dias antes de morrer, depois de sacramentado, quando seus irmãos, indo visital-o, sabendo do seu estado, elle os recebeu de face serena, espirito tranquillo e riso angélico com a seguinte quadrilha:

« Já disse adeus ao Parnaso,
Já pendurei minha lyra,
Agora vou respirar,
Aonde o Eterno respira ».

« De que choram? Isto é tão natural! Tranquillisem-se. Estou despedindo-me do mundo de enganos para os ir esperar na verdadeira mansão ».

E assim sumiu-se na voragem o grande franciscano.

Em Penêdo e em S. Christovão, até poucos annos, contavão-se episodios e anedoctas do Philosopho, que davam idéa de suas extravagancias e do seu espirito.

Aracajú, Janeiro de 1918.

Francisco A. de Carvalho Lima Junior.





Professor M. J. de Oliveira Campos

« Poéta, advogado, professor, lidou com a sociedade de seu tempo pelos orgams de relação mais sensíveis que ligam o homem á vida intellectual, na civilisação coetanea : pelo ideal, na lyra ; pela eloquencia, na tribuna; pela mocidade, na cáthedra.»

Ruy Barbosa.

Vamos fallar n'um dos illustres sergiganos extinctos, aquem o constante evoluir dos tempos, quasi apagou da memoria dos que vivem a moirejar no mundo das lettras...

E se não fôra talvez a extrema generosidade do saudoso professor Eutychio Lins, que em homenagem á memoria do mestre illustre, tomára a feliz iniciativa de reunir em um volume as suas producções litterarias, trazendo-as á luz da publicidade em Janeiro de 1901, é possível mesmo, que já ninguem mais se lembrasse de sua veneranda personalidade!

Foi consequentemente o gesto de altruismo e gratidão de Eutychio Lins, o homem desinteressado, que enfeixando n'uma brochura os bellos trabalhos laborados pelo éstro do distincto poéta, não só enriqueceu as lettras sergipenses, como rendeu um culto de veneração póstuma á memoria do primoroso poéta, cujas producções scintillantes, jaziam na poeira do esquecimento...

«Musa Sergipana - Poesias Postumas», de Oliveira Campos, é um livro cujo lavor litterario, merece lido e manuseado por todos quanto se interessam pelas bellas lettras.

Não é um livro traçado em estylo moderno, mas todavia, podemos affirmar ser um bello trabalho da antiga litteratura.

Manoel Joaquim de Oliveira Campos, não é um desses vultos apagados e nullos, aquem se deixe de collocar em o numero dos grandes sergiganos, porquanto o seu nome illustre se acha ligado aos lances de nossa historia patria, pela sua valente collaboraçaõ intellectual. Talvez devido a sua origem humilde e a sua pobreza sem macula, em cujo manto diaphano procurou sempre viver envolto, deixou por isso de figurar como um dos principaes homens de lettras de seu tempo. Comtudo na carreira que abraçou em sua vida publica, galgou varias posições de destaque e confiança dos governos, occupando não só cargos

de nomeação, como também exerceu muitas vezes o mandato de Deputado á Assembléa legislativa nos biennios de 1880 a 1889, sendo eleito entre os seus pares para occupar os cargos de 1º e 2º Secretario, nos quaes se portou com o maximo criterio e inexcedivel brilhantismo, no desempenho do mandato popular.

*
* *

Professor dos mais competentes, encaminhou o genio de Tobias Barretto a ensaiar os primeiros vôos de aguia ainda implume, nascida nas plagas sertanejas da então villa de Campos, em cujo sólo fecundo veio á luz o possante condor altaneiro, que mais tarde veio a assombrar o Brasil agitando os seus vôos extraordinarios através das collinas e cordilheiras!...

Em fallando de Oliveira Campos e Tobias Barretto, commetteriamos uma grande falta se por acaso deixassemos de transcrever nesta oportunidade, umas quadras que a respeito de Tobias, escrevera o velho professor, quando d'uma occasião em 1847, fôra accommettido de tenaz enfermidade em sua infancia, o menino prodigio, então seu estimado discipulo, por quem vibrára sentido, o inflammado coração do poeta:

« Não nos roube crua morte,
Dos nossos braços Tobias:
Respeita seus tenros annos,
Deixa-o crescer mais uns dias!

Tú que és verdugo
Da humanidade,
Mostra uma vez
Que tens piedade.

Não tires já deste mundo
Um bello ornamento seu;
Deixa-o viver que depois
Ha de ser despojo teu.

Mas consente que alcançando,
Lucido estudo e saber,
Aos homens seja prestante
Antes que chegue a morrer ».

Estas quadras, se não têm grande colorido, nem encerram arroubos de eloquencia e lyrismo de encantar, pelo menos têm o valor da inspiração que predisse o futuro e o destino que aguardava o brilhante genio de Tobias, em cuja cerebração havia de predominar a scintillação intensa e extraordinaria do DIAS E NOITES, como a profundeza immensa do MENORES E LOUCOS!

Como advogado de nota no civil e no crime, o velho Campos, deixou no fôro por onde agitou varias questões importantes, vivos lampejos de seu talento masculino. Escriptor de pulso, chronista fulgurante, no « Correio Sergipense » publicou entre outros trabalhos de grande folego e valor reconhecido, — « Chronica contemporanea » longa poesia sobre a administração do Dr. João Dabney de Avellar Brotero, em 7 de Agosto de 1858. Agora porem, o que dizermos do poeta e do latinista?!

Para aquilatarmos do valor distincto do seu primoroso éstro, podemos mencionar da « Musa Sergipana — « Poesias Postumas », um bello soneto consagrado ao amôr em que diz o poeta:—

* Amor, tyranno Amor eu não te sigo;
Longe de mim emprega os teus rigores:
Na turba de infelizes amadores
Tú não has de me ver lutar comtigo.

Se tão ousadamente isto te eu digo,
Agradeço aos teus tristes secutores,
Que me têm bem mostrado os dissabores,
Que costumam causar duro inimigo.

Sempre se cançará com sorte dura
Quem tributa homenage' ao cego insano,
Quem captivo se diz de uma perjura:

Eu, que ao longe observo todo o damno,
Não quero esperar sempre da ventura,
Nem quero sentir tarde um desengano.*

Como vêm os leitores, Oliveira Campos era um poeta sublime e delicado, um éstro primoroso e de vôos arrojados!... Das suas poesias patrioticas consagradas á memoravel data de 24 de Outubro, anniversario da elevação da Capitania de Sergipe á cathegoria de Provincia, podemos enumerar a recitada em 1836 no theatro da velha S. Christovam, onde o ardoroso poeta teve verdadeiros surtos da eloquencia hugoana! Tambem é um producto de sua fecunda cerebração, a letra do Hymno Sergipano dedicado á mesma data grandiosa de nossa indepedencia politica.

*
* *

Do latinista profundo que foi o illustrado professor Oliveira Campos, podemos aqui mencionar o —

« Epigramma As Nupcias de Canaan », dado livremente ao poeta para traducção improvisada:—

*« In vinum quoe vertit aquas Divinas potestas,
Sanguinis in fluvius vertet et ipsa merum ;
Inque suam cornem cerealea munera vertet,
Pellat ut orbe sitim pellat ut orbe famem.*

Epigrama este, que logo incontinentemente em cima da perna, como se diz geralmente em linguagem correntia, obteve a traducção seguinte ao pé da lettra :—

« Aquella potestade soberana,
Que as aguas transformou em puro vinho,
Do vinho tornará rios de sangue,
E o pão converterá na carne sua,
P'ra do mundo expellir a sêde e a fome ».

Conforme já temos demonstrado aos leitores, é este mais um attestado vivo e eloquente de sua verve como homem de grande capacidade no mundo das lettras, em cujo logar teve sempre a primasia entre seus companheiros de labôres... Não obstante haver sido dotado de grande talento e cultura, foi comtudo sempre extranho a ambições de glorias, por isso que passou toda a sua existencia pelejando no interior do Estado, abraçado á carreira de sua predilecção. Pobre e modesto, fez-se exclusivamente á sua custa, conseguindo alcançar toda a instrucção de sua juventude no tempo da Provincia, com o impulso de seu esforço proprio ! Era filho legitimo de Antonio José de Montalvão, e de d. Maria José de Jesús Montalvão, humildes camponezes nascidos no logarejo denominado Murtuar do Municipio de Itabaianinha, tendo vindo á luz do mundo aos 16 de Julho de 1816, na então Villa de Campos. No prefacio da « Musa Sergipana Poesias Postumas », o professor Eutychio Lins, incorrendo n'um simples equivoce deu-n'os o poeta como tendo nascido na saudavel Itabaianinha, quando seus velhos progenitores é que eram naturaes d'aquelle Municipio. Tambem nós da mesma sorte que o professor Eutychio Lins, emganamos-n'os, quando em um escripto com a assignatura de Heitor Leone, intitulado « Patria de Olympio Campos » e publicado no « Jornal do Povo » em Janeiro de 1918, demos o illustre latinista como natural d'aquella Villa.

Em escrevermos este modesto trabalho sobre a individualidade de Oliveira Campos, comquanto tenhamos tirado a gloria de haver nascido o poeta em Itabaianinha, conforme notas que colhemos em fonte insuspeita, todavia, esclarecemos d'est'arte esse equivoce da parte dos nossos historiadores.

Concluindo o nosso trabalho modesto e despretencioso, podemos dizer como o illustre auctor da « Musa Sergipana »— « Oliveira Campos, distinguu-se, distanciou-se muito de seus

conterraneos coevos e tinha azas para vôos arrojados ás culminancias da civilisação no Brasil, onde podia achar nobre poizo a par dos Gomes de Souza, Joaquim Esteves e Pedro de Calazans». Falleceu em 12 de Abril de 1891, deixando á viuva, dignissima senhora D. Antonia Campos, unicamente a pureza de sua honra; e ao cemiterio da Villa do Boquim, dentro de uma sepultura rasa, o ergastulo de sua alma, virgem de crimes ».

A' memoria do illustre patricio extincto, que honrou com o brilho de seu talento fulgurante ás lettras patrias, rendemos a nossa homenagem sincéra.

Aracajú, — Julho — 1920.

Hermenegildo Leão.





Cap.º-mór Joaquim Martins Fontes

Cap.^m-mór Joaquim Martins Fontes

Nasceu a 27 de Julho de 1798 no Municipio de Itabaianinha e falleceu a 20 de Agosto de 1860 no Municipio de Laranjeiras.

Foi membro do Conselho do Governo.

Deputado Provincial em quatro legislaturas e Deputado Geral de 1834 a 1837.

Como Vice-Presidente esteve no Governo da Provincia quatro vezes.

Era Cavalleiro da Ordem do Cruzeiro e Comendador da de Christo.

Em sessão do mez de Dezembro de 1829, do Conselho Geral da Provincia, levantou a secular questão de limites de Sergipe com a Bahia, propondo ao Conselho, que pedisse ao Governo Imperial a divisão pelo rio Itapicuru.



A Medicina em Sergipe durante um seculo

I

A medicina, a mais humana das sciencias e a mais popular das artes reflete sempre as epochas em suas doutrinas e processos.

O seu desenvolvimente está tão ligado ao tempo, como aos costumes.

E, como os tempos, passam os sistemas de curar á condemnação mais formal depois de serem applaudidos até o delirio. «Um médecin qui a bien les secrets de son art á son époque est un savant doublé d'un artiste, l'incarnation de ce que l'intelligence a de plus haut et de plus complet». (Fonsagrives, Principes de therapeutique, pag. 6).

Este conceito, rigorosamente verdadeiro em todos as epochas, trago-o para demonstrar quanto distanciada do seu tempo se acha a medicina clinica sergipana, dominada por interesses pessoais, com inteiro esquecimento dos interesses morais e scientificos.

Escritor de não pequeno vulto, referindo-se a obra «Portugal Medico», publicada em 1692, obra de critica historica das condições em que vejetava a pratica medica no velho reino, mergulhada no mais negro empirismo, estampou em letra de fôrma a formula com que um clinico de nomeada lisbonense tratara as crises histericas de uma das suas ricas clientes (1).

R: «Recheie o pato com salva, mangerona, gomma amoniaco, bedelio? calamo aromatico, nos moscada, cravo da India, o que tudo primeiro se pize em almofariz, e se amasse com oleo de minhocas, assim se intraduza no ventre do pato que se cozerá com linha, e tudo se ponha a assar, e o que distillar se receba em vaso meio de vinagre, com cujo pingo se unte o coração». (a) Abreu.

Quem poderá contestar que a medicina pratica, em mais de dois terços do Brasil, Sergipe inclusive, não se afasta muito da daquela remota epocha?

(1) C. Branco. «O olho de vidro», Pag. 79.

E, diante d'isso, que seria ela em 1820? Talvez nem existisse, pelo menos representada por um dos seus verdadeiros cultores.

Não é verdade que, ainda hoje, em certas circumstancias, e em certas rodas sociaes, domina a noção do *quebranto*, como fonte etiologica de muitos males, das rezas com asperções de galhos de arruda, como meio curativo infalivel da *espinhela caída*, e de outros males e abusõis, como ha *mulas sem cabeça* pelo correr da meia noite, e *caiporas*, duendes de 3 pés, no mais denso das matas, mal assombradas, entidades estranhas, fabulosas, com que as superstições entre os povos de nenhuma cultura, nomeadamente os catholicos, simbolisam o *demo*, nas suas multiplas formas de representação terrena?

Não é verdade que esses fenomenos psico-sociais acentuam-se profundamente nos paizes de escravidão, como o nosso, em que os espiritos, ignorantes das causas e dos efeitos naturais, occupam-se em engendrar crenças sobrenaturais, ou diabolicas?

Que admira, pois, que em Sergipe, cem anos de independencia politica tenham sido insufficientes para depurar as inteligencias de tão retrogrados preconceitos, de tão danosa ignorancia, tão difundida, tão entranhada no organismo social e moral que subjuga os animos mais fortes, mais cultos, mais acautelados?

Que admira ainda que os verdaderos medicos existentes em Sergipe na proporção de de 1 para 20.000 habitantes, sintam-se sem forças para arcar contra tão pesado e asfixiante ambiente moral, vivendo cada um para si, sem convivio, sem imprensa, sem o interesse do reciproco apoio nas questõis mais vitais da classe, de ordem moral ou material?

De grande utilidade historica seria conhecer na ordem cronologica do seu estabelecimento os nomes dos medicos, cirurgiõis, ou simples fisicos, que de Portugal, ou com os primeiros povoadores, vieram para a antiga capitania de Sergipe.

Mas, onde encontrar tais informações?

Creio que em parte alguma, mesmo percorrendo todos os arquivos municipais e os das mais antigas comarcas, o que prova a nenhuma importancia que d's primeiros colonisadores mereceu a saude publica.

Se ainda hoje não se estuda, nada se regista, nada se pesquisa?

Tratava-se então de conquistar terras ao indigena bravo, justamente alarmado e rebelde á extorsão violenta de que era victima.

A preocupação do dominio, de levantar o dinheiro de que Portugal precisava para a satisfação do luxo e outros vicios de uma estúpida e futil fidalguia degenerada, salvo bem raras exceções, era exclusiva sobre qualquer outra.

Quem então se preocuparia de estudar e combater as molestias naturais do paiz e as que a sífilis e o alcool, introduzidos da mãe-patria, determinavam, incrementando-se, nacionalisando-se por assim dizer no paiz conquistado?

Nenhum conhecimento, nenhum relatorio, nenhum registro acidentalmente feito, sequer, nem noticia da rude e empirica terapia indigena. Nada conhecido, nada estudado, nada anotado.

Faltando de conseguinte o ponto de partida, ninguem ousaria escrever uma historia da medicina clinica, em Sergipe, no seu primeiro seculo de existencia independente.

Dificilima seria a historia medica dos ultimos 25 anos, quanto mais a de um seculo! Em meio desse vacuo só me posso valer das proprias reminiscencias, das tradições orais ouvidas aqui e ali, e dos dados da experiencia e observação colhidas em 20 anos de clinica no Estado (1900 — 1920), após a minha volta de S. Paulo (Santos).

Não é, pois, este trabalho, sequer um repositorio de fatos cronologicamente organizados, em que possam destacar os altos e baixos relevos da clinica sergipana, em suas modalidades—medica, cirurgica, obstetrica, ginecologica, oculistica, etc, mas, simplesmente, modestamente, um apanhado geral acerca da *noso-grafia* de Sergipe, e de alguns nomes medicos mais notaveis dos que aqui nasceram e viveram nesse longo periodo de cem anos — (1820 - 1920).

Não terei dest'arte correspondido quanto desejara ás vistas do Instituto Historico no seu anhelo patriotico de celebrar dignamente o 1º centenario da independencia de Sergipe, mas terei feito o possivel para não deixar em branco uma das paginas da brilhante revista da civica comemoração.

II

Na segunda zona das 4 em que metereologistas e higienistas costumam dividir o territorio brasileiro estão incluídos o litoral e o interior de Sergipe.

Os limites da sua temperatura ambiente variam de 23º á 26º nas regiões baixas do litoral e do interior, e de 18º á 21º nos pontos mais elevados, como a vila de Gerú, de clima invejavel pela constancia e amenidade.

Costuma-se dizer que o Brasil não possui molestias proprias. Não vejo a conveniencia de sustentar tanto optimismo.

Sem duvida alguma podemos afirmar que, possuindo todos os climas, o seu vastissimo territorio, está apto a receber e agasalhar os povos de todas as partes do mundo, sem receio dos fortes calores africanos e dos violentos frios dos paizes balticos

e outros. Muitas molestias mortíferas da Europa não apparecem no Brasil senão accidentalmente. Mas, se a variola, o trachoma, a febre amarela, o colera, a peste, são molestias doutros meios importadas, não é menos verdade que alguns destes morbos nacionalisaram-se no sólo brasileiro, o que importa considerar seriamente, pelos estragos que produzem por suas manifestações epidemicas e pela degenerencia que acarretam á raça brasileira.

« Não obstante, ahí temos em todas as paragens patricias o impaludismo, a opilação, muito nossos, e os estados diatesicos resultantes da diffusão da sífilis, do alcoolismo, do reumatismo, da tísica, da consanguineidade conjugal superposta, bem como as consequencias morbidas, organicas, daqueles, tão intimamente ligadas á constituição do nosso sólo.

As molestias da nutrição, em geral, abundam em Sergipe, como, supponho, no nordeste brasileiro.

Como tudo mais respectivo á clinica medica, a epidemiologia de Sergipe está por traçar; não mais que tradições orais mais ou menos deturpadas, exageradas, diminuidas, pela imaginação popular, não mais que reminiscencia de fatos atestando a incuria geral.

Segundo essas tradições e reminiscencias o colera morbus visitou Sergipe duas vezes, de 1855 á 1862, bem funestamente. Dizem ainda essas tradições que certos logares foram mais flagelados que outros, entre os primeiros Larangeiras soffreu uma verdadeira hecatombe. Em outros, como a actual villa de Jaboa-tão, a molestia não appareceu. O que é quasi certo é ter o colera percorrido toda a ex-provincia, vitimando barbaramente a população, principalmente nas povoações situadas á margem de aguas correntes.

Qual o tratamento empregado ninguem saberia dizer, nada constando ter ficado escrito, salvo talvez um trabalho do coronel Travassos, o historiador indigena, que tanto figurou nas lutas politicas do seu tempo, obra que não li e que cito por informações aliás dignas de fé.

Sobre o colera morbus contam-se ainda hoje nas tristonhas lareiras dos campos sergipanos coisas espantosas que bem mostram a desorientação geral em face das epidemias do tempo. Cadáveres inseputos a atestarem a covardia ou a falta de quem os levasse á cova; mortes fulminantes dos que corajosamente prestaram-se a auxiliar os enterramentos; o panico de muitos; as rezas publicas, nas ruas, nos templos e nos lares, a impressionarem por altas horas da noite a imaginação popular, já bastante excitada pelo spectaculo de tantas mortes e de tantas dores; grupos a percorrem as povoações e estradas desertas cantando ladainhas ás almas do purgatorio, cujos ecos iam, de quebrada em quebrada, ferir os ouvidos dos camponios aterrorisados; noticias sinistras do enterramento de creaturas ainda vivas, aos primeros si-

nais da molestia; casos de cura de doentes já condenados, que, estalando de séde, conseguiam rolar no chão até o pote d'agua, e beber todo o conteudo; tudo isso, junto á ignorancia absoluta dos mais simples preceitos de profilaxia e de terapeutica, devêra produzir o mais triste dos espectaculos que um povo de escravos pode apresentar, escravos dos preconceitos e abusões de raças atrazadas e corrompidas, em fusão forçada, pelo que, ainda hoje, mal definida é a raça brasileira.

Quanto a febre amarella, sei de tradição do seu aparecimento em Sergipe, em periodo anterior ou coincidente com a guerra do Paraguai, nada mais.

Referem pessoas dignas de fé, ainda existentes, que a febre amarella atacou bastante o municipio de Capella, sendo clinicos na villa do mesmo nome os drs. Sobral e Leopoldo, hespanhol, que conheci nesta capital nos meus primeiros anos de preparatorio.

Seria mesmo a febre amarella a molestia então observada, e que terminava com *vomitos pretos* e deixava a pele em *côr de açafreão*?

E' possivel. Faltam-me dados para afirmar ou negar. A julgar, porem, por alguns casos aparentemente analogos que observei em Propriá em 1887 e em Maroim, em 1904, posso presumir que se tratasse antes de formas perniciosas de intoxicação palustre, com duração de 2 a 5 dias, sem contaminação do ambiente, sem propagação epidemica.

Mais frequentes são as formas tificas e paratificas das febres entericas, tanto no interior como na capital, onde cada ano mais se acentuam, caracterizam, e generalizam, parecendo ter predileção pela classe mais elevadas, pessoas jovens, e pelo sexo feminino.

De fato, ha muitos anos que se observam nos mezes de Maio a Agosto reiterados casos de febre de longa marcha, evoluindo por septenarios sem tratamento especial capaz de as jugular casos que designavam pelo nome de — febres de Aracajú, — o que prova a sua então desconhecida etiologia.

Atualmente estas febres aparecem em todas as estações do ano.

A' semelhança das chamadas—febres paulistas— que, depois da criação do instituto de bacteriologia foram reconhecidas — tificas, as de Aracajú, não resta duvida alguma, tificas são igualmente, apesar da ausencia de pesquisas bacteriologicas que as confirmem.

Não é avançar muito diser que essas infecções febris entericas, que fazem o desespero do medico e dos doentes, são comuns á todas as zonas do territorio sergipense.

O clima, a raça, as condições mesologicas, imprimem aqui e ali a essas febres tal ou qual feição especial, mas no fundo são

uma e a mesma entidade morbida, que escapam, salvo o caso de associação, á efficacia, ou antes, ao dominio da quinina, mais prejudicial que benefica.

O paludismo, aliás comum a todo o litoral e interior do Brasil, a opilação, o já raro beriberi, algumas molestias parasitarias da pele e dos intestinos, essas, sim, são molestias propriamente nossas.

Não ha zona sergipana indene do paludismo sob qualquer de suas formas, das larvadas ás perniciosas rapidamente mortais. Nas margens das grandes correntes d'agua, aumentadas pelos invernos fortes, predomina a forma mais simples (sezõis) e as suas consequencias mais comuns: hipertrofias do baço e do figado, não raro conduzindo á hidropisia do ventre, como frequentemente se vê nas margens do S. Francisco.

E não será, direi de passagem, pela destribuição sistematica da quinina oficial que nos livraremos dessa causa efficientissima de degeneracencia da raça, senão pela larga instrução popular e pela higienisação do solo em geral e, particularmente, das povoações fluviaes.

Com respeito a hygiene urbana e rural Sergipe tem hoje o que teria ha 50 anos, isto é, nada. Escassez dagua, indepuração da mesma, ausencia de esgotos, descaso completo da hygiene das habitações, ausencia de estradas, desprezo pela fiscalisação e conservação das fontes potaveis, nascentes dos rios e corre-gos, desprezo pela conservação e restauração das matas, um *fatalismo* estúpido, enervante, desfibrador, que nada vence, segundo o qual *tudo succede quando tem de succeder*, tudo—concorre para dificultar a applicação das medidas profilaticas de ordem geral e individual, capazes de preparar um futuro mais tranquilo e compensador.

Temos ainda sobre tudo issõ, que é muito, o mau vezo de fingir que possuímos melhoramentos reais.

Encaremos as questões da saude, como todas as mais respeitantes ao progresso real e proficuo, com o espirito sereno e verdadeiro de quem quer progredir de véras; organisemos um plano geral de saneamento e aproveitamento das forças do Estado, e iniciemos a sua execução sem pressa, mas sem desfalecimentos, sem soluções de continuidade, com metodo, sciencia, ordem e verdadeira economia, não esquecendo a competencia provada e reconhecida como primeira condição de exito.

No quadro epidemiologico de Sergipe figura em primeira linha a variola, o *morbis* que mais vezes tem percorrido e devastado o Estado e a exprovincia desde tempos bem remotos.

Muitos tem sido as epidermias de variola em Sergipe, algumas tristementemente celebres.

A de 1888-1889 quasi despovoou a capital.

Agora mesmo estamos o braços com uma nova invasão da variola que pelos dados officiais publicados produziu 600 casos em Anapolis e mais de 400 em S. Amaro, vila decadente, de população escassa.

Lagarto, Estancia, Propriá, mesmo a capital, não escaparam ao *morbis*, felizmente de caracter benigno, de pequena vitalidade. A razão disso está certamente no incremento que, depois da ultima epidemia (1912), violenta em Larangeiras e Propriá, tomou a vacinação, mediante uma melhor instrução geral sobre os perigos que correm os povos não vacinados de sofrerem os insultos da herionda peste.

Devido á influencias climatericas, verões rijos e prolongados, aos desvios de regimen alimentar, á má qualidade dos generos alimenticios, ao abuso dos frutos indigestos e mal sazoados, á todas essas causas reunidas, aparece de longe em longe a desinteria com feição epidemica, sem produzir, emtanto, grandes estragos. E' uma molestia accidental ao clima, em certas circumstancias, que não ameaça seriamente a saude publica, ao menos não me consta o contrario.

As molestias do aparelho gastro intestinal na 1ª infancia, de alta frequencia e grande letalidade nos grandes meios populosos, são relativamente pouco frequentes em Sergipe, no interior menos ainda que na capital.

Ha 20 anos achava eu raras as diarréas verdes bacilares, o colera nostras, a lientaria, a atrepsia; hoje venho-as observando com relativa frequencia, como se pode verificar dos dados estatisticos publicados pela Directoria de Higiene.

A nutrição artificial vai tomando incremento em os nossos costumes; e a má qualidade do leite de vaca não concorre pouco para o desenvolvimento das molestias gastro intestinais da 1ª infancia.

O leite na capital por falta de pastagens adquire qualidades de indigestibilidade que o tornam inassimilavel ás criancinhas.

Por outro lado a fiscalisação é quasi irrisoria desde que se limita a pesquisa da maior ou menor densidade pela simples applicação do lactometro, feita por gente absolutamente incapaz de discernir acerca das propriedades nutritivas do leite.

A agua potavel, pura, não altera as qualidades digestivas do bom leite. Agora, se o leite é mau, e se lhe reunem agua impura, ha ahí dois perigos a temer.

As molestias degenerativas: sifilis, tuberculose, todas as formas do linfatismo, as molestias diatesicas, a diatese exsudativa inclusive, abudam em todas as zonas do nosso territorio, cabendo á opilação uma grande responsabilidade na degeneren-

cia da raça sergipana, que está a pedir um sangue novo um crusamento, um caldeamento inteligente com outras raças mais vigorosas e ativas, que lhe tragam orientação mais científica da vida, novos hábitos, novos costumes. E' ao contacto das raças distintas que os povos se depuram e se regeneram para a sciencia, para o trabalho, para a vida ativa e fecunda.

Porque assim entendo é que manifesto-me favoravel á imigração bem escolhida, que traga para a nossa lavoura e industria os conhecimentos praticos e o metodo que a distinguem, e para a nossa estrutura organica a seiva nova do esforço inteligente e do sangue rebusto e são.

Ha ahi, nestas singelas e desprezenciosas paginas, assumtos largos a estudar e desenvolver por inteligencias menos acanhadas. Limito-me, porem, a mencionar os que se relacionam mais diretamente com a influencia da medicina em qualquer meio social, na sua dupla e elevada missão de restabelecer e conservar a saude.

Não estou escrevendo um livro, nem tal pretensão abrigaria. *Cognosce te ipsum*. Estou simplesmente e unicamente escrevendo um artigo de jornal, de revista, restrito ao titulo : «A Medicina em Sergipe durante cem anos de independencia».

Dir-se-ia que o autor da epigrafe teve ao adotal-a a visão grata de uma medicina autonoma, senão autochtona, esbaço-do-se na antiga capitania, desenvolvendo-se na provincia até o ponto de constituir uma escola, ou, pelo menos, uma pratica medica largamente estudada e ilustrada por órgãos distintos, eminentes.

Valha a boa intenção.

Nada disso temos, nem teremos no decurso de longos anos.

Os institutos onde se elaboram doutrinas e praticas medicas não existem, nunca existiram, nem existirão por dilatados tempos, nesses quasi burgos pôdres, nessas glêbas, que são os Estados do nordeste brasileiro.

Alguma coisa, porem, existe já em Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas, onde ha poucos anos inaugurou-se uma *Universidade*. Não será demasiado optimismo esperar que desses institutos brotem a centelha, a faisca do genio criador, que assinale á medicina brasileira logar de destaque no concerto mundial das ciencias medicas.

O Instituto «Oswaldo Cruz» é a confirmação dessa esperança.

III

Apezar de tudo, não obstante a ausencia de trabalhos que revelem qualquer esforço no sentido de ilustrar a medicina clinica pelos dados da observação e da experiencia, não nos tem faltado

capacidades medicas dignas de figurar na galeria dos mais talentosos e dedicados á arte de curar.

Dentre os existentes alguns poderia eu citar, exemplos do verdadeiro merito, que honram o pequeno Estado ao lado dos mais poderosos da Republica.

Não sendo permitido referir-me senão aos desaparecidos, silenciarei com pezar quanto aos atuais cultores praticos da medicina, cujos trabalhos correspondem em valor e dedicação á merecida nomeada que conquistaram.

Interesses pessoais não teriam, não terão jamais, influencia em meu animo para desvial-o do reto caminho da verdade.

Nenhuma incompatibilidade de qualquer natureza, seria capaz de inspirar-me propositos inconfessaveis, mesquinhos, tratando-se de fazer á cada um a justiça que cada um merece.

Cruéis provações me tem valido esse incondicional amôr á justiça e á verdade.

Sou dos que reconhecem e não occultam os defeitos dos proprios filhos. Como hei de concientemente ser injusto para os mais, dando a uns qualidades que não têm e negando a outros atributos e virtudes que cultuam?

Falemos, pois, dos mortos, isto é, digamos deles o que consta em raros documentos e segundo as lembranças que deixaram de sua passagem.

Quizera saber evocar essas figuras lendarias da clinica sergipana, das tradições populares, nos seus caracteres mais vivos e verdadeiros, nas suas ações mais dignas de estudo e confronto, nos seus propositos mais intimos, num escorço energico de psicologia etnica, que revelasse a estrutura organica do espirito sergipano, atravez cem anos, já bastante largo periodo, para se conhecer das tendencias morais, intellectuais e sociais de um povo, por uma das arestas mais vivas e brilhantes do seu prisma intellectual.

Não querendo, porem, inventar, tendo de cingir-me ao provavel real, sou forçado a renunciar a esse prazer ao mesmo tempo patriotico e literario.

Contudo posso e devo pôr em relevo em honra á medicina sergipana as altas qualidades morais do seu corpo medico, os sentimentos altruisticos, generosos, de coragem e desprendimento e desinteresse, com que em todos os tempos e oportunidades, acorreu, lá onde o perigo era maior e menos provavel a recompensa publica. A clinica de Sergipe é das mais pobres do paiz.

Não ha cidade onde desafogadamente possam viver, profissionalmente, dois clinicos.

Na capital, ainda hoje não existe uma clinica independente dos favores do Estado, quer porque predominem na vida sergipana os velhos conceitos sobre o exercicio da medicina, considerado sacerdocio, por tanto gratuita, e é esta na maioria dos

casos a explicação mais verdadeira, quer porque, o que é raro, predemine a ambição na sua forma mais moderna e ao mesmo tempo mais repugnante — a do dinheiro.

Seria preferível que fossem bem pagos os serviços médicos. Animaria a clinica a especializar-se, fundando gabinetes, consultorios, em ordem a atender as necessidades da diagnose e do tratamento de certo numero de molestias, nas quais os medicamentos, em geral, pouco valem. E assim, engrandecida de recursos propios, nem só lucraria a população como a clinica, constituindo-se autonoma e independente das sugestões vindas de fóra, de outros povos, de outros climas, de outras constituições medicas bem distintas da nossa.

Entretanto, quantos talentos medicos viveram em Sergipe, condenados ao ostracismo, ao esquecimento?

Com que afan, com que prazer, me arriscaria á tarefa de um estudo retrospectivo sobre alguns desses varões illustres do nosso passado medico?

Tanto mais quanto muitos deles não foram simplesmente medicos, figuraram na administração e na politica, como em outros ramos da ciencia!

Seria um bem largo e interessante trecho da historia de Sergipe, numa das suas partes mais sugestivas, mais educativas, na qual superabundariam nobres e altruisticos exemplos, de grande proveito para o estudo, o conhecimento, da alma sergipana, mais devotada á contemplaço da Natureza, ao culto da Arte e da Filosofia, que aos interesses materiais da vida.

Força é reconhecer que ao magno problema do Brasil presente, o problema educativo, prestaria incalculavel serviço, quem com metodo e arte pedagogica destacasse da nossa arida historia geral os fatos e os accidentes mais notavais e interessantes, e os descrevesse em estilo simples, leve e atraente, com essa eloquencia comovente que tanto agrada ás crianças, dando-lhes a conhecer, fazendo-os sentir com eles, sofrer com eles, triunfar com eles, os homens de valor civico, de coragem moral, de independencia intellectual, suas qualidades de coração e carater alevantados, seus rasgos de amor e dedicaço aos sãos principios e aos superiores ideais humanos.

Será que não possuímos dessas joias que abrilhantam a corôas de victoria e de martirio de todos os povos? Não, por certo. Como todos os povos tivemos revoluções, sustentamos lutas, ganhamos combates, fizemos inimigos e prozelitos; como todos os povos suportamos negras tiranias e deliramos nos braços da liberdade; como todos os povos afagamos nobres ideais e lutamos pela victoria deles. E, pois, como todos os povos, tivemos os nossos, e os temos, homens representativos, dessa culminancia no pensamento e no sentimento; e esses tiveram inspirações, proferiram ditos e sentenças, falaram ao povo a linguagem da verdade e

da justiça, sofreram, morreram, pelas suas idéas. Mas deles raras ditos regista a historia; as suas grandiosas ações foram mutiladas, propositalmente despidas do brilho misterioso e fecundo que lhes dão a palavra ardente e apaixonada, os protestos veementes e energicos das grandes convicções genitoras, os gemidos das grandes dores que padeceram, para que de todas essas coisas belas e sublimes não resultassem com clareza e vigor provas contra a misera rasão de Estado, que a monarquia corrutissima que nos descobriu, colonizou, e infelicitou com a herança dos seus vicios e crimes e com a destruição da alma indigena, opoz estupidamente ao nosso povo essencialmente livre, ativo e independente.

O que achamos bem de dizer em relação a historia civil e politica, cabe perfeitamente na apreciação da historia scientifica, e particularmente medica, do Brasil.

Já mostrei como no tempo, em que *Harvey* descobria as leis da circulação do sangue, um *celebre* medico lisbonense receitava gordura de pato recheiado com oleo de minhocas na cura das dres nervosas do coração, prova de que, quando a Inglaterra, a França, e outras nações, desvendavam os segredos da ciencia, e preparavam o futuro da medicina, Portugal distanciava-se de todas as fontes de estudo e observação, e só pensava na maneira mais facil de explorar as terras do Brasil pelo unico amôr do oiro necessario ao cultivo de todos os vicios, e de esmagar a nativa alma brasileira na sombra dos seus carceres, nas suas forcas, nos seus pelourinhos, e nas fogueiras da *santa* inquisição.

E ficou-nos no sangue, na alma *nova*, esse vicio horrendo de admitir o que não sabemos de ciencia propria, mas só porque dizem e nos mandam crêr; de copiar as ações e as palavras dos que podem, mandam e imperam, apanagio de latinos degenerados, que Hespanha e Portugal implantaram nessas terras liberrimas da America, depois de perdidas todas as suas glorias passadas nos ferros da escravidão religiosa. Eis porque se diz que não temos historia; e quem não tem historia não tem ciencia, não tem medicina.

Entretanto que fauna e que flora no mundo iguala á fauna e á flora brasileiras?

Tudo oculto, tudo misterio, tudo por fazer, por completar, contando mais de 400 anos de existencia e 100 de Independencia!

Data de muito poucos anos um certo desenvolvimento, uma certa expansão dos estudos medicos no Brasil.

E' posterior ao advento da Republica.

Dantes era a estagnação, a inspiração estrangeira, que nos movia ás meditações medicas. O que não vinha de lá não tinha valôr.

Esse vicio, antes de ser nosso, era de Portugal e Hespanha. Para esses povos, sem iniciativa e sem liberdade, o que não vinha de França era nulo. Líamos pela mesma cartilha. Para que trabalhar, investigar, estudar a nosografia e a terapeutica do paiz se tudo nos vinha feito, arranjado, rotulado, embora muitas peças da roupagem fossem nossas, elegante, bonitinho, atraente!

Para que interessaria a sociedade os medicos nacionais nos seus casos particulares, si era tão facil, tão comodo, tão economico, procurar nos anuncios dos jornais o elixir curativo de todos os males?

Desapareceu já do nosso meio esse habito, esse vicio, essa ignorancia? Engana-se quem o afirmar.

Dantes era a estagnação; foi primelro a Escola Medica Cirurgica da Bahia, e depois a Faculdade de Medicina da nossa primeira Capital e a do Rio de Janeiro. E ahi ficamos quasi 1 seculo.

E para suprir a falta de medicos em todo o territorio brasileiro havia, e ha, o curandeiro, o benzedor, o feiticeiro, a cartomante, o espirita, o condonblé, a jetatura, a suplantar tudo, a esmagar tudo, como a avalanche de gêlo, muitos anos acumulado e subitamente fundido ao calor do sol creadôr.

Saudemos com todas as simpatias esse movimento regenerador da medicina brasileira. S. Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas, Minas, Pernambuco, despertaram e fundaram Escolas de Medicina e de Farmacia, que, dentro em poucos anos, imprimirão de certo feição propria aos nossos trabalhos clinicos.

Como sempre, S. Paulo teve a fortuna da iniciativa feliz: seus institutos rivalisam com os mais perfeitos.

Bem haja á Republica por essa dadiva de inestimavel valôr.

E se conseguir dar á lavoira e á industria as bases de que precisam para desenvolverem-se, progredirem, tornarem-se notadas, senão notaveis, terá cumprido uma bela parte da sua missão, e merecido que se lhe perdôe um sem numero de males de outra natureza.

IV

O mais antigo medico sergipano de que pude obter noticia é o Conselheiro Dr. Manuel Ladisláo Aranha Dantas, nascido em S. Christovam, a 24 de Julho de 1810, e falecido na capital da Bahia em 1875.

Formou-se na antiga Escola Medico-Cirurgica da Bahia, recebeu o grau de doutor em 1835, já então lente substituto da mesma Escola. Foi jubilado como catedratico em 1873, com 40 anos de exercicio no magisterio. Não sei que cadeira ou cadeiras occupou o Conselheiro Aranha Dantas, nem consta que exer-

cesse a clinica em Sergipe. E' provavel que não, porquanto da nota que acima transcrevi parece ter residido sempre na Bahia.

O Dr. Manuel Joaquim Fernandes de Barros, medico, e notavel mineralogista, não era sergipano, mas, estabelendo-se em Sergipe em uma grande propriedade agricola no municipio de Maroim—(Engenho «Mato-Grosso»), aqui viveu largos anos, deixando numerosa e illustre decendencia. Foi um dos vultos representativos da ex-provincia, e por isso não se lhe pode esquecer o nome admirado e respeitado.

Tambem o Dr. Francisco Sabino Coelho Sampaio, formado na Bahia em 1841, veio para Sergipe em 1843 e aqui faleceu com 82 anos de idade. Ocupou varios cargos administrativos e politicos na ex-provincia, entre eles o de Inspector de Higiene, em cujo exercicio ainda o conheci em 1886, quando fui solicitar o «visto» para o meu diploma de medico. Exerceu larga clinica em Laranjeiras e Aracajú, sendo considerado, e com justiça, o melhor parteiro de seu tempo.

Contemporaneos destes nomes foram o Dr. Tomaz Diogo Leopoldo, espanhol de nascimento, e o Dr. Sobral. Deste nem o nome de batismo pude saber.

Foram ambos durante alguns anos clinicos na então vila de Capela, de onde é originaria a minha acendencia familiar, e onde nasci, em 1864.

Conheceram-n'os de perto meus velhos pais, ainda existentes; e contam ter sido o Dr. Leopoldo muito habil em conhecer as molestias, mas pouco feliz nos tratamentos, ao passo que dava-se o contrario com o Dr. Sobral. Amigos, costumava o primeiro dizer ao colega, quando conferenciavam: Bem, a molestia é esta, agora receite você para que o doente escape.

Eis ahí uma das virtudes do medico espanhol, festejado latinista, que exerceu o magisterio do ensino nesta capital, onde faleceu em avançada idade, desenganado talvez de fazer carreira com a lanceta de *Broussais*, o tartaro emetico de *Rasori*, e a espantosa poli-farmacia do seu tempo.

Sem duvida emquanto um perdia-se nas brumas das doutrinas contraditorias que agitavam a medicina, discutia o estimulismo de *Brown* e o contra estimulismo de *Broussais*, homem de talento e cultura que era, o outro, navegando mais terra a terra, colhia mais facilmente os fructos da viagem.

Os poetas amam as estrellas e a palidez diafana da lua solitaria, mas não sabem como dessas coisas aladas lhes advirão os recursos com que possam satisfazer as necessidades da vida, disse certo escritor.

Ser poeta é já ser desgraçado; mas ser medico e sentir como os poetas, ter alma; contemplar o ceu, pedir ás suas misteriosas inspirações alento para os ideais de amor, verdade e justiça; afagar illusões de perfeição e beleza, é ser desgraçado duas

completo com seu
deu dicas
diante
Brogans
em 1843
com o segredo
de angustia
já em 1843
pela saúde em
revisão em
1843
do Brasil em
1841
em 1841
em 1841
em 1841

vezes. Em vez de procurar na ciencia que professa o segredo, a razão de ser da vida, o alvo moral da existencia, o medico moderno necessita antes de tudo saber marcar o compasso ás conquistas clinicas pelo timbre do metal amarelo e pelas cambiantes das exterioridades enganadoras. Assim feito, está armado cavalheiro, e pode disputar o primeiro dos torneios clinicos no amplo circulo da sociedade. D'outro feitio, é vegetar, isolar-se do convívio dos mestres, passar por egoista se tem fortuna, ou por tólo se a não tem.

O dr. Sabino Ludugero de Pinho nasceu em Sergipe, mas nunca exerceu a clinica em sua terra. E', porém um nome que não pode ser esquecido. O homem não pode desprender-se de todos os misteriosos laços que o ligam ao solo onde viu a luz, da agua que primeiro bebeu com o leite materno, do sol a que primeiro aqueceu-se.

Dir-se-ia que a célula nervosa impregna-se das qualidades do meio onde se gerou, e reflete sempre, aqui ou ali, em quaisquer circunstâncias, o feitio moral originario. Não tenho dados positivos sobre o corajoso propagador da Homeopatia no norte do Brasil. Direi, porém, o que sei por informes de inteligencias mais lidas. Formado em Medicina na Faculdade da Bahia, foi residir e clinicar no interior da mesma provincia, em clima vantajoso para a sua saúde não muito solida.

Seus males agravando-se, foi consultar o dr. Vicente Martins, exímio homeopata, então na Bahia, ao serviço da nova doutrina terapeutica. Teve a suprema dita de curar-se, e devotou-se á Homeopatia, percorrendo todo o norte em propaganda das suas novas convicções medicas, ficando-se depois em Recife, de onde irradiou-se o valor do seu talento e um grande prestigio para a terapeutica hanemaniana. Os homens vulgares não têm a coragem de afrontar o vulgarmente aceito e recomendado. O dr. Sabino Pinho foi um devotado á doutrina homeopata, então muito insipiente no Brasil.

Trabalhou muito, estudou muito, e escreveu alguns trabalhos de medicina pratica que se vulgarisaram rapidamente por todas as provincias do Imperio.

Tambem o dr. Guilherme Pereira Rabello não era sergipano, mas aqui residiu e clinicou muitos años, exerceu o mandato de deputado provincial e o cargo de Director da Instrução Publica, com muita competencia e elevação. Por seus dotes especiais de talento e cultura, pelos serviços que prestou á ex-provincia, e não menos pelo acatamento que nos merece o seu ilustre filho, dr. Guilherme Pereira Rabello, aqui nacido, membro de desta-

que do corpo decente da Faculdade da Bahia, e exímio professor de Inglês, merece figurar nesta exigua e desataviada noticia.

De volta dos campos do Paraguai, onde serviu nos hospitais de sangue, faleceu em Capela, o Dr. Galdino de Carvalho Andrade, proximo parente daquela que me deu o ser. Consta da Revista do Instituto Historico, 1919, vol. 4, ter o Dr. Galdino Andrade figurado em varias commissões administrativas e eleitorais, desde 1858 até 1861, juntamente com o cel. José da Trindade Prado, depois Barão de Propriá, dr. José Martins Fontes, dr. Antonio Nobre, e outros.

O dr. Galdino Andrade clinicou alguns anos em Capela, sua terra natal.

O dr. José Lourenço de Magalhães, Sergipano, clinicou muitos anos em Estancia. Competente oculista, transferiu-se depois para o Rio de Janeiro, onde gosou de grande fama como especialista.

Deixou um volumoso trabalho de observação clinica «Febres da Estancia», e estudos bem conduzidos sobre a morfêa e seu tratamento.

Da Revista do Instituto Historico acima referida consta ter o dr. José Lourenço feito parte das mesas eleitorais do 2.º distrito (1862—1863), não tendo tomado assento por ter se ausentado para a Europa.

Ainda em Capela clinicaram, no periodo de tempo decorrido de 1870 a 1876, os drs. Serafim Vieira e Joaquim Vieira, irmãos, ambos de reconhecido talento, nomeadamente o segundo, aos quais laços de afinidade ligavam membros da minha familia.

O dr. Serafim faleceu ha poucos anos nesta capital, conservando até o fim de sua longa vida a clareza de entendimento e o criterio ponderado de que sempre dera mostras.

O dr. Joaquim, como era vulgarmente conhecido, morreu bastante moço e cheio de esperanças.

De 1880 a 1884 abrigou Larangeiras, a cidade tradicional da poesia e da arte, de cujo seio saíram talvez os mais duteis talentos de Sergipe, igual, senão maior que a antiga capital nesse particular, uma pleiade de medicos distintos que, se perdurara unida mais uma decada, teria, quem sabe? deixado traços indelevelis de sua passagem, talvez mesmo feito—escola. Larangeiras foi durante muitos anos, na ex-provincia, o principal emporio comercial sergipano, uma pequena Bahia.

Centro assucareiro de primeira ordem, o seu comercio e a sua lavoura deram naqueles tempos a nota de independencia e prosperidade sobre as demais zonas agricolas de Sergipe.

Não admira, pois, que na epoca citada contasse ela em seu

seio varios medicos notaveis entre os quais um de grande talento — o Dr. Guedes Cabral, cuja tésse de doutoramento « Funções do cerebro », sustentada em Bahia com grande brilho, foi o porta voz do materialismo medico nesta parte do Brasil.

Guedes Cabral, Frederico Vampré, Felisbello Freire, Antonio Barbuda, Rodrigues Doria, formaram a pleiade de clinicos estudiosos e applicados, que atraiu a atenção de todo Sergipe.

Destes vivem os dois ultimos, ambos professores illustres, no Ginasio e na Faculdade da Bahia.

Falando de Larangeiras surge á memoria, natural e espontaneamente, o nome respeitado do Dr. Francisco de Bragança, pai do illustre clinico do mesmo nome, honra da medicina sergipana.

O Dr. Bragança, pai, exerceu larga clinica na mencionada cidade, deixando entre os seus patricios recordações imorredouras pelos seus abnegados serviços de clinico humanitario, tradição veneravel que o seu illustre filho soube compreender e respeitar, continuando a trilhar o mesmo caminho.

Ha 20 anos faleceu em Maroim o dr. Sebastião da Silveira Andrade, sergipano de nascimento, aos 41 anos de idade.

Clinicou primeiramente o dr. Sebastião em Capela, e mais tarde em Maroim, com muito brilho e tanta atividade que a sua fama transpoz os limites do Estado. Ainda hoje o seu nome é lembrado com saudade por inumeros amigos e agradecidos clientes, que deixou.

Conheci em Maroim o respeitado dr. Souza Brito, bahiano de nascimento, que passou toda a sua existencia ativa em Sergipe, vinculando-se á familia de proprietarios agricolas, cuja profissão abraçou, depois de exercer a clinica urbana durante alguns anos.

O Dr. Souza Britto impressionava pela sua bondade e placidez naturais, reflexos de sua nobre alma.

O dr. Davino Nomisio de Aquino, sergipano, da região san franciscana, faleceu nesta capital, como inspetor da saude dos portos. Exerceu a clinica em Propriá e nesta capital com profundesa e acerto, pois era homem de cultura e talento, mas sem grande atividade devido as condições de saude pouco lisongeiras.

Foi deputado estadual mais de uma vez.

Ultimamente, não ha um ano ainda, faleceu nesta capital em avançada idade, o venerando dr. Thomaz Rodrigues da Cruz, abastado industrial.

Bahiano de nascimento, apenas formado pela Faculdade da

Bahia, veiu residir em Sergipe, exercendo larga e proficua clinica nos municipios de Maroim e Capela.

Espirito sereno e convictamente religioso, ponderado em seus juizos, o Dr. Thomaz Cruz dominou na clinica do seu tempo numa extensa zona do Estado. Unindo-se a illustre familia do inolvidavel chefe liberal Cel. José de Faro, fez-se lavrador e grande proprietario. Foi presidente de Sergipe nos ultimos dias da monarchia e fez parte da Constituinte republicana, como senador.

Aurelio Rezende, um de meus companheiros de turma, faleceu ha poucos anos em Itaporanga, onde era proprietario, e gosava de merecidas simpatias.

Outro que tombo na noite eterna do tumulo, depois de uma existencia bastante agitada, foi o Dr. Manuel Batista Itajahy, clinico e chefe politico em Itabaiana. Foi Vice-Presidente do Estado, e esteve na presidencia alguns mezes, no ano de 1910.

O Dr. José Moreira de Magalhães, quem o não conheceu em Sergipe? Nesta capital onde terminou a sua carreira clinica e de professor do Atheneu sergipense, era largamente conhecido e estimado pela sua bondade e prestimosidade.

Como se vê houve sempre carencia de medicos em Sergipe, e hoje mais que nos tempos d'antanho.

Demonstra isso a pobresa cronica em que sempre vegetou o povo, privado de instrução, de higiene, e de conforto, mourejando triste e brutalmente a terra, felizmente farta e dadivosa.

Hoje mesmo, sob o aguilhão dos progressos da capital, não é muito diferente a situação da população campezina. O povo vê que o homem não nasceu somente para mourejar, senão também para fruir horas de sonho placido e ditoso lazer; mas, enquanto efemerias circunstancias mundiaes dão aos proprietarios largos meios para uma vida folgada e descuidosa do futuro, o operario rural ou urbano estorce-se em dolorosas agonias intimas, comprando por preços evidentemente exagerados o parcamente necessario para não morrer de inanição. De sorte que o progresso sergipano é um progresso unilateral, *in partibus*; é um progresso mais aparente do que real, porquanto não traz o bem estar geral, antes pelo contrario

E. releva notar que, naquelles tempos, os proprietarios, salvo uns 3 ou 4 barões assignalados, fraternisavam com o escravo e o operario no trabalho, e muitas vezes vestiam e comiam como elle, de sorte que a desigualdade feria menos as vistas dos pobres deserdados das posições e usanças sociais.

Hoje, com a entrada do dinheiro a rôdonas burras dos grandes proprietarios, pois que os pequenos foram por eles absorvi-

dos e desterrados, estabeleceu-se uma aristocracia territorial e argentaria analogo a dos tempos coloniais, que muito dará que fazer á reforma social em evolução.

Sem instrução, sem hygiene e sem trabalho remunerado não ha progresso possível; e si a instrução em Sergipe dilata cada vez mais os seus horisontes graças a uma nova e mais fecunda orientação, a hygiene, base do conforto e do bem estar fisico, que por sua vez firma-se no trabalho justamente remunerado, está no mesmo pé de ha 20 anos passados.

A tendência das cidades é imitar os passos da capital no que ela apresenta de mais atraente á vista—iluminação electrica; pelo que todas as nossas cidades procuram obter esse beneficio.

Mas, será a iluminação electrica, de fato, um beneficio igual ao do abastecimento dagua e ao do esgoto? Absolutamente não. O que vemos, de resto, é o predominio de uma falsa compreensão do progresso.

Ao emvez de cuidarem as nossas cidades de resolver a necessidade imprecindivel do abastecimento dagua potavel, elemento sem o qual não ha defeza sanitaria exequivel, buscam exterioridades aliás adiaveis, que simulam o progresso.

Visto que percorremos os estadios da medicina clinica em cem anos de existencia politica e social, se nos permita acentuar que depois daquele nucleo de brilhantes inteligencias medicas, que assinalamos em Lorangeiras, nunca mais outro se reuniu no interior sergipano.

E' que a abolição dos escravos trouxe a pobreza geral, ou antes, o empobrecimento geral de Sergipe, uma vez que se não procurou substituir o braço escravo, ou instruil-o de modo a corresponder ás novas necessidades sociais. Quedamo-nos na contemplação saudosa do passado e entregamo-nos ás praticas de uma politice interna, que foi a negação absoluta da liberdade e da justiça.

Fique entretanto consignado o fato brutal: cidades onde, no tempo da escravidão negra, viveram dois, trez, e mais médicos, hoje não comportam um—sequer.

Julgo ter mencionado os nomes mais conhecidos da medicina clinica sergipana, e os que por qualquer traço distinto perpetuaram-se na memoria das gentes; e, sendo possível que alguns me tenham escapado, de 1870 para cá, até onde alcançam as minhas reminiscencias, cabe aqui o desculpar-me da involuntaria falta.

As referencias aos medicos que viveram nos primeiros 50 anos e no começo da 2ª. metade do 1º. seculo de independencia,

que celebramos, colhi-as em notas da Revista do Instituto Historico de 1919, nas tradições orais de que tenho conhecimento e em alguns comunicados particulares dignos de fé.

E' assim que de varias palestras com o distinto advogado Lima Junior, espirito claro e fecundo, dado ás investigações historicas, colhi as notas com que encerro este artigo referente ás personalidades de Manuel Ezequiel Henriques, de Propriá; d. Benito Derizans, do Rosario; Padre Manuel Joaquim da Silva Ribeiro, de Vila Nova; Padre Leandro Ribeiro, de Capela; Manuel Vieira de Souza e José Teixeira Lobo, de Itabaiana; os quais, sem serem diplomados, exerceram clinica nos seus respectivos municipios, prestando relevantes serviços nas quadras epidemicas de variola, colera morbus e outras.

A exceção do primeiro e do quinto, que dirigiram farmacias, os outros davam-se á pratica da terapeutica homeopatica, vivendo aindo o Padre Leandro Ribeiro nos seus formosos 90 anos de util existencia.

E eis-me chegado ao termo da minha tarefa, acanhado de oferecer ao Instituto Historico uma contribuição tão desvaliosa para a brilhante revista com que se propoz comemorar o primeiro centenario da independencia de sergipe.

Que as augustas evocações da Liberdade de que na Revista se fazem eco os brilhantes espiritos que nela imprimiram as suas joias historicas e literarias, prenciem um segundo seculo de grandeza intelectual e material para o pequeno Estado, que tanto se esforça para desprender-se das peias que lhe embaraçam os vãos para as altas regiões do **Progresso**. E sirva este desejo ardente, esta aspiração de todo o meu ser, de mediador do perdão que solicito aos devotados proceres de Instituto Historico, se contra a minha vontade não correspondi a sua generosa expectatva.

HELVECIO DE ANDRADE

Aracajú, 8 de Julho de 1920



A Cirurgia Dentaria em Sergipe

Atravez um Seculo

(ESBOÇO HISTORICO)

Tres são as phases do nosso breve estudo, a saber :

Primeira phase :

Os barbeiros dentistas

Já há cem annos passados, havia entre os sergipanos a idéa de que para se intervir na bocca, necessario seria offerer ao paciente bom commodo á cabeça, e naquelle tempo só os barbeiros estavam em condições de receber o cliente para uma intervenção de tal ordem.

De modo que raro era encontrar-se um barbeiro nas cidades, villas, povoados, etc. que não exercesse a sua profissão comcomitantemente com a de dentista. Era a phase embrionaria da odontologia.

Muitos desses barbeiros cobravam pela operação (extracção de dente) preço pouco superior ao do corte do cabello e feito da barba.

Outros havia que nada cobravam; trabalhavam por *sport* e como *reclame*—para angariar freguezia e prendel-a com esses favores. Mas havia tambem daquelles, que tomavam tanto gosto pelas extracções de dentes a torquez e alicate de ferro bruto e pelas extracções das pontas de raizes que ficavam no alveolo, a ponta de thesoura, que abandonavam a profissão de barbeiro e dedicavam-se exclusivamente á de dentista. Rendia-lhes mais e era cousa summaria.

Naquelle tempo não se faziam obturações; não havia nem idéa disso. E então diziam:—*O seu dente dóe? mostre a raiz ao sol, e fica curado.*

Contam que um paciente, indo pela segunda vez á casa de um desses barbeiros, para submeter-se a uma segunda operação, não o encontrara. Estava o aprendiz. O paciente pergunta:—*E você não arranca dentes tambem?—Vamos ver, responde o aprendiz.*

E, sentado o cliente, elle, o aprendiz, marcha para a caixa dos ferros, que se achava por baixo de uma mesa, e, voltando-se para o cliente, de torquez em punho, ordena-lhe em tom forte: *Abra a bocca!* Obedeceu o cliente á ordem, e momentos depois estava o dente fóra. Levanta-se o cliente e, gratificando o rapaz, lhe diz: *Doeu menos que o arrancado pelo seu mestre.* E, desse dia em diante, era elle, o aprendiz, o dentista daquella barbearia.

O hemostatico que usavam era *pucuman*, isto é, fuligem. E, para prevenir qualquer infecção, davam ao cliente, para lavagem da bocca, após a extracção, a seguinte mistura:—agua, cinza e sal.

Segunda phase:

Ourives profissionaes

Mais tarde, com o correr do tempo, lembraram-se os ourives de descobrir um meio de *chumbar* os dentes *furados*, e, então, varias foram as tentativas feitas por esses operosos artistas, no começo baldadas, porem, mais tarde, de effeito seguro para elles. E, nesse sentido, prepararam *ferrinhos* para limpeza dos *furros* dos dentes (cáries), e, uma vez julgados limpos, sem mais outros cuidados, eram esses *buracos*, a abarrotar, cheios de chumbo quente em fusão!!

Processo horrivel para o cliente, que, mais das vezes, não terminava a operação, e partia em desespero, queimado, pelo metal quente, que lhe cahira na bocca. Os mais valentes, porem, resistiam a toda sorte de crueldade dessas obturações; mas, depois, tinham a desillusão de ver desapparecer do dente a *chumbação*, que lhes havia produzido tantas dores e agonias.

E não esmoreceram os ourives sergipanos daquelle tempo: estudaram ligas de metaes, que applicavam, tambem quentes, pelo mesmo processo anterior. Nem todos os clientes queriam

sujeitar-se a tal processo de obturação, e então era commum dizer-se:—E' melhor esperar que dôa o dente, para mandar arrancar-o.

Nessa situação decorreu muito tempo, até que começaram a empregar, como obturação, pedaços de chumbo frio, que calcavam depois, com ferrinhos apropriados, preparados por elles mesmos. Não obtendo, porém, resultado satisfatorio, tiveram de, cedo, abandonar tambem esse processo *a frio*.

E a lueta continuou ainda por longo prazo. Começaram, depois, a empregar as amalgamas de platina e cobre com mercurio, ainda hoje empregadas de modo mais conveniente e aperfeiçoado. Era muito imperfeito esse processo de amalgamas: ora mercurio de mais, ora platina ou cobre excessivos. E o insuccesso era cousa certa.

Nessas condições, poucos eram os que acreditavam em obturações. E, crentes de que a doença (carie) começava de dentro para fóra do dente, diziam: *Que adeanta tapar esses buracos?*... E se haviam de, mais tarde, arrancar dentes obturados com tanto trabalho assim, melhor fóra soffrer de uma só vez, arrancando-os.

Os dentes de carie pequena (1º e 2º grau) eram por aquelles processos obturados; aquelles, porem, em que a carie havia atingido o nervo (3º e 4º grau), eram condemnados a extracção, porque o *bichinho* lá estava muito dentro do dente, e o cliente não supportava o tratamento, a limpeza, com os ferrinhos de mão que elles usavam. Convem lembrar que de cauterios não faziam uso.

Fabricavam tambem dentes de metal, cobre, latão e ouro, e, sem tratamento de especie alguma, cobriam os dentes em perfeito estado. Ahi já era a preocupação e o sentimento da belleza. Os pobres tinham corôas de latão, que tanto mal lhes faziam, porque não as podiam possuir de ouro. Os ricos, porem, mandavam cobrir os dentes de ouro, enchendo muitas vezes a bocca de dentes amarellos. Achavam bonito e podiam... Foi uma boa época para os ourives.

Tambem, nesse tempo, eram cortados a navalha, ou a lima, em fôrma de dentes de serrote, os dentes anteriores (incisivos), como belleza e graça, e, mesmo, para separarem uns dos outros dentes, que eram muito unidos. Esse processo teve, é verdade, sua acceitação por muito tempo, mas, por parte do povo de classe inferior.

Nessa época, appareceu em Sergipe, viajando pelo interior do Estado, um homem que se dizia allemão, de nome embarcado e lingua enrolada, e que fazia milagres em materia de extracção.

Esse homem extrahia dentes sem ferro, com os dedos, e escolhia para as suas experiencias os logares mais frequentados das cidades, as feiras especialmente. Sentado o paciente numa cadeira ou banco, elle introduzia o pollegar e o indicador na bocca do mesmo, e dizendo:—*um, dois e tres!* puxava o dente. Cobrava por cada extracção dois mil réis. Desse homem contam cousas de pascar!

Não obturava dentes, sómente extrahia. Vendia tambem pomadas para tratamento de feridas, e dedicava-se ainda ao tratamento de certas molestias dos dominios da medicina geral.

Ainda por esse tempo, appareceram em Sergipe, praticando extracções e fazendo obturações, o francez de nome José Lataillieu e o brasileiro de nome João Nepomuceno. Faziam com mais perfeição do que os nossos ourives as suas operações, que consistiam em extracções dentarias e obturações a granito e a platina.

Terceira phase :

A pratica scientifica

De 1890 para cá, vêm apparecendo, em Sergipe, os dentistas formados, em excursão, procedentes de outros Estados. Contam que o primeiro a chegar aqui foi o dr. Nobrega, que já executava tão bem os seus trabalhos, que inspirou logo confiança ao povo. Esse homem trabalhou muito em Sergipe. E dizem que era muito minucioso e escrupuloso no exercicio da sua arte.

Visitou varios pontos do Estado, e deixou tão boa fama entre os sergipanos, que ainda hoje se fala em seu nome. Quando aqui chegou, não era formado, mas o dr. Sabino Sampaio, medico então da hygiene publica, o obrigou a que tirasse a carta, e elle foi á Bahia, e voltou formado.

Mais tarde, vem chegando o dr. Genesio, que, como o dr. Nobrega viajou pelo interior do Estado, sendo que deste pouco se fala. Era um homem bastante alto, e tinha uma cara de poucos amigos. Residiu por algum tempo em Estancia, e aqui em Aracajú, esteve por duas ou tres vezes, sendo a ultima vez ha poucos annos.

Ambos trabalhavam sem motor, usavam para limpeza das caries e formação das cavidades para obturações, de umas cassetes de mão, automaticas, ainda hoje usadas nos grandes centros do Brasil pelos dentistas ambulantes; não em Sergipe, que os não há.

Eram os seus trabalhos:—obturações a granito e a platina e a ouro Solila. Collocavam *pivots* e coroas de ouro. Faziam extracções simples e com pulverizador de ether e chloretyla. A's duas ultimas denominavam:—extracções sem dôr, e cobravam dez mil réis! Não empregavam para a extracção de dentes as injeções de cocaina e seus saes. Usavam correntemente as serras de aço ou de ferro, para separar dentes, e os tartaros eram extrahidos com ferrinhos que elles mandavam fabricar. Empregavam sempre, após, as extracções, o perchloreto de ferro, davam ao cliente para a lavagem da bocca:—agua, vinagre e sal, e recommendavam o uso desta *formula*, durante o dia da extracção.

As gengivites, a pyorrhéa não eram por elles tratadas. E, uma vez atacado o cliente destas molestias, o conselho era a extracção do dente, ou dos dentes. Clientes havia que extrahiam dez e vinte dentes de uma só vez, tal era o medo que lhes faziam esses profissionaes. O diagnostico era:—escorbuto, molestia perigosa, e que matava até!

O iodo não tinha emprego na bocca por esses profissionaes. Os seus cauterios eram:—acido arsenioso e creosoto para o nervo, e oleo de cravo e oleo de canella para a dentina. E, como calmante, analgesico, empregavam oleo de cravo e oleo de canella.

Sempre insuccesso nas extracções, pela falta de arsenal cirurgico completo. As mais das vezes, eram partidos os dentes nas extracções, e lá ficavam no alveolo as raizes a maltratarem o cliente por muitos dias. Não eram conhecidas as alavancas, que tão bons serviços nos prestam actualmente.

Já faziam bem as chapas de vulcanite, applicadas frequentemente em todos os casos de falta de dente. Um dente que faltasse na bocca, era uma chapa que ahi se collocava.

Os *pivots* empregados eram por elles preparados, e o seu acabamento prejudicava a esthetica. As raizes cortadas a mão,

com limas e pedras de esmeril, cansavam os clientes e tanto os maltratavam, que muitas syncopes precediam ao serviço de preparo de raízes para a collocação dos *pivots*.

As coroas, feitas também a mão, não saíam lá grande coisa, pois as mais das vezes não se assemelhavam em forma aos dentes do cliente. Empregavam o ouro de baixo quilate na confecção das coroas.

Era commumente empregada por esses cirurgiões a chave de Garengot.

Mais tarde estabeleceu-se aqui, em Aracajú, o sr. Jovino Pinto, que, sem ser formado, exercia a clinica com certa fama e felicidade. Fazia todos os trabalhos dos já referidos. Dizem que esse homem lia muito. As suas chapas de vulcanite eram perfectas em polimento, em acabamento. Formou-se depois, obrigado a isso pelo medico de hygiene.

Eis que vem chegando o dr. Aristides Napoleão de Carvalho, em 1901, formado pela Bahia neste mesmo anno. Montou consultorio á rua da Aurora, hoje avenida Rio Branco. Dahi por deante vem sendo a profissão exercida com outro rumo, com melhor feição.

Em 1902 chegam a esta capital, formados em Bahia, os conterraneos drs. Magalhães Carneiro e João Rollemberg Junior. O primeiro teve consultorio em varias ruas desta cidade, abandonando mais tarde a profissão. Dedicou-se á litteratura e á politica. Relativamente ao dr. João Rollemberg, não consta que tivesse tido consultorio. Empregara-se na Repartição Geral dos Correios, chegando a ser mais tarde Contador dos Correios de Sergipe.

Em 1903, chega a esta capital, formado pela Bahia, o cirurgião dentista dr. Estevam Magalhães, que se installou á praça Benjamin Constant, e ainda hoje exerce sua profissão nesta mesma cidade, onde tem grande clinica.

Além desses dentistas, outros, de Estados diversos, visitaram Sergipe, fazendo estações pelo interior e na capital.

Lembro-me do dr. Luiz de Aguiar, lente hoje da cadeira de clinica e therapeutica dentarias, da Faculdade de Medicina da

Bahia, onde tem consultorio ; do dr. João Germano, que tem tambem consultorio em a mesma cidade do Salvador; e do dr. Archimínio de Souza, que veiu do Rio de Janeiro, e aqui esteve de consultorio devidamente montado em á rua do Barão, hoje Japarutuba, desta cidade. O dr. Luiz de Aguiar visitou tambem Maroim.

Em 1904, chegou do sul, e fixou residencia nesta capital o nosso conterraneo dr. Francisco Travassos, abrindo consultorio dentario á rua de Japarutuba. Trabalhou muito no começo, tendo diminuido a sua clinica por ter accedido o logar de lente de desenho da escola de Aprendizes Artifices, cargo que ainda hoje o exerce. Continúa com consultorio, mas com pequena clinica.

Tendo fallecido o dr. Jovino Seabra, e havendo com elle aprendido a profissão de dentista, succede-lhe, no consultorio, seu filho Antonio Seabra, que faz grande clientela nesta capital. Attendia aos clientes no consultorio e em domicilios. Trabalhava bem ; mas o seu pae tinha mais geito para exercer a profissão. Esse moço morreu cedo.

Em 1909, recebe o diploma de cirurgião dentista o dr. Elias do Rosario Montalvão, na Faculdade de Medicina da Bahia. Não montou consultorio, continuando como empregado da fazenda federal.

Formado pela Faculdade da Bahia, em 1911, vem clinicar em Sergipe, o dr. Job Lins de Carvalho, nosso conterraneo. Fez excursão pelo interior, montou consultorio nesta capital, e actual-mente se acha no interior, exercendo a clinica. Trabalhou muito aqui na capital. Naquella occasião, em 1911, chegavam em Estancia, formados em odontologia, os drs. Costa Carvalho e Luiz da Motta Bittencourt, onde residem. Tem boa clinica o primeiro, o segundo não tem consultorio.

Esteve tambem em Sergipe, exercendo a profissão de dentista, o sr. Raymundo Teixeira, que diziam não ser formado, mas que executava com muita arte e perfeição os trabalhos de prothese. Parece que foi elle quem primeiro adoptou em Sergipe os trabalhos de ponte. Visitou Simão Dias, Larangeiras, Maroim e Aracajú. Sua passagem por este Estado foi de 1909 a 1910.

Em 1912, chegaram, formados pela Faculdade de Medicina da Bahia, o dr. Guimarães Torres, montando consultorio em

Propriá, onde continúa até a presente data; a dra. Esther Aranha, de Riachuelo, onde tem consultorio com boa clinica, e a dra. Guiomar Calasans, de Aracajú, que aqui abriu consultorio, mas cedo deixou a profissão, por se ter casado e deixado Sergipe. Teve boa clinica.

Nesse mesmo anno, regressou a esta capital o dr. Pedro Amado, cirurgião dentista pela Faculdade do Rio de Janeiro. Montou consultorio aqui, até 1918, quando deixou a profissão. Teve clinica numerosa.

Formado tambem pela Faculdade do Rio de Janeiro, chega nesse anno a Sergipe e se estabelece em Aracajú com gabinete dentario, o dr. Mario Bastos. Mais tarde foi para S. Christovam, onde montou consultorio, tendo regressado dali para esta cidade, onde proseguio nos mesmos misteres da sua profissão, continuando até hoje, com grande clinica.

Em 1913, aporta a Aracajú, para aqui fixar residencia, a nossa conterranea dra. Laura Amasonas, formada em S. Paulo em 1904. Montou consultorio á rua de Maroim, e mais tarde o transferiu para á rua de Itabaiana, onde continúa. Tem tambem grande clinica.

Ainda em 1913, recebem o diploma de cirurgião dentista, pela Faculdade de Medicina da Bahia, o dr. José Ribeiro Cardoso e o humilde autor destas notas. O primeiro foi exercer a profissão pelo interior do Estado, tendo-se mudado este anno para esta capital, onde tem consultorio á rua de Pacatuba. O segundo montou consultorio em 1914, nesta capital, á praça coronel José de Faro, transferindo-se neste mesmo anno, para á rua de Maroim, e mais tarde para a citada praça, onde ainda hoje se acha.

Em 1915, vem ainda formado, de Bahia, para Maroim, o cirurgião dentista dr. Raymundo Mello, montando ali consultorio; porem, anda em excursão pelo interior do Estado.

Por esse tempo, chegam tambem formados em odontologia os drs. Francisco Sobral e Mario Sobral; o primeiro, diplomado pela Faculdade de Bahia, e o segundo, formado no Rio de Janeiro. O dr. Francisco Sobral exerceu clinica no interior do Estado, montando em seguida consultorio aqui. Da profissão achase afastado actualmente, por ter aceito o cargo de Thesoureiro

dos Correios de Sergipe. O dr. Mario Sobral, depois de clinicar pelo interior, deixou a clinica, abraçando a lavoura. E' hoje usineiro.

Teve tambem consultorio aqui o dr. Ignacio da Costa Valente, formado por S. Paulo. Actualmente acha-se clinicando em Propriá.

Do Rio, onde se formara, em 1915, chega a esta cidade o nosso conferraneo dr. Julio Sampaio montando consultorio á Avenida Barão do Rio Branco, onde exerceu sua clinica com grande numero de clientes, estando actualmente matriculado na Faculdade do Rio de Janeiro, estudando medicina.

Assim, temos em Sergipe actualmente, os seguintes cirurgiões dentistas:—*em Aracajú*—Dr. Aristides Napoleão de Carvalho, sem consultorio, chefe da 1.ª secção da Secretaria do Governo; dr. Magalhães Carneiro, sem consultorio, lente em disponibilidade do Atheneu Sergipense; dr. João Rollemberg Junior, sem consultorio, Contador dos Correios de Sergipe; dr. Estevam Magalhães, com consultorio, Director da Secretaria da Assembléa Estadual; dr. Elias Montalvão, sem consultorio, 1.º Escripturario da Delegacia Fiscal de Sergipe; dr. Francisco Travassos, com consultorio, lente de desenho da Escola de Aprendizes Artifices; dr. Pedro Amado, sem consultorio, commerciante em grande escala; dra. Laura Amazonas, com consultorio, á rua de Itabaiana; dr. Mario Bastos, com consultorio, Official de Gabinete do Presidente do Estado actual; dr. Francisco Sobral, sem consultorio, Thesoureiro dos Correios de Sergipe; dr. José Ribeiro Cardoso, com consultorio, e Nyceu Dantas, com consultorio, á Praça Coronel José de Faro. Todos Sergipanos.

Acha-se tambem entre nós, ha um anno mais ou menos, clinicando, o cirurgião dentista dr. Fernando Agnaldo Teixeira, bahiano, com seu consultorio, á rua de Itabaiana.

No Interior

Em Campos, acha-se o dr. Raymundo Mello; em Propriá têm consultorio os drs. Ignacio da Costa Valente e Guimarães Torres; em Annapolis o dr. Alvaro Bizerra de Cerqueira, bahiano, em excursão por Sergipe; em Buquim, dr. Job Lins de Carvalho; em Estancia, drs. Costa Carvalho, com consultorio e Luiz da

Motta Bittencourt, sem consultorio; em Riachuelo a dra. Esther Aranha, com consultorio.

E temos ainda os seguintes praticos, que trabalham:—

Na capital, os senhores Eunapio Simões dos Reis e Jorge Ribeiro; em Maroim, o snr. Oséas Maynard; em Larangeiras, os srs. Heleodoro José Pereira, Francisco Garcez e Ozimo Moreira; em Itabaiana, os srs, Antonio Agostinho e Eduardo Amazonas.

Como acabamos de ver, grande é o numero de cirurgiões dentistas, aqui na capital mas pequeno é o numero de consultorios, para uma população de cerca de quarenta mil almas, e que cada dia cresce. Isso vem provar que pequeno é o numero dos que cuidam dos dentes, mesmo na capital, onde o povo é mais civilizado. Poucos são, em Sergipe, os que cuidam com interesse dos dentes, sendo consideravel o numero daquelles que somente procuram o profissional para a extracção! Nesta parte, estamos bem atraz dos outros povos civilizados, que, de seis em seis mezes, vão ao consultorio do dentista, para um exame da bocca.

Somente os ricos, os poderosos, e não todos, levam em conta o tratamento dos dentes, observando, em parte, certas regras de hygiene buccal. Em geral, ainda se diz em Sergipe que *tratamento de dente é luxo*. Em meu consultorio mesmo, tenho ouvido dizer, em tom de censura:—*Que quer Fulano tratando dos dentes? não ganha bastante para comer e vestir...* Está ahí um bello conceito! Ainda hoje em dia!

Mas, em parte, não se deve condemnar o povo, que, afinal não está ainda preparado para uma civilisação completa. Maior peccado têm commettido os governos, que já deviam ter, nas escolas, assistencia dentaria e, ainda, um estabelecimento, onde o pobre recebesse o serviço dentario por profissionaes. Tudo isso com pequeno dispendio para os cofres do Estado. O menino nas escolas precisa de receber noções de hygiene buccal. Rara é a creança, entre nós, que cuida da bocca. Têm a bocca para comer, fallar, e beber tambem.

Facil seria a creação de um estabelecimento, aqui em Aracajú, uma polyclinica, mantida pelo governo para as pessoas pobres, ou pelo menos, para as creanças pobres. Eu daria, de graça, um dia por semana ao estabelecimento, que nessas condições se creasse. O que o profissional não pode, em Sergipe, é

fazer mais do que faz. Todos nós, em Aracajú, trabalhamos para o pobre, de graça. Eu, por minha vez o faço, e sempre com grande prazer.

Ahi estão as fabricas, tambem, cheias de operarios, que perdem ás vezes, dias e semanas por causa de dentes. Pois essas fabricas não poderiam ter um pequeno gabinete dentario, no proprio estabelecimento, com um profissional encarregado desse serviço dentario? Tudo seria pago pelo proprio operario, em pequenas prestações, á fabrica.

As creanças em Sergipe, não frequentam os consultorios dentarios. Uma vez por outra, certas e determinadas creanças são levadas aos consultorios para extrahir dentes, somente para extrahir! E, por isso, ficam querendo mal aos profissionaes, odiando-os até. Creanças ha que, quando dão com a vista no dentista, vão logo fugindo aterrorizadas. E' um pavor! E os paes, quando lhes querem fazer medo dizem:—*Olha qua eu te vou levar ao dentista!* Que os barbeiros, com as suas torqueras e alicates, fizessem medo, e tambem os ourives, com os seus processos de obturação, muito bem; mas, os dentistas, não. Os dentistas, com os seus trabalhos clinicos e protheticos, evitam a molestia e aperfeiçoam a face.

Por tudo isso, por todo esse medo das creanças, são responsaveis os paes, para quem *dente de leite não precisa ser tratado, porque nasce outro para substituí-lo*; e que dizem que *não ha necessidade de levar as creanças ao dentista para a extracção, porque os dentes amollecem e cahem, e se não caírem arrancam-se em casa com um cordão ou a ponta da thesoura*. Imaginem!... E deixam cariados os dentes, e arrancam em tempo inoportuno, prejudicando, muitas vezes, a erupção dos dentes permanentes e fracturando o maxillar etc.

Ignoram elles que se deve cuidar dos dentes provisorios (de leite) do mesmo modo, que se deve cuidar dos dentes permanentes ou definitivos, para evitar os soffrimentos horriveis das dores de dentes nas creanças, além de consequencias ainda peiores.

O dente de leite precisa de ser obturado provisoriamente com substancia apropriada, porque a obturação evita que seja a carie a causa geratriz de muita perturbação organica da creança, com o mau estado da bocca. Com o tratamento do dente de

leite, evitam-se os abcessos e fistulas gengivales, focos perigosos de puz, cujo producto a creança ingere. Do mesmo modo evitam-se as fistulas cutaneas da face, cousa horrivel em qualquer pessoa.

As extracções dos dentes de leite, que nem sempre amollecem, especialmente os grandes molares e os caninos, se fazem necessarias no tempo preciso, para não ser perturbada a erupção dos dentes permanentes, que, encontrando, logar tomado pelo dente de leite, fazem sua erupção em sentido anomalo, produzindo deformidades da face na creança, quasi sempre, além de vicios da articulação. E os paes não conhecem o tempo conveniente para a intervenção, e agem erroneamente.

Dos 4 1/2 aos 6 annos, a natureza dota a creança de quatro dentes queixaes (molares), que são 2 superiores e 2 inferiores. Com esses quatro dentes, começa a erupção dos dentes definitivos. Esses dentes são geralmente confundidos com os dentes de leite. Muita discussão tenho tido sobre isso com pacientes. Pois bem, nesse tempo, o alveolo deve estar desimpedido, para que a erupção se faça naturalmente, convindo que tambem se auxilie um pouco a natureza. Não se faz tal cousa e os novos dentes fazem a sua erupção má, difficil e anomala. E tomados como dentes de leite, não são tratados, e a creança perde, assim, os 4 primeiros dentes da 2ª dentição, que são chamados primeiros grandes molares. E ficam por muito tempo a mastigar mal, sobre *cacos*, ou sobre gengivas.

Em fim, não nos queremos alongar muito sobre estas ponderações, que não constituem o nosso assumpto. Apenas lembremo-nos disso, por sermos sempre procurado para casos dessa ordem, agindo sempre, é verdade, mas, com muita pena. E falando da profissão em geral, quizemos tambem dizer alguma cousa do que são os clientes, etc., para darmos uma idéa exacta da Odontologia em Sergipe e o seu conceito actual. Aliás foi essa a nossa preocupação, ao iniciarmos estas linhas.

E vamos adeante : —

Para falarmos dos progressos da odontologia em Sergipe, é mistér que digamos : — Tudo que se faz dos grandes centros do Brasil, nós aqui o fazemos tambem : — Os *Bridges-Works* (trabalhos de ponte) fundidos ; as incrustações a ouro fundido, a acolite, etc., pelo processo da cera perdida ; os pivôts e as capsu-

las por esses mesmos processos. Usamos para esses trabalhos o aparelho de Elgin ou as prensas de Sharp e Solbridge e o gerador de gaz a gazolina.

Não existe ainda em Sergipe consultorio electrico. São modestos, é verdade, mas em todos a hygiene é observada. Trabalhamos actualmente com grande arsenal cirurgico e uma serie crescida de ferrinhos, estiletos, calcadores e sondas. O material por nós empregado é de primeira qualidade, caprichando todos em melhor servir a sua clientela. Usamos varias marcas de dentes, desde os communs para chapa e para os trabalhos de ouro, até os mais modernos, Steele e Goslee.

A clinica é bem cuidada entre nós, e, hoje, as extracções são somente aconselhadas em casos muito especiaes. Trata-se o dente, qualquer que seja a carie, e, jógamos, para isso obtermos, com uma enorme serie de medicamentos.

As affecções são combatidas por processos novos, como nos meios adeantados. A dentina já nos não faz medo, combatemos a sua sensibilidade em poucas horas. Empregamos, com as devidas restricções, as injecções de cocaina e seus saes, para as extracções de dentes, com resultado, salvo casos especiaes, como sejam periostite e abcessos desde a sua formação.

Não somos indifferentes ao tratamento da Pyorrhéa-Alveolar. Assim é que a tratamos pelos novos processos, ora conhecidos, e vamos obtendo resultado mais ou menos compensador.

As obturações de cimento (granito) estão abolidas; sendo o granito empregado somente na collocação dosapparelhos protheticos. Fazemos, ainda, as obturações de platina, mas somente nos grandes mollares. Hoje, as obturações preferidas são de porcellana, que fazemos correntemente e com perfeição. O martello authomatico para ourificações já não tem emprego entre nós.

E assim, pensamos ter dado uma idea geral sobre o que foi e o que é a Odontologia em Sergipe, de cem annos para cá, embora uma idéa pallida e incompleta, já que nos não foi possivel um trabalho completo, em vista da absoluta falta de dados historicos.

NYCEU DANTAS.



Coronel Antonio Dias Coelho e Mello

(Barão da Estancia)

Coronel Antonio Dias Coelho e Mello

(BARÃO DA ESTANCIA)

Chefe prestigiado do *Partido Liberal* na ex-Provincia de Sergipe durante muitos annos, foi o Barão da Estancia, Senador do Imperio, Deputado Provincial, Presidente da Provincia, e fez parte do « Conselho de Governo da Provincia de Sergipe », após o Decreto da nossa Independencia Politica.

E' um dos vultos notaveis do nosso passado historico, pois que esteve envolvido nas luctas partidarias mais celebres de Sergipe, durante o 2º Imperio.

Delle escreveu o notavel jurista Dr. Gumersindo Bessa, no *Diario da Manhã*, editado em Aracajú, as palavras seguintes :

« Palavra imprecisa, hesitante, acanhada ; mas, com tal timbre de dignidade e affirmação de si, que se sentia uma alma nobre alli dentro e um homem incapaz de uma falsidade ».

O Barão da Estancia morreu já sob a Republica, em avançada idade, e seus restos mortuarios repousam na capella da *Fazenda Collegio*, municipio de Itaporanga, tumulo tambem dos seus antepassados.

O Barão da Estancia presidio a Provincia de Sergipe por trez vezes, na qualidade de Vice-Presidente, de 1863 a 1866.

(N. R.)



Diocese de Aracajú

Foi creada a Diocese de Aracajú, pela Bulla « *Divina disponente clemencia* » do Santo Padre Pio X, a 3 de Janeiro de 1910, comprehendendo toda a circumscripção civil do Estado de Sergipe, ficando desmembrada da archidiocese da Bahia.

Primeiro Bispo da Diocese

O primeiro Bispo de Diocese de Aracajú foi o Exm^o e Revm^o Snr. D. José Thomaz Gomes da Silva, natural da cidade de Martins, Estado do Rio Grande do Norte. Nasceu a 4 de Agosto de 1879.

Creada esta Diocese, foi escolhido para seu primeiro Bispo, por decreto consistorial do Papa Pio X, a 12 de Maio de 1911. Foi sagrado a 19 de Novembro do mesmo anno, na Cathedral de Parahyba, pelo Senhor Bispo D. Adauto Aurelio de Miranda Henriques, com assistencia dos Senhores Bispos de Natal, D. Joaquim Antonio de Almeida, e de Floresta, D. Augusto Alvaro da Silva.

Installação da Diocese

A Diocese foi installada a 4 de Dezembro de 1911, reinando no Pontificado Romano Sua Santidade Pio X; sendo Nuncio Apostolico eleito para o Brasil Monsenhor José Aversa; Presidente da Republica Brasileira Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca; Presidente deste Estado General Doutor José de Siqueira Meneses.

Obras Diocesanas

Sua Excellencia Reverendissima fundou o Seminario Episcopal do Sagrado Coração de Jesus e o abriu a 4 de Abril de 1913; instituiu a Obra dos Tabernaculos; criou a Pia União das Filhas de Maria em muitas parochias; abriu o Instituto Bento XV; fundou o jornal catholico — « A CRUZADA », organ official da Diocese, etc.

Curia Episcopal

Vigario Geral do Bispado — Monsenhor Adalberto Sobral
Secretario Geral — Padre José Augusto da Rocha Lima
Promotor do Bispado — Conego Floduardo Fontes.

Seminario Episcopal

Reitor — Monsenhor Adalberto Sobral
Vice-Reitor — Padre José Augusto da Rocha Lima
Director Espiritual — Conego Floduardo de Britto Fontes.
Actualmente a matricula do Seminario é de 34 alumnos, dos quaes 16 são do curso superior.

Parochias da Diocese, oragos e parochos

Annapolis	Sant'Anna	Conego Philadelpho Macedo
Aquidaban	Sant'Anna	Padre José Machado
Aracajú	N. S. da Conceição	Conego Serapião de Aguiar
Araúá	N. S. da Conceição	Padre Carlos Falcone
Buquim	Sant'Anna	Padre Ant ^o Anacleto Brandão
C. do Britto	N. S. da Boa Hora	Padre Francisco F. Meneses
Campos	Imperatriz dos Campos	Conego Emilio de Moura
Capella	N. S. da Purificação	Padre José da Motta Cabral
Divina Pastora	N. S. da Divina Pastora	Annexa a Riachuelo
Dores	N. S. das Dores	Padre Elpidio Teixeira Lobo
Espirito Santo	Espirito Santo	Annexa a Araúá
Estancia	N. S. de Guadalupe	Monsenhor Victorino Fontes
Garará	S. Bom Jesus dos Afflictos	Annexa a Porto da Folha
Itabaiana	S. Antonio e Almas	Padre Constantino Sangreman
Itabaianinha	N. S. da Conceição	Conego Hortencio Vieira
Itaporanga	N. S. da Ajuda	Annexa a S. Christovam
Japarutuba	N. S. da Saude	Padre Caio Tavares
Lagarto	N. S. da Piedade	Conego José Geminiano
Laranjeiras	S. Coração de Jesus	Padre Philadelpho de Oliveira
Maroim	S. Bom Jesus dos Passos	Pe. Antidio Telles de Meneses
Pacatuba	São Felix	Conego José B. Nabuco
Porto da Folha	N. S. da Conceição	Padre Manoel José de Oliveira
Propriá	Santo Antonio	Monsenhor Juvencio Britto
Riachão	N. S. do Amparo	Conego Manoel L. da Fonseca
Riachuelo	N. S. da Conceição	Padre João Marinho
Rosario	N. S. do Rosario	Padre Affonso Tojal
Santa Luzia	Santa Luzia	Annexa a Estancia
Santo Amaro	Santo Amaro	Annexa a Maroim
Santo Antonio	Santo Antonio	Annexa a Aracajú
S. Christovam	N. S. do Victoria	Frei Cornelio Neises
São Paulo	São Paulo	Padre José Ant ^o Leal Madeira
Siriry	Jesus, Maria e José	Annexa a Rosario
Socorro	N. S. do Socorro	Annexa a Laranjeiras
Villa Christina	S. Francisco de Assis	Annexa a Itabaianinha
Villanova	Santo Antonio	Padre Arthur Passos

Além dos Sacerdotes acima mencionados, existe na Diocese ainda os seguintes: Padre Basiliscio Raposo de Oliveira, coadjutor de Propriá; Padre Solano Dantas, capellão de São Salvador; Padre Antonio Soares de Mello, capellão do Collegio de N. S. das Graças de Propriá; Conego João de Mattos; Padre João Florencio da Silva Cardoso; Padre João Dias Nabuco; Padre Possidonio Pinheiro da Rocha; as comunidades Salesiano em Aracajú e Thebaida e Franciscana em São Christovam.

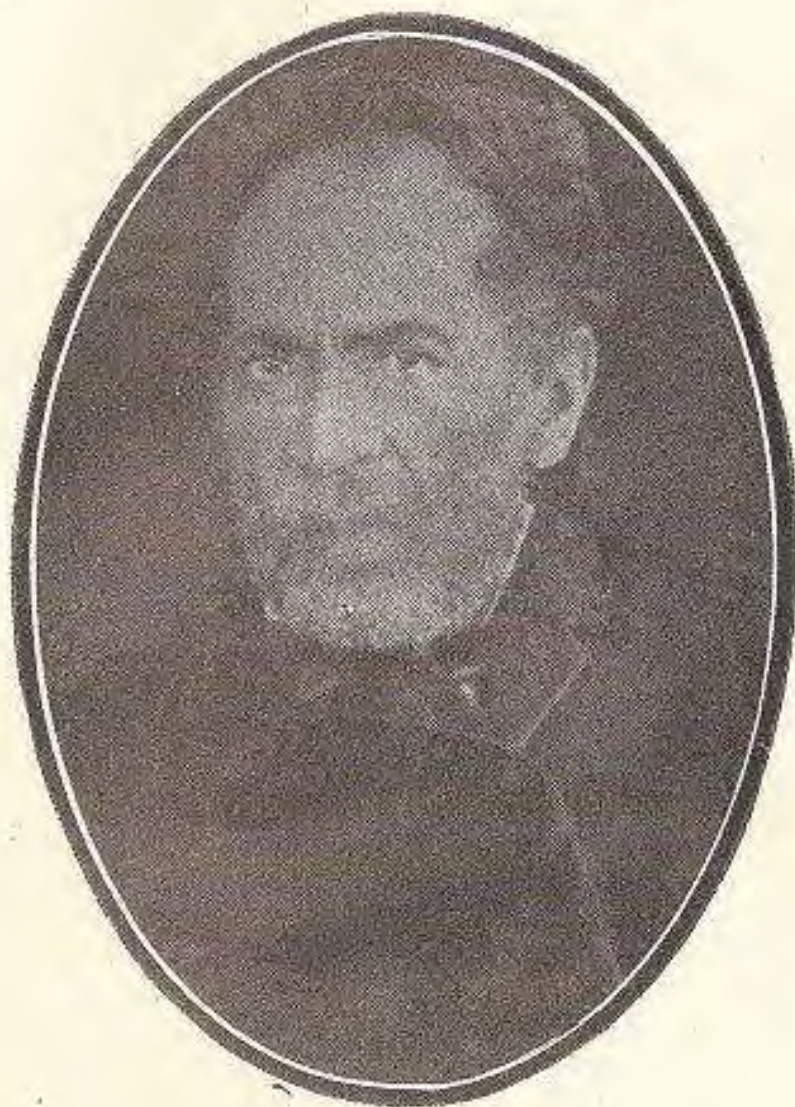
Synthese Intellectual

===== 1820 —:— 1920 =====

Afim de consubstanciar na forma eterna do bronze
consagrador a synthese de um seculo de
intellectualidade latente e fecunda em Sergipe, o
Instituto Historico e Geographico deste Estado
realisou a idéa de erigir uma
estatua ao maior representante cerebral do
povo sergipano,

Dr. Tobias Barreto

Poeta, philosopho, jurista e sociologo, em summa,
um dos mais vigorosos e radiantes espiritos,
que a fabrica intellectual da raça latina-americana
produzio.



Dr. Tobias Barreto

O philosopho dias antes de morrer, em Junho de 1889



Tobias Barreto

(REFORMADOR E PATRIOTA)

Quando elle surgiu no scenario intellectual do Brasil, ainda tudo eram trevas e nada havia de sério e apreciavel, em philosophia, na fabrica do pensamento nacional.

Andava-se tacteante, sem segurança e sem destino, por entre as brumas de beatas fórmulas sedições, caducas, anachronicas e sem razão de existirem já naquelle tempo, pois o seculo XIX orçava por mais de meiado.

Nas Academias, uns ingenuos e bons velhinhos, que consumiam bastante tabaco, traduziam as « Pandectas » e sermoneavam sobre a « lei da boa razão », em materia philosophica não iam além de Roger Bacon, como em Direito não transpunham os limites classicos dos glossadores.

Era uma desolação o campo da nossa cultura scientifica.

Entretanto, no Velho Mundo já iam ficando velhas, encaneciam já, com pronunciadas rugas, as doutrinas portentosas de Descartes, John Locke, Gottfried Leibnitz, Christiano Wolff e Bento Spinoza, esses gigantescos espiritos precursores do « Pantheismo Monista », unica doutrina philosophica que não repugna á mentalidade hodierna, por fundamentar-se em bases experimentaes e estar de accôrdo com as leis e os postulados da Evolução.

TOBIAS BARRETTO, alma forrada de diamante e bronze, forte e solida como rocha, profunda e insigne de valente, chegou á arena, lançou um golpe de vista sobre as figuras, sorriu e desafiou para um pugilato de morte os anões intellectuaes que o seu olhar de condôr lobrigou.

Estava iniciada a longa e formidavel luta. A aguia baixou sobre o formigueiro e não houve pequenino insecto que renunciasse ao « direito » de uma picada nas garras do altaneiro e soberano dominador das alturas do nosso pensamento.

TOBIAS, sob esse aspecto encarado, o da luta contra a pequenez collectiva, muito se parece com o seu collega allemão LESSING, que foi o mais elevado cimo e o mais probo character da intelligencia e da cultura do seu seculo.

Ha mesmo traços de espirito semelhantes entre o chefe da Escola do Recife e o arrasador inclemente do pobre Klotz.

Como LESSING, o vigoroso pensador sergipano soffreu toda a casta de injurias imaginaveis da medriocridade impotente que o rodeiava e contra a qual elle conteirou as fréchas afiadas e abatedoras de sua maravilhosa «verve», nunca estancada.

Subio ao Calvario.

Sorveu o calice das amarguras e foi arrastado pelas sordidas ruas da calumnia e da inveja, esses antros e valhacoutos da canalha litteraria, dos simuladores do talento.

Mas isso havia de ser realizado para que uma vez mais se cumprisse a triste e verdadeira prophesia de Henrique Heine : «onde um grande espirito proclamar seus pensamentos, existe um Golgotha».

Revestindo com hábitos e linguagem novos o ensino do Direito no Brazil ; dando, portanto, mais dignidade ao apprendizado das Sciencias Juridicas entre nós e elevando á altura de perfeita sciencia aquillo que dantes não passava de um formulario theologico impresso em latim barbaro, ou gothico, TOBIAS BARRETO salvou do ridiculo em que iam se despenhendo, os nossos fóros de sabedoria juridica.

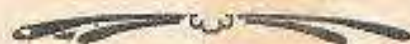
Elle renovou a face do pensamento nacional, e, em propria pessoa, com evangelica paciencia e estoica tenacidade, construiu o templo da presente phase intellectual do Brazil.

Assim como Emanuel Kant, Luthero, Lessing, Fichte e Hegel prepararam e effectuaram a mudança do scenario intellectual da douta Allemanha, o edificante espirito reformador de TOBIAS BARRETO realizou a transformação radical do pensamento brasileiro.

Ninguem, pois, foi mais nacionalista do que elle e ninguem maiores homenagens merece do nosso culto patriotismo e da nossa actual civilisação.

1920.

COSTA FILHO.





❁ (SERGIPE) ❁

Omnia tempus habet, e assim, já contas cem annos de Independencia !

Mal termina um anno, com elle exgotta-se a sua folhinha ; e por isso na impossibilidade de encontrar aqui a de 1820, a organizei para te offertar, hoje, primeiro centenário da tua merecida Independencia : eis, pois o meu contingente para tua festa.

*
* *

Agora imploro-te que approves, com o teu silencio, a minha conducta de somente hoje divulgar o amor filial que o primeiro medico oculista do Brasil e abalisado Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o grande sergipano Dr. Abreu Fialho te consagra, conforme, abrindo um parenthesis, expontaneamente como quem se orgulha, externou-se assim em sua brilhante scientifica conferencia intitulada «Questões Medico-Sociaes» e effectuada na Associação Medico-Cirurgica do Rio de Janeiro, em 3 de Janeiro de 1917 :

«No minuscuro Sergipe bebi eu os primeiros ares da vida, e vivi por alguns annos neste saudoso rincão do Norte, terra adorada, que já hoje mal entrevejo através das neblinas das lendas, tão longe della estou pelo tempo que lá se foi...

Mas ainda hoje, nas minhas horas de scisma, o caracol destas recuadas manhãs da vida segreda-me ao ouvido aquillo que foi a poesia da minha infancia.

Falla-me nestas usanças nortistas, falla-me neste nostalgico sertão, de mattas fragrantas, de maviosos rumorejos, de rios d'aguas mansas, de madrugadas formosas, tardes mysticas, noites silenciosas e estrelladas, mysteriosas e profundas.

Repete-me as cantigas do sertanejo, na sua toada melancolica, ao som da viola plangente, e que nunca mais se me desinfiltraram da alma. Reporta-me até esta vida simples, a verdadeira vida, que eu vivi no regaço da natureza, vendo, sentindo, gozando todas estas cousas que tornam mais leveiro o fardo da vida, e mais amados os homens.

Um dia para aqui transplantado, perdi a cortiça rustica com que nasci. As minhas singelas e meigas boninas cederam a vez ás flôres das estufas, pomposas e exoticas ; os olhos enlevados

na rusticidade das casas do campo houveram de se ageitar á geometria architectural dos palacios da cidade; aquellas estradas de areia, batidas dos pés descalços dos andejes matutos, são agora as avenidas betumadas e elegantes.

Tudo se foi transmudando, até que o roceiro virou cidadão de casaca e peitinho lustroso, cabello encalamistrado e luvas brancas, forçado ás attitudes, aos meneios, ás medidas.

Foi-se o encanto, mas ficou-me ainda, com a desconfiança da civilização e de suas perfidias, um pedaço de coração sertanejo, de onde nunca desertaram os affectos, nas commoções de sincera attracção ».

*
* *

Bem intencionadamente, retardei a divulgação de tão bella e patriotica declaração, reservando-a para hoje, por ser a maior dacta sergipana; e assim procedendo, saliento o gesto nobre e digno de applausos, praticado pelo distincto e genuino co-estadano, elevado a grande exponente de valor moral e scientifico para gloria tua, ó adorado Sergipe.

Eis a

Folhinha de 1820

Eclipses :

Em 1820 houve quatro eclipses, tendo sido dois do Sol e dois da Lua. Os do Sol foram em 13 de Março e 7 de Setembro; e os da Lua em 29 de Março e 21 de Setembro.

Computo ecclesiastico :

Aureo Numero	16
Apacta	15
Letras Dominicæes	B, A.
Letra do Martyrologio	q.
Indicção Romana	8
Periodo Juliano	6533

Festas moveis :

Pascoa	2 de Abril
Ascensão	11 » Maio
Pentecostes	21 » »
Corpo de Deus	1 » Junho

1.º mez

31 dias

Janeiro 1820

Phases medias da Lua:

Nova em	16
Cresc.	22
Cheia	29
Ming.	7

1	Sab.	Circumcisão.
2	DOM.	
3	Seg.	
4	Ter.	
5	Quar.	
6	Quin.	Epiphania.
7	Sex.	
8	Sab.	
9	DOM.	
10	Seg.	
11	Ter.	
12	Quar.	
13	Quin.	
14	Sex.	
15	Sab.	
16	DOM.	S. S. Nome de Jesus.
17	Seg.	
18	Ter.	
19	Quar.	
20	Quin.	
21	Sex.	
22	Sab.	
23	DOM.	
24	Seg.	
25	Ter.	
26	Quar.	
27	Quin.	
28	Sex.	
29	Sab.	
30	DOM.	Septuagesima.
31	Seg.	

2.º mez

29 dias

Fevereiro 1820

Phases medias da Lua:

Nova em 14
Cresc. 20
Cheia 27
Ming. 6

1	Ter.	
2	Quar.	Purificação N. Sr.ª
3	Quin.	
4	Sex.	
5	Sab.	
6	DOM.	<i>Sexagesima.</i>
7	Seg.	
8	Ter.	
9	Quar.	
10	Quin.	
11	Sex.	
12	Sab.	
13	DOM.	<i>Quinquagesima.</i>
14	Seg.	
15	Ter.	
16	Quar.	<i>Cinzas.</i>
17	Quin.	
18	Sex.	
19	Sab.	
20	DOM.	<i>1.º da Quaresma.</i>
21	Seg.	
22	Ter.	
23	Quar.	<i>Temporas.</i>
24	Quin.	
25	Sex.	<i>S. Mathias. Temporas.</i>
26	Sab.	<i>Temporas.</i>
27	DOM.	<i>2.º da Quaresma.</i>
28	Seg.	
29	Ter.	

3.º mez

31 dias

Março 1820

Phases medias da Lua :

Nova em 16
Cresc. 22
Cheia 29
Ming. 7

1	Quar.	
2	Quin.	
3	Sex.	
4	Sab.	
5	DOM.	3.º da Quaresma.
6	Seg.	
7	Ter.	
8	Quar.	
9	Quin.	
10	Sex.	
11	Sab.	
12	DOM.	4.º da Quaresma.
13	Seg.	
14	Ter.	
15	Quar.	
16	Quin.	
17	Sex.	
18	Sab.	
19	DOM.	Paixão. (*)
20	Seg.	
21	Ter.	
22	Quar.	
23	Quin.	
24	Sex.	
25	Sab.	Anunciação N. Sr.*
26	DOM.	Ramos.
27	Seg.	
28	Ter.	
29	Quar.	Trevas.
30	Quin.	Endoenças.
31	Sex.	Paixão.

(*) Nota.— Por ter coincido o Domingo da Paixão com o dia 19, consagrado a S. José, foi transferida a antiga devoção ao mesmo santo.

4.º mez

30 dias

Abril 1820

Phases medias da Lua:

Nova em	14
Cresc.	20
Cheia	27
Ming.	6

1	Sab.	<i>Alleluia.</i>
2	DOM.	<i>Pascoa.</i>
3	Seg.	
4	Ter.	
5	Quar.	
6	Quin.	
7	Sex.	
8	Sab.	
9	DOM.	
10	Seg.	
11	Ter.	
12	Quar.	
13	Quin.	
14	Sex.	
15	Sab.	
16	DOM.	
17	Seg.	
18	Ter.	
19	Quar.	
20	Quin.	
21	Sex.	
22	Sab.	
23	DOM.	Patrimonio de S. José.
24	Seg.	
25	Ter.	S. Marcos.
26	Quar.	
27	Quin.	
28	Sex.	
29	Sab.	
30	DOM.	

5.º mez

31 dias

Mai 1820

Phases medias da Lua :

Nova em	14
Cresc.	20
Cheia	27
Ming.	5

1	Seg.	S. Felipe e S. Jacob.
2	Ter.	
3	Quar.	Invenção da Santa Cruz.
4	Quin.	
5	Sex.	
6	Sab.	
7	DOM.	
8	Seg.	
9	Ter.	
10	Quar.	
11	Quin.	Ascensão do Senhor.
12	Sex.	
13	Sab.	
14	DOM.	
15	Seg.	
16	Ter.	
17	Quar.	
18	Quin.	
19	Sex.	
20	Sab.	
21	DOM.	Pentecostes.
22	Seg.	
23	Ter.	
24	Quar.	<i>Temporas.</i>
25	Quin.	
26	Sex.	<i>Temporas.</i>
27	Sab.	<i>Temporas.</i>
28	DOM.	S. S. Trindade.
29	Seg.	
30	Ter.	
31	Quar.	

6.º mez

30 dias

Junho 1820

Phases medias da Lua:

Nova em 12
Cresc. 18
Cheia 25
Ming. 4

1	Quin.	Corpo de Deus.
2	Sex.	
3	Sab.	
4	DOM.	
5	Seg.	
6	Ter.	
7	Quar.	
8	Quin.	
9	Sex.	Sagrado Coração de Jesus.
10	Sab.	
11	DOM.	
12	Seg.	
13	Ter.	S. Antonio.
14	Quar.	
15	Quin.	
16	Sex.	
17	Sab.	
18	DOM.	
19	Seg.	
20	Ter.	
21	Quar.	
22	Quin.	
23	Sex.	
24	Sab.	S. João Baptista.
25	DOM.	
26	Seg.	
27	Ter.	
28	Quar.	
29	Quin.	S. Pedro e S. Paulo.
30	Sex.	

7.º mez

31 dias

Julho 1820

Phases medias da Lua:

Nova em	12
Cresc.	18
Cheia	25
Ming.	3

1	Sab.	
2	DOM.	Vizitação N. Senhora.
3	Seg.	
4	Ter.	
5	Quar.	
6	Quin.	
7	Sex.	
8	Sab.	Independencia de Sergipe. (*)
9	DOM.	
10	Seg.	
11	Ter.	
12	Quar.	
13	Quin.	
14	Sex.	
15	Sab.	
16	DOM.	N. Senhora do Carmo.
17	Seg.	
18	Ter.	
19	Quar.	
20	Quin.	
21	Sex.	
22	Sab.	
23	DOM.	
24	Seg.	
25	Ter.	S. Jacob Apostolo.
26	Quar.	Sant'Anna.
27	Quin.	
28	Sex.	
29	Sab.	
30	DOM.	
31	Seg.	

(*) A então *Capitania* de Sergipe que nunca foi comarca da Bahia (*embora erradamente se tenha vulgarizado o contrario*), foi elevada á cathegoria de *Capitania* independente do Governo Colonial, que tinha a sua séde na cidade da Bahia.

8.º mez

31 dias

Agosto 1820

Phases medias da Lua:

Nova em 10
Cresc. 16
Cheia 23
Ming. 2 e 31

1	Ter.	
2	Quar.	
3	Quin.	
4	Sex.	
5	Sab.	
6	DOM.	
7	Seg.	
8	Ter.	
9	Quar.	
10	Quin.	S. Lourenço.
11	Sex.	
12	Sab.	
13	DOM.	
14	Seg.	
15	Ter.	Assumpção de N. Senhora.
16	Quar.	
17	Quin.	
18	Sex.	
19	Sab.	
20	DOM.	S. Joaquim.
21	Seg.	
22	Ter.	
23	Quar.	
24	Quin.	S. Bartholomeu.
25	Sex.	S. Luiz Rei de França.
26	Sab.	
27	DOM.	
28	Seg.	
29	Ter.	
30	Quar.	
31	Quin.	

9.º mez

30 dias

Setembro 1820

Phases medias da Lua:

Nova em	9
Cresc.	15
Cheia	22
Ming.	30

1	Sex.	
2	Sab.	
3	DOM.	
4	Seg.	
5	Ter.	
6	Quar.	
7	Quin.	
8	Sex.	Natividade de N. Senhora.
9	Sab.	
10	DOM.	
11	Seg.	
12	Ter.	
13	Quar.	
14	Quin.	Exaltação da Santa Cruz.
15	Sex.	
16	Sab.	
17	DOM.	Dores de N. Senhora.
18	Seg.	
19	Ter.	
20	Quar.	<i>Temporas.</i>
21	Quin.	S. Matheus Ap. e Evangelista.
22	Sex.	<i>Temporas.</i>
23	Sab.	<i>Temporas.</i>
24	DOM.	
25	Seg.	
26	Ter.	
27	Quar.	
28	Quin.	
29	Sex.	Dedicação de S. Miguel.
30	Sab.	

10.º mez

31 dias

Outubro 1820

Phases medias da Lua :

Nova em 8
Cresc. 14
Cheia 21
Ming. 29

1	DOM.	Rosario.
2	Seg.	
3	Ter.	
4	Quar.	
5	Quin.	
6	Sex.	
7	Sab.	
8	DOM.	
9	Seg.	
10	Ter.	
11	Quar.	
12	Quin.	
13	Sex.	
14	Sab.	
15	DOM.	
16	Seg.	
17	Ter.	
18	Quar.	S. Lucas.
19	Quin.	
20	Sex.	
21	Sab.	
22	DOM.	
23	Seg.	
24	Ter.	
25	Quar.	
26	Quin.	
27	Sex.	
28	Sab.	S. Simão e Judas Apostolo.
29	DOM.	
30	Seg.	
31	Ter.	

11.º mez

30 dias

Novembro 1820

Phases medias da Lua:

Nova em 7
Cresc. 13
Cheia 20
Ming. 28

1	Quar.	Todos os Santos.
2	Quin.	Finados.
3	Sex.	
4	Sab.	
5	DOM.	
6	Seg.	
7	Ter.	
8	Quar.	
9	Quin.	
10	Sex.	
11	Sab.	
12	DOM.	
13	Seg.	
14	Ter.	
15	Quar.	
16	Quin.	
17	Sex.	
18	Sab.	
19	DOM.	
20	Seg.	
21	Ter.	Apresentação N. Senhora.
22	Quar.	
23	Quin.	
24	Sex.	
25	Sab.	
26	DOM.	
27	Seg.	
28	Ter.	
29	Quar.	
30	Quin.	S. André.

12.º mez

31 dias

Dezembro 1820

Phases medias da Lua:

Nova em	6
Cresc.	12
Cheia	19
Ming.	27

1	Sex.	
2	Sab.	
3	DOM.	1.º do Advento.
4	Seg.	
5	Ter.	
6	Quar.	
7	Quin.	
8	Sex.	N. Senhora da Conceição.
9	Sab.	
10	DOM.	2.º do Advento.
11	Seg.	
12	Ter.	
13	Quar.	
14	Quin.	
15	Sex.	
16	Sab.	
17	DOM.	3.º do Advento.
18	Seg.	
19	Ter.	
20	Quar.	Temporas.
21	Quin.	S. Thomaz Apostolo.
22	Sex.	Temporas.
23	Sab.	Temporas.
24	DOM.	4.º do Advento.
25	Seg.	Natal.
26	Ter.	S. Estephano.
27	Quar.	S. João Apostolo e Evangelista.
28	Quin.	Santos Innocentes Martyres.
29	Sex.	
30	Sab.	
31	DOM.	S. Silvestre.

Este calendario, que é a duodecima variação do gregoriano, reproduzir-se-ha nos annos bissextos 1972, 2056, 2124, etc. etc., soffrendo então apenas algumas modificações no Computo Ecclesiastico.

Teria sido *totalmente* reproduzido nos annos 1893 e 1899 si estes tivessem sido *bissextos*; porem, porque foram *communis*, deu-se a reprodução somente a partir de 1.º de Março, inclusive, em diante, tendo occorrido assim os respectivos mezes de Janeiro e Fevereiro: